**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Victor Augusto Menezes Ribeiro

# Fronteiras do político em notícias sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Rio de Janeiro

2016

Victor Augusto Menezes Ribeiro

# Fronteiras do político em notícias sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.ª Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R484 Ribeiro, Victor Augusto Menezes.
Fronteiras do político em notícias sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo / Victor Augusto Menezes Ribeiro. – 2016.
125 f. : il.

Orientadora: Poliana Coeli Costa Arantes.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Pragmática – Teses. 4. Redação de textos jornalísticos – Teses. 5. Jornalismo e linguagem – Aspectos políticos – Teses. 6. Parada do Orgulho Gay – São Paulo (SP) – Teses. I. Amorim, Cláudia Maria de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085:[070.041:613.885]

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

_____ _____

Assinatura Data

Victor Augusto Menezes Ribeiro

**Fronteiras do político em notícias sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 12 de dezembro de 2016

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Poliana Coeli Costa Arantes (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Paulo Victor Leite Lopes

Universidade Cândido Mendes

Rio de Janeiro

2016

## AGRADECIMENTOS

A meu pai, minha mãe e demais familiares, que, do seu jeito, me formaram, me compreenderam e me apoiaram nas escolhas e não escolhas da vida.

Ao Rafael, meu amor, que acompanhou de perto a construção desse trabalho, por entender minhas ausências, me ouvir durante os momentos de mais ansiedade e estar sempre ao meu lado, porto seguro.

À minha orientadora, Poliana Arantes, pelos diálogos instigantes, pela presença constante e por acreditar mais em mim do que eu mesmo.

Aos professores Bruno Deusdará e Paulo Victor Leite Lopes, pelas contribuições valiosas e generosas, na banca de qualificação e fora dela.

Aos colegas de mestrado, em especial Amanda, Gabriel, Larissa, Paula e Sérgio, pelas contribuições em sala de aula, que auxiliaram a dar forma a este texto.

Aos meus amigos, por quase tudo (cada um a seu modo), em especial a Cássia, Elena, Fabine, Gabriela, Guilherme, Joseph, Lucas, Mateus, Micaela, Paula, Pedro, Rebeca, Tatiana, Thaís, Thomaz e Viviane.

Aos amigos da Companhia Teatral Nosconosco, Aline, Célia, Lucas, Ludo, Nanda, Pauline e Roberto, pela arte do presente.

À Michele, por me ajudar a tecer meu próprio fio de Ariadne.

Aos professores e funcionários do Instituto de Medicina Social, em especial Aleksandra, Aurilene, Ana Sílvia, André, Claudia, Elaine, Eliete, Flaviano, Gulnar, Horacio, José Carlos, Kornis, Kenneth, Marcia, Martinho, Rafaela, Rogério, Roseni, Rossano, Sílvia e Simone, por nunca duvidarem de mim e pelo apoio durante todo esse tempo.

Ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, na forma de toda sua gente, por fazer de mim o que sou, entre erros e acertos.

Ao Instituto de Letras da UERJ, minha segunda casa, em especial aos professores Angela Baalbaki, Claudia Almeida, Carmem Lucia Negreiros, Décio Rocha, Gustavo Bernardo, Marcus Motta e Vera Sant'Anna, por me fazerem ampliar minha paixão pela palavra e acreditar na potência do encontro.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, me proporcionaram chegar aonde cheguei.

Y a la vida, que me ha dado tanto.

Not living in fear is a form of activism.

*Bob the Drag Queen*

## RESUMO

RIBEIRO, Victor Augusto Menezes. *Fronteiras do político em notícias sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo*. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Desde sua criação, em 1997, até sua edição mais recente, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo suscita a atenção da mídia jornalística brasileira. Como qualquer discurso jornalístico, a cobertura efetuada sobre a Parada é apenas uma dentre as múltiplas perspectivas possíveis sobre ela. Dada a impossibilidade de apreender a totalidade de um acontecimento através da linguagem, tem-se que as notícias sobre o evento operam necessariamente por meio de recortes: o que e de que forma focar? Estejam os jornalistas conscientes ou não, tais recortes implicam uma produção de sentidos sobre a Parada. Nesse sentido, o interesse foi investigar a criação de fronteiras discursivas em algo que, a priori, não as tem, a partir de sentidos de política em disputa. A partir dessas considerações, seguindo a perspectiva das teorias enunciativas, com ênfase na vertente francesa da Análise do Discurso, na Semiolinguística e na Pragmática, este trabalho pretende investigar: quais os sentidos e fronteiras produzidos para o político na Parada LGBT pelo discurso jornalístico? Quais os mecanismos discursivos que possibilitam tal produção? Para tanto, realizamos um estudo longitudinal de caráter exploratório em nove coberturas do jornal *Folha de São Paulo*, entre 1997 e 2014, num intervalo quadrienal. Os resultados sugerem uma predominância de sentidos institucionalizados de política no texto do jornal, ligados a partidos, sindicatos e elementos prototípicos, apagando as possibilidades de modos outros de ações políticas.



Palavras-chave: Parada do Orgulho LGBT. Análise do discurso. Semiolinguística. Pragmática. Discurso jornalístico.

# RÉSUMÉ

RIBEIRO, Victor Augusto Menezes. *Frontières du politique dans les nouvelles sur la Marche des Fiertés LGBT de São Paulo*. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

De sa création, en 1997, jusqu'à son édition la plus récente, la « Parada do Orgulho LGBT de São Paulo » (Marche des Fiertés LGBT) attire l'attention des médias journalistiques brésiliens. Comme tout discours journalistique, la couverture de la Marche n'en est qu'une des perspectives possibles. Étant donné l'impossibilité de saisir la totalité d'un évènement à travers le langage, les nouvelles sur la Marche font appel à un découpage: quoi et comment cibler? Ces découpages impliquent, nécessairement, une production de sens sur la Marche. Notre intérêt alors était celui d'analyser la création de frontières discursives pour une dite réalité qui, a priori, n'en a pas, à partir des sens de la politique en dispute. A partir de ces considérations, depuis la perspective des théories de l'ennonciation, notamment la branche française de l'Analyse du Discours, la Sémiolinguistique et la Pragmatique, ce travail a comme but questionner: quels sens et fronteires sont produits pour la politique à la Marche des Fiertés par le discours journalistique? Quels mécanismes discursifs permettent une telle production? Pour ce faire, on a réalisé une étude longitudinale exploratoire en neuf couvertures du jornal brésilien *Folha de São Paulo*, entre 1997 et 2017, chaque quatre ans. Les résultats suggèrent une préponderance de sens institutionnalisés de la politique dans le texte du journal, liés à des partis, syndicats et à d'autres éléments prototipiques, tout en effaçant d'autres modes d'action politique.

Mots-clés: Marche des fiertés LGBT. Analyse du discours. Sémiolinguistique. Pragmatique. Discours journalistique.

## LISTA DE QUADROS


Quadro 1- Exemplo do levantamento temático ..... 32

Quadro 2- Temas encontrados nas reportagens selecionadas e categorias de análise ..... 35

Quadro 3- Enunciados contendo anáforas lexicais infiéis da Parada LGBT de SP (2001, 2005, 2009 e 2013) ..... 51

Quadro 4- Enunciados fundamentalmente descritivos (2001, 2005, 2009 e 2013) 57

Quadro 5- Enunciados contendo sintagmas nominais de participantes e formas de participação (1997, 2001, 2005, 2009 e 2013) ..... 63

Quadro 6- Fragmentos em discurso relatado explícito (direto, indireto e segundo) (1997, 2001, 2005, 2009 e 2013) ..... 83

Quadro 7- Discurso narrativizado: vozes reportadas e termos dicendi (2001, 2005, 2009 e 2013) ..... 94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| ADF | Análise do Discurso francesa |
| FSP | Folha de São Paulo |
| IVC | Instituto Verificador de Comunicação |
| LGBT | Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros |
| MHB | Movimento homossexual brasileiro |

**SUMÁRIO**


| | | |
|---|---|---|
| | **INTRODUÇÃO** ..... | 10 |
| 1 | **A PARADA DO ORGULHO LGBT: DA ORGANIZAÇÃO À RELAÇÃO COM A MÍDIA JORNALÍSTICA** ..... | 16 |
| 2 | **CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS** ..... | 22 |
| 2.1 | **Teorias enunciativas** ..... | 22 |
| 2.2 | **Metodologia** ..... | 29 |
| 2.2.1 | Seleção e recorte do corpus ..... | 29 |
| 2.2.2 | Categorias de análise ..... | 39 |
| 3 | **ANÁLISE E DISCUSSÃO** ..... | 47 |
| 3.1 | **Relato do evento** ..... | 47 |
| 3.2 | **Caracterização dos participantes** ..... | 62 |
| 3.3 | **Discurso relatado** ..... | 82 |
| | **CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... | 107 |
| | **REFERÊNCIAS** ..... | 110 |
| | **ANEXO A –** Página da notícia de 1997 - Parte 1 ..... | 114 |
| | **ANEXO B –** Página da notícia de 1997 - Parte 2 ..... | 115 |
| | **ANEXO C –** Página da notícia de 2001 - Parte 1 ..... | 116 |
| | **ANEXO D –** Página da notícia de 1997 - Parte 2 ..... | 117 |
| | **ANEXO E –** Notícia de 2005 (Cotidiano p. 1) ..... | 118 |
| | **ANEXO F –** Notícia de 2005 (Cotidiano p. 8) ..... | 119 |
| | **ANEXO G –** Notícia de 2009 (Cotidiano p. 1) ..... | 120 |
| | **ANEXO H –** Notícia de 2009 (Cotidiano p. 3) ..... | 121 |
| | **ANEXO I –** Notícia de 2013 (Cotidiano p. 1) ..... | 122 |
| | **ANEXO J –** Notícia de 2013 (Cotidiano p. 4) ..... | 123 |
| | **ANEXO K –** Notícia de 2013 (Cotidiano p. 5) – Parte 1 ..... | 124 |
| | **ANEXO L –** Notícia de 2013 (Cotidiano p. 5) – Parte 2 ..... | 125 |

# INTRODUÇÃO

Problematizada de Aristóteles e Platão a Nietzsche e Wittgenstein, a relação entre língua e realidade é uma das questões fundamentais da filosofia da linguagem. Quando se interessa pelo assunto, esta última se interroga: de que forma a língua é capaz de significar o mundo? O que une as palavras e as coisas?

Gustavo Bernardo, em seu livro de crônicas *Conversas com um professor de literatura*, sugere que a realidade é "não toda" (BERNARDO, 2013), isto é, que só seria possível termos acesso a parte dela: através da visão, não enxergamos os níveis microscópicos, nem os macroscópicos, as cores infravermelhas ou ultravioleta; pela audição, escapam-nos certas frequências. Somos, portanto, claramente incapazes de dar conta de *toda* a "realidade" por nós mesmos.

Ora, se nem os sentidos humanos são capazes de perceber a totalidade dos fenômenos, com a língua não poderia ser diferente. Ao referenciarmos o mundo empírico através das palavras, efetuamos um recorte inerente ao próprio funcionamento da linguagem, sem o qual nos perderíamos no caos dos dados sensíveis. Haveria, desse modo, uma abstração das características que diferenciam os diferentes "dados brutos da natureza", reunindo-as num só nome. Isso porque, como aponta Nietzsche (1978), "[t]odo conceito nasce por igualação do não igual, isto é, por convergência de um sem número de casos, mais ou menos semelhantes, mas que são claramente desiguais". Apesar de serem fundamentalmente diferentes, chamamos os mesmos elementos que compartilham de determinadas características de "pedra", "pessoa", "amor".

Essa igualação, com efeito, não é a mesma para as diferentes línguas e culturas, que agrupam e categorizam os dados do mundo de maneiras distintas. Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que essa igualação tampouco é a mesma dentro de uma própria língua, podendo variar conforme o lugar de fala dos sujeitos em interação verbal e a situação de comunicação (cf. CHARAUDEAU, 2007). O sentido, portanto, não é matéria estável na língua, atualizando-se a cada nova enunciação. Por ora, sugere-se que aquilo a que chamamos "igualdade", reunindo diferentes experiências, certamente não significa o mesmo para todos os indivíduos, a depender dos lugares onde circula.

Se válida para o nível lexical, isto é, se palavras recortam a natureza, a ideia também poderia se estender para o texto enquanto instância que referencia determinado fenômeno. Peça-se para um grupo de pessoas descrever determinada situação e haverá, certamente, tantas

*realidades* quanto for o número de indivíduos. Qualquer tentativa de descrição ou constatação dos "dados brutos ou imediatos" também seria, por sua vez, uma perspectiva, traduzida num texto. Nesse sentido, a correspondência perfeita entre os textos e as realidades a que eles fazem referência não passaria senão de uma ilusão. Mais do que *apontar*, a aposta que se faz é a de que textos *criariam* realidades: mundos possíveis, ainda que textualmente.

A constatação desse problema linguístico faz com que o filósofo Vilém Flusser (2007) chegue a afirmar que vivemos "em realidade dupla: na realidade das palavras e na realidade dos dados 'brutos' ou 'imediatos'" (p. 41). Poderia se afirmar, portanto, que toda utilização da linguagem é, em alguma medida, uma *ficcionalização*, por apresentar determinada perspectiva sobre o que seja o "real", ou, ainda, por criar uma realidade que se solidifica no verbo e no texto.

As afirmações anteriores lançam uma questão importante, em especial, para o âmbito jornalístico, produtor por excelência de textos cujos objetivos alegados são justamente *reportar os fatos* e *informar*. Tome-se, por exemplo, a missão do jornal *Folha de São Paulo* (FSP), disponível em seu website:

> **Produzir informação e análise jornalísticas** com credibilidade, transparência, qualidade e agilidade, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e rentável conglomerado de empresas de comunicação, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania. (FOLHA DE SÃO PAULO, s/d, grifo meu)[1]

Caminho semelhante adota o jornal *O Globo*, cujos princípios editoriais advogam: "Pratica jornalismo todo veículo cujo propósito central seja **conhecer, produzir conhecimento, informar**" (O GLOBO, s/d, grifo meu). Seu papel parece, assim, o de uma ponte que ligaria o fato ao interlocutor, pressupondo certa isenção do enunciador, do código e, mesmo, do receptor, que aparece como instância passiva e "é informado".

Contudo, apesar dos esforços das equipes jornalísticas em transmitir a "verdade", evidenciados pelos trechos supracitados, parte-se do pressuposto de que a leitura dos noticiários sobre os eventos não coincide nem pode coincidir necessariamente com *a* realidade, senão com *uma* realidade, que toma vida no texto: "os enunciados só representam o mundo no sentido de produzirem uma certa versão desse mundo, ou seja, de intervirem nesse mundo" (ROCHA, 2006). Os jornalistas devem, assim, "traduzir" para suas próprias línguas o que sejam os fatos, e nessa tradução há perdas (inevitáveis, porque dadas pelo próprio uso da

[1] http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml

palavra), mas também ganhos: realidades possíveis e surgidas no texto. Como aponta Arantes (2010, p. 11),

> a escolha dos acontecimentos a serem narrados (a tematização), as palavras escolhidas, a orientação argumentativa (a problematização), a organização semiótica, a formatação das páginas e os comportamentos enunciativos demonstram posições da instância de produção jornalística.

Ao contrário do que possa parecer, não afirmo que esse recorte seja plenamente consciente. Se admitíssemos essa possibilidade, o trabalho seria somente o de denunciar uma suposta manipulação deliberada de uma realidade preexistente em função de tal ou qual objetivo. Compreende-se aqui apenas que a linguagem não seria um instrumento transparente do qual o jornalista se serve para compor um texto e reportar um fato. Do mesmo modo, parte-se do pressuposto de que não haveria uma verdade primeira, em direção da qual caminha ou se afasta a linguagem. Admite-se, antes, a existência, com Charaudeau (2013), de um "mundo a significar", mais ou menos disforme, transformado pela notícia em "mundo significado", a quem é dada uma forma, uma solidez. Essa transformação, aponta o autor, não seria uma representação do mundo, senão a representação de uma relação, havendo, portanto, uma disputa textual e ideológica sobre a chamada "realidade".

Algumas "realidades", a meu ver, seriam objeto de maior disputa – ou, ao menos, de disputas mais circulantes na sociedade, dispersadas em textos como notícias, conversas informais, manifestos, crônicas, estatísticas, etc. Meu histórico de militância na causa LGBT identifica na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo uma delas. Como veremos mais adiante, tal dispersão apontaria para um evento que escapa às estabilizações.

Tendo sua primeira edição em 28 de junho de 1997, na Praça Roosevelt, centro da cidade, da qual participaram pouco mais de 400 participantes, segundo a mídia local (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997), a Parada cresce ano a ano em termos de participantes e infraestrutura. Recordes de público são quebrados. Pouco tempo depois, a Parada se torna um evento do calendário anual da cidade, incluído na agenda de turismo local e recebendo subvenções como um evento que atrai receita para a cidade.

Na medida de sua expansão, a Parada do Orgulho LGBT se organiza "segundo um modelo bastante próprio, cujos contornos não estão ainda muito bem estabelecidos" (CARRARA, 2006, p. 68). Se em sua inauguração ela se assemelha a uma manifestação de moldes mais prototípicos, com o passar do tempo, observa-se uma mudança em sua feição, que iria "carnavalizando-se progressivamente" (p. 68). Como deixa entrever o antropólogo, a

Parada parece, então, se situar numa zona fronteiriça e difusa, entre algo que não é propriamente um carnaval fora de época, nem tampouco uma passeata ordinária.

Essa forma festiva, contudo, desponta no senso comum como um apagamento da função política da manifestação (SUIAMA, 2006), como se ambas fossem incompatíveis. Ainda assim, há quem defenda que seja possível identificar na organização das Paradas no Brasil "uma alegre subversão do heterossexismo vigente e a abertura do corpo ao desejo [que] integram inseparavelmente a luta pelo reconhecimento do direito fundamental à diversidade sexual" (SUIAMA, 2006). Essa posição, como se verá adiante, guarda relação íntima com a própria constituição do movimento homossexual no Brasil.

Buscando fugir dessa polarização prévia, compreende-se a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo como uma dinâmica de resistência, isto é, instância criativa, marcadora de "outras formas válidas de existências, outros modos de ser até então lançados para fora de certo regime de subjetividade" (SOUZA, 2003, p. 47) – outras formas de protesto e festa, à margem do instituído. A Parada inauguraria, a seu modo, uma nova maneira de situar uma minoria na sociedade, através da celebração como forma de fazer política – sem, no entanto, ignorar sua dimensão econômica, como provedora de recursos de turismo para a cidade. Desse modo, sua cobertura jornalística se apresentaria como instância de poder (cf. FOUCAULT, 1995), na medida em que extrai dessa prática política um *saber* e lhe confere uma forma.

As considerações de Carrara (2006) e Suiama (2006), acima, aliadas à minha percepção a partir de meu percurso de militância, permitem entrever, a princípio, duas linhas gerais para o que seja essa forma instituída da Parada do Orgulho LGBT: uma forma festiva (onde se incluiria o interesse econômico, abordado mais adiante) e uma forma político-manifestante voltada para o segmento LGBT. Além disso, haveria uma tendência a distinguir e polarizar essas práticas, como se as ações no mundo tivessem uma fronteira prévia.

Frente ao exposto, o interesse recai sobre a intervenção da linguagem na criação dessas fronteiras, pressupondo-as como realidades dadas pelo linguístico, e não por si mesmas. Para tanto, entende-se a Parada do Orgulho LGBT como evento inscrito numa rede de textos (convocações, palavras de ordem, músicas, discursos) que, por sua vez, são retomados pela instância jornalística, produzindo sentidos. Assim, parte-se do pressuposto de que, incapaz por natureza de dar conta de uma realidade complexa e difusa como a Parada, a língua seria a responsável pela **produção** de realidades através da lida com essa rede textual. Essa nova rede, materializada no texto, mas ofuscada por sua aparente unidade, condiria não apenas com aquilo que é possível dizer sobre a "política" mas, também, com aquilo que

interessaria ao jornal dizer. Note-se que essa posição parte da ideia de uma consideração da língua como terreno não neutro, dentro do qual se implicam tanto os interlocutores (jornalistas e leitores) quanto outros dizeres acerca da Parada LGBT.

Não pretendo, todavia, indagar "o que é a Parada, segundo o jornal?", procedimento que seria pouco profícuo, por pressupor uma resposta única e não se debruçar sobre os processos responsáveis para tanto. O objetivo é, antes, questionar: que práticas linguístico-discursivas produzem e dão forma à política da Parada LGBT na mídia jornalística impressa brasileira, criando contornos onde antes não havia e separando-as de demais práticas a ela atribuíveis (social, econômica etc)? Ao fazê-lo, acredito no "político", não como ponto de partida, mas como ponto de chegada, produzido pela dinâmica de saber do discurso jornalístico. A notícia, portanto, não apontaria realidades dadas, pré-existentes ao texto, mas sim realidades que ganham existência e cristalização[2] no discurso, e que reverberam e são reverberadas por outros textos – falas de LGBT, pedidos de financiamento do evento, pronunciamentos políticos, dentre outros.

Inicialmente, meu primeiro caminho de investigação compunha-se de uma análise comparativa entre jornais brasileiros e franceses, graças a minha experiência como professor da língua. Com isso, buscava verificar as realidades criadas por notícias de países distintos, tomando como *corpus* notícias de diferentes anos que se referissem ao mesmo evento. Contudo, apesar do destaque da Parada LGBT de São Paulo dentre os eventos do tipo no mundo, notei uma inconstância em sua abordagem por jornais franceses: a Parada LGBT só se torna um evento merecedor de destaque na imprensa francesa quando relacionada a algum indivíduo ou fato do universo conhecido do suposto público alvo. É o caso, por exemplo, da cobertura da Parada paulista de 2013, que recebe atenção da mídia devido à participação de Daniela Mercury, cantora brasileira de projeção internacional que havia assumido recentemente sua relação com uma mulher (MORTAIGNE, 2013).

Tendo isso em vista, optei por desconsiderar a abordagem de jornais estrangeiros e dar preferência a um único jornal local, situado em São Paulo, buscando um número aparentemente menor de instâncias mediadoras entre o "fato" e o leitor: Parada - equipe jornalística – suporte - público. Com isso, elegi o jornal *Folha de São Paulo* como *corpus* privilegiado.

[2] Nesse momento, retomamos a consideração de Rocha sobre o fenômeno da cristalização. Para o pesquisador, este "pressupõe a solidificação, a estabilização de forças que antes se encontravam em estado amorfo, sendo ainda conseguido um grau de extrema limpidez e transparência (qualidades típicas do cristal)" (ROCHA, 2011).

Essa eleição se deu, inicialmente, por conta da cobertura anual do periódico desde a criação da Parada LGBT, o que abriu a possibilidade de uma investigação mais detalhada sobre como ela vem sendo construída ao longo dos anos na mídia jornalística impressa brasileira. Esse recorte também parecia convir para um objetivo secundário da dissertação: realizar um estudo longitudinal com o intuito de verificar os possíveis deslocamentos de sentidos da política na Parada desde o início de sua cobertura. Além disso, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO, 2016) a FSP ocupa lugar de destaque de vendas na mídia impressa do país, o que garantiria um maior alcance das notícias produzidas.

Para situar o leitor, o primeiro capítulo traça um percurso do movimento homossexual brasileiro e da constituição da Parada no Brasil, seus conflitos e contradições e suas relações com o jornalismo. No capítulo dois, são apresentados os aspectos teóricos que dão base ao estudo e fundamentam os instrumentos de análise. Mais à frente, esclareço a metodologia seguida, da seleção e recorte do corpus ao estabelecimento das categorias de análise. Finalmente, no terceiro capítulo, apresento uma aplicação do quadro teórico e a análise do material, conjugada a uma discussão sobre os achados dos processos linguístico-discursivos que configuram sentidos para a política na Parada LGBT de São Paulo.

A partir deste trabalho, espero ser possível desnudar uma parte importante do processo de perpetuação de uma opinião pública e de uma memória social sobre uma minoria política para quem a visibilidade é palavra de peso. Uma memória social que arrisca valer como história única.

# 1 **A PARADA DO ORGULHO LGBT: DA ORGANIZAÇÃO À RELAÇÃO COM A MÍDIA JORNALÍSTICA**

Compreender a singularidade da Parada LGBT enquanto instrumento de luta de um grupo socialmente estigmatizado requer que se retorne aos primórdios da própria constituição do movimento de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros no Brasil. Isso porque, apesar de se inspirar num modelo americano, como veremos mais à frente, a Parada do Orgulho no Brasil tem traços bastante próprios, muito devidos às características da organização política dos homossexuais no Brasil. Por essa razão, traçarei neste capítulo um breve percurso da constituição desse movimento, buscando situar histórica e socialmente o objeto em questão, bem como apontar as tensões que suscitam e que justificam a realização desta pesquisa.

De acordo com Regina Facchini (2012), pode-se atribuir o surgimento do movimento homossexual brasileiro (MHB) aos anos 1970, ainda no contexto de forte repressão da Ditadura Militar do país. Como marco dessa luta, desponta a criação do grupo *Somos*, em 1978, o primeiro a afirmar "uma proposta de politização da homossexualidade" (FACCHINI; FRANÇA, 2009). Na mesma época, também se destacam no país o movimento feminista, as primeiras organizações do movimento negro, bem como a intensa atividade de grupos de esquerda (FACCHINI, 2012; FACCHINI; FRANÇA, 2009), caracterizando nichos de resistência.

Antes disso, no que tange aos indivíduos heterodiversos, o que havia eram os chamados "guetos", locais com maior propensão à circulação de homossexuais e travestis. Restringia-se, assim, a atuação gay a espaços como bares, bailes de carnaval, etc. (FACCHINI, 2012). O movimento dos anos 70 surge, portanto, em contraste com uma tendência à atuação em espaços de "sociabilidade", muitas vezes identificados como "não politizados". Tem-se, desse modo, dentro do próprio movimento, uma tensão entre espaços ditos políticos e não políticos, que se manterá com maior ou menor intensidade ao longo da consolidação da luta homossexual no país. Ainda assim, as atividades de sociabilidade e lazer não desaparecem por completo, sendo muitas vezes conjugadas com reuniões de grupos militantes (sobretudo em São Paulo), de modo que as duas tendências viriam a influenciar sobremaneira a adesão às Paradas no Brasil (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p. 60).

Com a ampliação da atuação do movimento, ocorre, em junho de 1980, aquela que será considerada a primeira manifestação pública organizada por e em prol de homossexuais, um ato contra o delegado Wilson Richetti, responsável à época por uma tentativa de "tirar das

ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas", acionando para tanto a Polícia Militar de São Paulo, numa violenta sucessão de operações de "limpeza urbana". No ato, por volta de mil pessoas se reúnem diante do Teatro Municipal para gritar palavras de ordem e pedir a exoneração do delegado (TREVISAN, 2006).

Ainda nos anos 1980, o movimento se intensifica, conhecendo um período de aumento da visibilidade pública da homossexualidade, com a lenta expansão de um mercado de bens e serviços destinado ao público homossexual e a chegada da epidemia da Aids. Caracteriza-se, assim, o que Facchini (2005; 2011) identifica como uma "segunda onda" no movimento, que propicia grande visibilidade à questão da homossexualidade, bem como às políticas de enfrentamento à epidemia da síndrome.

Com a diminuição do "pânico" provocado pela doença (FACCHINI, 2011), o chamado "mercado GLS" torna-se "*locus* central para o ativismo homossexual", sobretudo em São Paulo, ao longo dos anos 1990 (RAMOS; CARRARA, 2006), acompanhando a tendência dos espaços de sociabilidade como espaços de resistência, ao mesmo tempo em que associa consumo e direitos.

O terceiro grande *tournant* do movimento é justamente a consolidação das Paradas do Orgulho, no final da década de 1990. No Rio de Janeiro, em 1995, o encerramento da 17ª Conferência Anual da Associação Internacional de Gays, Lésbicas e Travestis culmina com centenas de participantes e simpatizantes na chamada Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis. Na Avenida Atlântica – cartão postal da cidade –, manifestantes levam cartazes e bandeiras, repetindo palavras de ordem, atrás de um carro emprestado pelo sindicato dos bancários (GREEN, 2000 *apud* PARIS, 2015). Em 1997, em São Paulo, organiza-se, com aproximadamente duas mil pessoas, a primeira edição daquela que, dentro de alguns anos, se tornaria a maior Parada LGBT do mundo – que na época recebia o nome de Parada GLT (gays, lésbicas e travestis)[3].

Desde o início, o objetivo da Parada orbita em torno da estratégia de visibilidade massiva da homossexualidade, ainda que tal objetivo seja matizado ao longo dos anos (mais voltado para questões de luta contra a homofobia ou de conquista de direitos legais). Com

[3] A questão do nome do movimento é objeto de discussão de inúmeras publicações, dentre as quais destacamos a de Facchini (2005). Longe de constituir unanimidade, ela é fruto de disputas internas ao próprio movimento. Sem pretender a exaustão, ressalto aqui que o movimento inicia seu percurso com a denominação GLT. Posteriormente, incluíram-se os bissexuais no nome do movimento, criando-se a sigla GLBT. Mais tarde, em 2008, o movimento opta por conferir maior visibilidade às questões lésbicas, invertendo as letras iniciais e configurando o termo LGBT. Atualmente, muitas siglas ainda entram na "disputa", buscando maior visibilidade para tal ou qual segmento: LGBTT (sendo os TT, travestis e transexuais), LGBTTQ (sendo o Q, "queer"), dentre outros. Para fins desta dissertação, adoto a sigla LGBT, usada mais modernamente pelos organizadores da Parada para nomear o evento.

efeito, no que diz respeito particularmente à Parada de São Paulo, não é gratuita sua instalação na principal avenida da cidade, símbolo de sua centralidade econômica e cultural.

A visibilidade engendrada pela Parada, contudo, abre precedentes para uma relação bastante delicada entre cidadania e consumo. Acompanhando o movimento, empresários do chamado "mercado GLS" (gays, lésbicas e simpatizantes) descobrem rapidamente o elevado poder de compra desses indivíduos, estimulando um nicho de mercado conhecido como "Pink Money". Com isso, surge "uma nova postura entre o público consumidor, que atua na garantia de seus direitos ao consumo como um caminho para a conquista de cidadania" (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p. 61).

Tal postura tem reflexos importantes na dinâmica da Parada. Em 1999, aceita-se pela primeira vez a presença de trios elétricos capitaneados por boates e bares, o que altera profundamente a organização do evento, passando, na visão de alguns, "de uma denúncia política militante (embora lúdica) para uma celebração explosiva e incontida do orgulho gay, tão entusiasmada e extravagante a ponto de poder ser considerada um carnaval fora de época em pleno sudeste do Brasil" (BUTTERMAN, 2012, p. 37). Nos anos seguintes, a Parada passa a receber apoio do Ministério da Saúde e da Prefeitura de São Paulo (em 2000) e da iniciativa privada, por parte da empresa de internet iG (em 2001). Mais recentemente, outras instituições privadas se inserem entre os financiadores da Parada: desde empresas de preservativos a canais de TV. Ao longo do tempo, são também criados diversos outros eventos paralelos, que rapidamente entram na agenda oficial da cidade como eventos anuais, como o "Gay Day" do parque de diversões Hopi Hari (BUTTERMAN, 2012, p. 40).

Parece haver, portanto, uma dinâmica retroalimentada no que tange à organização da Parada LGBT: com mais visibilidade (internacional inclusive), amplia-se o interesse do *investimento* de capital privado e estatal no evento, movimentando mais dinheiro e permitindo o crescimento da manifestação. Não por acaso: em 2007, a Parada paulistana chegava a ser a responsável por aproximadamente 10% do faturamento anual da cidade com turismo e hotelaria (MACHADO; PRADO, 2007, p. 253). A presença desse patrocínio, é claro, não vem sem questionamentos: que consequências isso pode ter sobre o espaço de liberdade na organização do evento? Quais seriam suas implicações? (MACHADO; PRADO, 2007, p. 255)

Outro ator importante dentro da complexidade da organização das Paradas LGBT no Brasil – e, por extensão, da própria organização do MHB – é a mídia, seja a jornalística ou aquela ligada ao entretenimento, o que justifica em parte a relevância deste trabalho. No caso desta, são notáveis as aparições, em filmes, telenovelas e seriados, de personagens mais ou

menos caricaturais, destinados a um humor muitas das vezes identificado como depreciativo, ou “higienizados”, com traços heteronormativos calcados num determinado padrão de masculinidade. Daí as insistentes campanhas do movimento por uma dita representação positiva da diversidade sexual na mídia.

Tal desejo de uma representação positiva liga-se, em maior medida, com a delicada relação estabelecida entre diversidade sexual e jornalismo no Brasil, ao longo dos anos. Durante muito tempo, travestis e transexuais figuram nas páginas policiais, ora no papel de criminosas, ora no papel de vítimas de violência. Na década de 1980, a cobertura midiática da epidemia de Aids – e o pânico associado a ela – vincula sobremaneira a homossexualidade à morte, então nomeada de “câncer gay”, numa perigosa relação de causa e consequência. Ao longo da metade do século XX, a mídia jornalística dispensa um tratamento questionado por muitos acerca da questão das sexualidades diversas.

Ainda que se possa reconhecer certa “permeabilidade” da questão nas mídias em geral, Leal e Carvalho (2012) sublinham:

> (...) essa atenção à homofobia e às realidades LGBT não se apresenta, ao olhar mais cuidadoso, sem contradições. Ao contrário, ela se dá exatamente em meio a esse conjunto de tensões que fazem da homofobia um campo problemático frente ao qual as mídias e notícias se posicionam, às vezes provisoriamente e para além de determinações fáceis e visões homogeneizadoras rápidas (p. 13).

Logo, a questão que envolve a mídia e a diversidade sexual se apresenta como um problema bem mais complexo do que considerar ou não determinada plataforma jornalística “*gay friendly*”. Coletto (2012), entrevistando ativistas ligados ao movimento social LGBT no Rio de Janeiro, deixa entrever uma tensão interna, sobretudo no que diz respeito à organização da Parada LGBT. Enquanto alguns ativistas afirmam existir um enfoque pouco político e demasiadamente “festivo” da manifestação, outros sustentam o justo contrário: uma cobertura “respeitosa” em determinados jornais.

Isso se torna tanto mais relevante quanto se amplia a dimensão da Parada, bem como sua visibilidade midiática: acaloram-se as discussões sobre sua aparente despolitização, muitas das quais dividem, inclusive, o próprio movimento. De um lado, práticas políticas de cunho mais “festivo”, vistas como menos “aborrecidas” e podendo proporcionar aos militantes uma ampliação de seu espaço social e político e questionar a ordem estabelecida ao mesmo tempo em que expressam reivindicações (PARIS, 2015, p. 96); de outro, ações mais “incisivas”, onde a tônica seja dada pela reivindicação em si.

Frente a isso, encontro em Butterman (2012) um questionamento que ecoa neste trabalho: “Será que não há uma dimensão política também na ação de drag queens e

participantes fantasiados? Ou seja, por que a tendência em considerar a dimensão festiva como antipolítica?" (p. 82). Silva (2006 apud PARIS, 2015, p. 96) identifica na Parada uma "reestruturação na forma de manifestação política, com a aproximação da festa à política, prática até então impensável", e que se coaduna com certa disposição em associar a práxis política à estética, no movimento LGBT (COTTA; CABRAL FILHO, 2015). Com efeito, Chaves (2003), pesquisando sobre as "festas políticas" no município de Buritis – MG, aponta que "as festas políticas eram vistas como sinônimo de atraso", constituindo, não apenas para o etnógrafo, "um enigma compartilhado" (p. 68)[4]. Dessa maneira, colocamo-nos diante de um objeto multifacetado, que alia práticas julgadas incompatíveis entre si.

Ademais, outro caminho encontrado pelo MHB (mas não só por ele), no que diz respeito ao posicionamento de homossexuais, bissexuais, travestis e transgêneros na sociedade, pauta-se no uso do humor e da jocosidade, frequentemente associado a certa atuação "fechativa"[5]. Testemunham esse processo diversos atores, como o jornal *Lampião da Esquina*, periódico humorístico editado no final da década de 1970, o grupo *Secos e Molhados*, sobretudo na figura do cantor Ney Matogrosso, e o grupo teatral *Dzi Croquettes*. Esse tipo de atuação, todavia, não se faz sem críticas, muitas delas vindas dos próprios militantes, que afirmam que "além de ser uma reprodução de estereótipos, [ele] não leva a nenhuma mudança, seu humor funcionando mais como uma forma de anestesia" (MACRAE, 2011, p. 33).

A chave, portanto, não seria investigar se determinado jornal cobre a Parada como X ou Y, até porque a pluralidade de vozes dentro do próprio movimento, indicada por Coletto (2012), revela que isso não é evidente. Na verdade, a questão parece centrar-se, muito mais, nos mecanismos linguísticos e discursivos que permitem capturar o político, distinguindo-o e isolando-o de certa "prática festiva".

Seja qual for o peso atribuído ao caráter festivo da Parada, é inegável que ela tenha auxiliado a propiciar boa parte dos avanços para o movimento, sobretudo no nível governamental (sem pressupor, naturalmente, uma relação de causa e efeito). Até o ano de 2011, mais de 80 conferências nacionais foram promovidas pelas gestões de Lula e Dilma

[4] É preciso, contudo, traçar uma diferença nos contextos dos eventos evocados: enquanto as festas políticas citadas pela autora se ligam a eventos arraigados no partidarismo e na democracia representativa, as Paradas não se vinculam diretamente, a priori, às eleições. Além disso, o contexto estudado e etnografado pela autora se restringe aos primeiros anos da redemocratização do país. Finalmente, a autora traça uma longa consideração acerca do papel do personalismo (cf. Roberto DaMatta) nessas festas, algo que, numa aproximação preliminar, não parece ocorrer nas Paradas LGBT.

[5] A "fechação" concerne ao que seria compreendido como a "desmunhecação", isto é, o "escândalo" e a "afetação" como reações a certa higienização da homossexualidade (MACRAE, 2011)

Rousseff para tratar da cidadania de indivíduos gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (AGUIÃO, 2012). Além da parada, Lacerda (2004) aponta o papel importante de se pautar a violência contra LGBT na grande mídia brasileira na construção da noção de "homofobia", em especial enquanto problema social. De maneira semelhante, Leal e Carvalho (2012) mapeiam uma dispersão considerável do termo em jornais entre 2008 e 2010. Ao se reconhecer "a especificidade, e, ao mesmo tempo, da diversidade de formas de violência que atingem homossexuais" (VIANNA; LACERDA, 2004 apud RAMOS; CARRARA, 2006), através do movimento e da visibilidade alcançada, dá-se forma a políticas voltadas para o segmento, como as Conferências Nacionais de Políticas Públicas LGBT e o Programa Brasil Sem Homofobia (CONSELHO, 2004), dentre outros.

Por essa razão, caberia retomar a relevância desta pesquisa em termos de seu corpus e de sua relação com o social. Ainda que se considere sua timidez frente às novas tecnologias de informação, a mídia jornalística impressa ainda parece ter papel fundamental na configuração da opinião pública e, por extensão, da memória social. Desse modo, levando em conta a importância (declarada) da *visibilidade* dos sujeitos no vocabulário da política do movimento, visou-se com esta análise cartografar precisamente que visibilidades têm sido iluminadas, a partir da criação de fronteiras para os sentidos do político nas Paradas LGBT.

Para tanto, fazem-se necessárias algumas considerações sobre as perspectivas de língua, texto e discurso que embasam esta investigação, bem como uma caracterização do corpus para o qual ela se volta.

# 2 **CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

## 2.1 **Teorias enunciativas**

Ao falar de “teorias enunciativas”, termo razoavelmente genérico, é preciso ter a consciência de se estar abordando, sob mesma denominação, teorias bastante diferentes entre si – às vezes até contraditórias, se observadas sob determinados aspectos. Naturalmente, apesar dessas diferenças, as teorias enunciativas apresentam um ponto comum, sendo justamente esse o centro de interesse para a investigação do objeto desta pesquisa. Na chamada Linguística da Enunciação, em concepção “ampla”, interessa “descrever as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos do quadro enunciativo” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012). Abrem-se caminhos, portanto, para uma sistemática dos diversos elementos que compõem a ação enunciativa, sobretudo em relação ao papel dos interlocutores em interação e das chamadas condições de produção dos discursos, tal como advogado pela Análise do Discurso francesa (ADF). Nesta última, interessam-nos particularmente as contribuições de Dominique Maingueneau (1996; 1997; 2008; 2013) e a Semiolinguística de Patrick Charaudeau, juntamente com sua proposta do contrato de comunicação midiático (2013; 2014), bem como a concepção dialógica da linguagem, de Mikhail Bakhtin (1997), de cuja fonte a ADF bebe. Além desses autores, também nos apoiamos em noções concebidas por Oswald Ducrot (sobretudo no que se refere aos pressupostos e subentendidos como unidades de análise) (1987) e Jacqueline Authier-Revuz (quando trata das heterogeneidades mostrada e constitutiva do discurso) (1984).

Para trilhar esse caminho, contudo, é preciso ter claras desde o início algumas concepções-chave. A primeira e talvez principal delas, a de sentido. Neste trabalho, assim como em diversos outros de abordagem discursiva, parte-se da ideia de que a língua não se restringe à sua gramática e ao seu léxico, de modo que o sentido apareceria como não sendo dado pela língua em si. Sustenta-se, ao contrário, que os sentidos circulam socialmente e se dão na materialidade dos textos, não sendo “transparentes” nem frutos de um projeto inteiramente consciente de dizer. Assim, a intenção do produtor do texto (no caso, do jornalista) não é central nem dominante para que ele se realize. Tomando a ideia anterior como pressuposto, o trabalho seria o de simplesmente recuperar um sentido “escondido” nos

enunciados produzidos pelo autor, tal como num palimpsesto ou na interpretação textual, o que não é o caso.

Isso porque também baseamo-nos a ideia de que a língua é um fenômeno eminentemente *dialógico*, noção tomada de empréstimo da obra de M. Bakhtin (2004): as palavras e enunciados estão atravessados tanto pelos usos que já se fizeram deles quanto pelos que ainda se poderão fazer, de modo que o sentido não é um dado, mas uma disputa que se faz a cada uso seu num texto. Essa noção tem como consequência a constatação de que todo texto é, por natureza, permeado pela palavra do outro, marca da chamada *heterogeneidade enunciativa* (cf. AUTHIER-REVUZ, 1984), isto é, de formas mais ou menos mostradas da presença do outro, que constitui o discurso.

Essa heterogeneidade, segundo Authier-Revuz, se divide em *mostrada* e *constitutiva*. Do lado da *heterogeneidade constitutiva*, repousa a ideia mesmo da linguagem enquanto fenômeno dialógico, não havendo, portanto, "discurso inaugural". É o que advoga Bakhtin (*apud* FLORES, 1998, p. 14), ao afirmar que "a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto". Do lado da *heterogeneidade mostrada*, são inúmeras e quase incontáveis as ocorrências: discursos relatados (direto, indireto, segundo, direto livre, indireto livre...), negações polêmicas, o uso de aspas, itálicos, citações, alusões, ironia, pastiche, estereotipia, pressupostos, etc. (AUTHIER-REVUZ, 1984, p. 98), *marcada* ou *não marcada*. A heterogeneidade marcada, assim, tensiona o fenômeno dialógico da linguagem, na medida em que só ilusoriamente o discurso do outro existe no que é mostrado. Em outras palavras, a palavra alheia constitui a própria linguagem, ao passo que as formas marcadas não seriam senão efeitos de transparência daquilo que o outro diz.

Ora, se o sentido não é de domínio do autor do texto[6], poder-se-ia sustentar que ele seria de responsabilidade do leitor empírico do texto produzido, que construiria o *seu* sentido a seu bel-prazer. Mais uma vez, tal concepção incorreria num engano: dito dessa forma, teríamos a impressão de que esse leitor seria livre para compreender o que quisesse, o que também não é verdade. Nas palavras de Bakhtin (2004, p. 95): "para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística".

[6] A noção de autor é também problemática em Análise do Discurso, sobretudo em função do já mencionado caráter dialógico da linguagem: se o texto é constituído de diversas vozes, quem seria seu autor efetivo?

Frente a esse suposto impasse, este trabalho se posiciona junto a diversos outros autores das correntes discursivas: seriam fornecidas, antes, pistas para *efeitos de sentido* recuperáveis na superfície textual. Essas pistas poderiam ou não coincidir com o projeto e as intenções do autor do texto – mas não seria de interesse recuperá-los. Na formulação de Barbi (1999, p. 203), "todo enunciado ou sequência de enunciados é linguisticamente descritível como uma série de 'pontos de deriva possíveis'". Sendo assim, o trabalho do analista seria o de buscar o espaço de interpretação deixado por esses pontos de deriva, através de uma série de dispositivos de análise. Essa concepção, portanto, se coaduna com o objetivo de buscar pistas linguísticas nos textos jornalísticos que permitam recuperar efeitos de sentido para a Parada LGBT de São Paulo. Não se pretende realizar, portanto, um trabalho de interpretação, o que pressuporia um único sentido a se recuperar, mas uma investigação daquilo que permite a produção de sentidos, que não estão dados pelas palavras em si.

Tendo em vista a dimensão dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2004), essa busca envolve também aspectos aparentemente periféricos da produção textual. Tais aspectos se referem tanto aos sentidos atribuídos à Parada ao longo do tempo (outros textos produzidos sobre ela, manifestos ou não nas notícias investigadas) quanto aos lugares ocupados pelas diferentes vozes responsáveis pelo que é dito sobre o evento (notadamente na relação das mídias com o ativismo social e com seu público, razão pela qual dedico nesta dissertação um capítulo sobre essa relação). Se enfatizo o caráter relacional da produção linguística, é por ter como base a proposta bakhtiniana de que a enunciação só se torna efetiva entre falantes (BAKHTIN, 2004), englobando, ainda, a relação estabelecida com outros textos, numa "verdadeira encruzilhada intertextual em que a palavra do enunciador é constantemente habitada por outras, tecida de seu eco" (MAINGUENEAU, 1996, p. 26).

Digo que todos esses aspectos são "aparentemente periféricos" por considerar também as colocações de Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos* (2008). Segundo a proposta do autor sobre a chamada "semântica global", não seria possível supor uma enunciação em que se escolheria previamente um tema (a Parada), para então escolher um gênero (notícia), para então optar por um vocabulário e em seguida apor a eles falas e outras citações. De acordo com o autor, todos esses elementos seriam tomados simultaneamente e fariam parte do discurso jornalístico – mais especificamente do jornalismo impresso. Haveria, assim, uma série de restrições impostas pelo lugar ocupado pelo jornal analisado, que determinariam a possibilidade de serem trazidas diferentes citações (e não outras), de ser

empregado certo "tom" (e não outro) e de serem abordados certos temas (e não outros)[7]. Tudo isso remete às pistas deixadas pelo texto para recuperar os efeitos de sentido possíveis sobre o evento investigado.

Para Patrick Charaudeau (2013), "todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge" (p. 67). Essas condições dão origem a uma espécie de "contrato", que exigiria certo número de regras conhecidas por ambos os participantes (sem necessariamente ser objeto de um acordo explícito) e sanções previstas para quem as transgredir (CHARAUDEAU, 2013). O próprio fato de se enunciar já pressuporia aceitos, por ambas as partes, os termos desse contrato. No âmbito jornalístico, como em qualquer outro, tanto o locutor deve supor que o interlocutor-destinatário é capaz de reconhecer essas regras quanto este deve "supor que aquele que se dirige a ele tem consciência dessas restrições" (CHARAUDEAU, 2013).

Essas restrições, para Charaudeau (2013) apontam, ao mesmo tempo, para dados externos, relativos à situação de comunicação (nesse caso, à elaboração da notícia), e internos, relativos ao domínio discursivo propriamente dito.

No que se refere aos dados externos, o linguista francês reconhece quatro condições: de *identidade* – a natureza social e psicológica dos falantes, seus traços identitários que podem ou não ser relevantes em determinada troca verbal; de *finalidade* – que requer que a comunicação tenha um ou mais objetivos (fazer fazer, fazer saber, fazer crer e fazer sentir); de *propósito* – que pressupõe que sejam pertinentes os temas tratados na comunicação; e de *dispositivo* – relativo ao canal de transmissão utilizado e à construção particular desse ato de comunicação (desde o próprio fato de estar num jornal à diagramação elencada para tal).

Já os dados internos se referem às restrições discursivas de todo ato de comunicação, comportamentos linguageiros esperados, que se dividiriam em: espaço de *locução* – no qual o sujeito falante deve justificar por que fala, conquistando seu direito de poder comunicar; espaço de *relação* – no qual se estabelecem relações de força, aliança, exclusão, inclusão, agressão ou conivência com o interlocutor; e espaço de *tematização*, onde se tratam os temas da troca. Sobre esse último, Charaudeau (2013, p. 71, grifos do autor) aponta:

> o sujeito falante deve não somente tomar posição com relação ao tema imposto pelo contrato (aceitando-o, rejeitando-o, deslocando-o, propondo um outro), escolhendo um *modo de intervenção* (diretivo, de retomada, de continuidade), mas também escolher um *modo de organização discursivo* particular (descritivo, narrativo, argumentativo) (...)"

[7] Essas restrições, ressalta o autor, diferem de um dispositivo retórico, uma vez que não haveria um procedimento (vocabular, tonal, temático...) mais adequado ao seu suposto "projeto de dizer" – cuja centralidade recusamos alguns parágrafos antes.

Uma vez definidos esses dados, no âmbito jornalístico, três seriam as questões fundamentais acerca da operação desse contrato: a identidade das instâncias de informação (quem informa quem?), a finalidade do contrato (informar para quê?) e o acontecimento como visão social do mundo (informar sobre o quê?).

Em relação ao primeiro, o autor destaca a existência de duas instâncias – como em todo ato comunicativo: a de produção e a de recepção. Do lado da produção, chama a atenção o fato de que não se poderia atribuir a responsabilidade pelo dito a uma única pessoa, mesmo que haja apenas uma assinatura em determinado artigo. Isso porque "o que preside a produção da comunicação midiática é uma entidade compósita que compreende vários tipos de atores: os da direção do organismo de informação (...), os da redação das notícias" (CHARAUDEAU, 2013, p. 73), dentre outros - daí falar-se em "instância". Para o autor, essa instância poderia assumir dois papéis: o de fornecedor de informação (o que põe o problema do tratamento das fontes da notícia) e o de descritor-comentador (que, por sua vez, não pode nem ser científico demais, sob pena de restringir seu público-leitor, nem histórico demais, por não dispor da metodologia e do distanciamento no tempo necessários, nem didático demais, pelo menos não nos termos da didática/vulgarização escolar). Ou seja, na maior parte das vezes, o jornal se coloca como "um mediador entre os acontecimentos do mundo e sua encenação pública", de modo que o "fato" torna-se um objeto inteiramente mediado (CHARAUDEAU, 2013, p. 78).

Do lado da instância de recepção, como para boa parte dos textos escritos, os jornais devem a todo o momento fazer hipóteses sobre seu público-alvo, em função de diversas categorias identitárias (sexo, orientação sexual, faixa etária, classe social, opinião política[8]). Isso porque para além da informação, o jornal deve também desenvolver estratégias para *captar* seu público, por se constituir ao mesmo tempo como empresa visando ao lucro. Essa estratégia, portanto, leva os jornais a formular imagens de leitores, que por sua vez estariam mais ou menos propensos a consumir o "produto-notícia". Tais imagens (ou efeitos de imagens) de leitores podem ser recuperadas através de trabalhos analíticos (ARANTES, 2010). Note-se que, nesse momento, parte-se do pressuposto de que não importariam para o analista do discurso, nesse momento, os leitores empíricos, mas, antes, aquelas imagens de leitores que se criam com a circulação dos textos, configurando o que se poderia chamar de "mundos éticos".

[8] Sem ignorar que o jornal, além de pressupor tais categorias, também conforma subjetividades através do texto.

A segunda questão relativa ao contrato de comunicação se refere à sua finalidade. Como mencionado, o duplo caráter do jornal (como informador e como empresa) aponta para, pelo menos, dois objetivos mais explícitos, que muitas vezes se confundem no texto jornalístico: informar e captar. O primeiro, aqui, coloca o problema da relação com a "veracidade", razão pela qual o jornal precisa quase sempre fazer com que o leitor creia na autenticidade das informações, tornando verossímil o relato do acontecido. Para isso, lança-se mão de diversas estratégias, já bastante estudadas pela literatura, como o apelo à fala de testemunhas e autoridades, a textos oficiais, etc.

Por sua vez, a finalidade de captação (também chamada por Charaudeau de *visada de captação*) se refere a certo princípio de dramatização dos fatos, apelando para o *pathos* do leitor, mobilizando sua afetividade. Esse procedimento, bastante difundido no chamado jornalismo popular (ou "sensacionalista"), também se encontra em graus mais atenuados em outros estilos de jornalismo.

Diante disso, observa-se que a mídia jornalística se encontra numa tensão quanto a seus objetivos. Tal tensão é assim formulada por Charaudeau (2013, p. 92-93):

> Assim, o contrato de informação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar o grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégias apropriadas à encenação da informação, para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização. (...) [Q]uanto mais as mídias tendem ao primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão.

Finalmente, a terceira questão que envolve o contrato midiático se refere ao *propósito* da comunicação, grosso modo, "aquilo de que se fala". Em outras palavras, trata-se do chamado "aspecto referencial da linguagem", central na argumentação acerca das fronteiras do político criadas ao se noticiar a Parada LGBT.

Como afirmado, a notícia deve efetuar um recorte para dar conta da complexidade dos dados da suposta realidade que se propõe a apontar. Como observa Charaudeau (2013, p. 94), "essa fragmentação semântica do mundo é ordenada por um ato de 'tematização'". Desse modo, o fenômeno a que se faz referência só adquire existência significante através da "percepção-captura-sistematização-estruturação que deles faz um sujeito linguageiro[9]" (p. 95). Esses recortes seguem critérios de várias ordens, dentre as quais se destacam, a "atualidade" (distância temporal do fato em relação ao momento da informação), a

[9] Considerando, aliás, que o sujeito linguageiro é tanto *eu* como *tu*, coenunciadores simultâneos no texto.

"socialidade" (relação do fato com a sociedade em que se insere) e a "imprevisibilidade" (critério de saliência, que leva o discurso midiático a preferir o "notável", o "diferente"). Tal como aponta Arantes (2010, p. 34), "as notícias não são reflexo do que acontece, são um discurso sobre o mundo, pautadas por símbolos, estereótipos, clichês e metáforas e são, assim, responsáveis pela produção de sentidos que, por sua vez, determinam em certa medida a organização do mundo social". Por essa razão, o jornal se propõe à criação de "rubricas" (economia, política, esportes, cotidiano, lazer...), que também concorrem para a dispersão de sentidos sobre a Parada LGBT de São Paulo e, consequentemente, para os sentidos de política nessas notícias, como poderá ser visto no momento da análise.

Para além das considerações de Charaudeau sobre o contrato de comunicação midiática, será de especial importância, ainda, o conceito de **cenografia discursiva**, de Dominique Maingueneau. Definida por Sant'Anna (2004, p. 93) como "uma proposta de construção de sentidos como processo que só pode ocorrer na interação que se dá entre o enunciador (EU), que se dirige ao coenunciador (VOCÊ) (...) num espaço (AQUI) e tempo (AGORA) balizados pela construção discursiva", a cenografia se refere à capacidade paradoxal de um discurso de validar a própria cena por intermédio da qual os conteúdos se manifestam (MAINGUENEAU, 2013, p. 98). Correspondendo a parte da "moldura" do discurso, ela se faz por intermédio dos chamados **embreantes**, que podem ser de pessoa (pronomes pessoais, pronomes possessivos), espaciais ou temporais.

Ao lado das concepções de sentido e comunicação apresentadas, uma última se faz relevante para fins deste trabalho: a definição de "texto", que parece despontar como consequência das anteriores.

A aposta da perspectiva enunciativo-discursiva sobre o texto passa, igualmente, pela dimensão dialógica da linguagem, tal como concebida por Bakhtin (1989). Se a linguagem é o meio por excelência "da presença da alteridade e da palavra do outro dentro do sujeito" (CUNHA, 2008, p. 130), num texto,

> tudo que é dito não pode ser concebido como uma fala original, pois nele se cruzam o já-dito no/do diálogo social. A concepção do objeto do discurso é um diálogo tecido pelas consciências ideológicas, pela entonação e pelos julgamentos de outrem (FLORES, 1998, p. 28).

Ora, se toda fala se encontra necessariamente atravessada pelo já-dito de um Outro, numa perspectiva enunciativa dialógica, o texto pode ser considerado uma convergência da massa de textos anteriores a ele. Desse modo, a unidade de um texto não passaria senão de um

efeito: onde fala um, na realidade, falam muitos; onde se observa um único texto, no fim, vê-se um mosaico arquitetado para não parecê-lo, uma pintura pontilhista.

Nesse sentido, aceitar que o discurso do Mesmo se faz em função e a partir do discurso do Outro é rejeitar que a figura a quem tradicionalmente se atribui a autoria do texto seja a origem do dizer, afinal "pensar, falar ou escrever são processos contínuos de assimilação e reacentuação da palavra alheia" (CUNHA, 2008, p. 131). É também rejeitar que o texto se feche em si mesmo, não se abrindo à polêmica entre o que já foi dito e que se dirá, bastando-se como textualização do mundo empírico:

> Esse 'fecho', apesar de ser um entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse 'fecho' torna-se 'fim' por um efeito ideológico produzido pela 'instituição' onde o texto se inscreve: o efeito que faz parecer 'único' o que é 'múltiplo', 'transparente' o que é 'ambíguo' (GALLO, 1992, p. 58 apud LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 95).

Tendo isso em vista, sustenta-se neste trabalho que o leque de textos que convergem na aparente unidade (fechamento) da notícia concorre também para a dispersão de sentidos de política na Parada LGBT. Isso porque parece impossível que, numa multiplicidade de vozes, a política se apresente como realidade estável, independente de sua textualização. Desse modo, considerando os diferentes posicionamentos que o jornal faz ou não ouvir ao noticiar a parada (participantes, organizadores, comerciantes, empresários, políticos, sujeitos contrários ao evento, religiosos...), sentidos diversos circulam para o que seja a política na manifestação, sobretudo diante das polêmicas em seu entorno, mencionadas no primeiro capítulo.

No próximo subcapítulo, apresento os caminhos metodológicos escolhidos, bem como o processo de consolidação do corpus de análise, percursos que permitiram apreender esses sentidos do político.

## 2.2 **Metodologia**

### 2.2.1 Seleção e recorte do corpus

Como mencionado na introdução, duas razões levaram à adoção do jornal FSP como campo de pesquisa: sua posição de destaque entre os jornais mais vendidos no país

(INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO, 2016), e sua possibilidade de cobrir diretamente o evento, por basear sua agência na mesma cidade. Com isso, o campo de análise se definiria num jornal de grande alcance nacional e cujos correspondentes teriam acesso direto ao evento, garantindo o menor número possível de instâncias mediadoras: parada-equipe jornalística-suporte-leitor[10].

Realizou-se, portanto, um estudo documental de caráter exploratório em notícias veiculadas pela FSP sobre a Parada LGBT, desde sua criação, em 1997, até a edição de 2014, ano de meu ingresso no programa de Mestrado. Buscando observar a maneira como o jornal "apresenta a realidade", optei por analisar as reportagens publicadas no dia seguinte ao evento.

Graças ao mecanismo de busca do acervo digitalizado do sítio eletrônico da FSP, através dos descritores "Parada Gay", "Parada LGBT", "Parada GLBT" e "Parada GLT", localizei as reportagens publicadas nas datas de interesse, obtendo, assim, um corpus inicial de 29 textos. Em função do objetivo principal, foram consideradas somente as reportagens do chamado "miolo" do periódico, eliminando capa, encartes especiais e cadernos locais. Foram desconsideradas também reportagens de cunho eminentemente estatístico, priorizando, com isso, a pesquisa em textos fundamentalmente narrativos/descritivos, que apontassem para os leitores: "aconteceu *isto*", sendo o "isto" o ponto nodal da problematização da pesquisa, inserido entre a pretensão do relato e a produção do fato. Não ignoro que todos esses textos têm sua importância, afinal, não seria possível considerar um texto totalmente isolado de sua circulação. Entretanto, acredito que uma análise que leve em conta todos ou parte desses elementos satisfatoriamente se revelaria demasiadamente longa e incompatível com o tempo disponível. Por essa razão, o material recolhido não foi descartado, podendo ser utilizado para publicações futuras e desdobramentos da pesquisa.

Terminada essa primeira fase, foi realizada uma leitura exaustiva do material coletado, em conjunto com o referencial das teorias enunciativas. Nessa etapa, interessaram mais particularmente as contribuições de Patrick Charaudeau (2013) sobre a semiolinguística e o contrato midiático. Foram também particularmente importantes as noções de pressupostos e subentendidos, tal como concebidas por Ducrot (1987) e de *enlaçamento*, apresentada por

[10] Naturalmente, esta é uma redução bastante simplificada do "caminho" percorrido entre o acontecimento e o leitor da notícia produzida. Como aponta Charaudeau (2013), a máquina midiática funciona na relação entre duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. No lado da instância de produção, o jornalista não é senão o elemento mais destacado; entretanto, há diversos outros atores, dentre os quais os responsáveis pela programação, pela redação, os operadores técnicos, fotógrafos, diretoria do jornal... por essa razão, parece-nos mais adequado tratar de "equipe jornalística" em vez de "jornalista". Do lado da instância de recepção, deve-se também considerar que o jornal possui um "público-alvo", ideal, que certamente não corresponde aos leitores empíricos da notícia, mas em função do qual se constrói o texto.

Dominique Maingueneau (1999), bem como as contribuições de Jacqueline Authier-Revuz (2004) sobre as heterogeneidades constitutiva e mostrada do discurso. Finalmente, como pressuposto fundamental da argumentação sobre o confronto “língua / realidade”, baseei-me nas considerações de Rocha (2014) e no conceito de *palavra de ordem* de Deleuze e Guattari (1980), relativos ao poder de intervenção da linguagem no estabelecimento do real.

Num segundo momento, efetuei um levantamento temático das notícias encontradas, reunindo, em seguida, os temas encontrados. À medida que lia as notícias, assinalava a presença de temas e personagens, de modo a verificar repetições e estabelecer as categorias de análise. A seguir, apresento um exemplo de como foi realizado esse levantamento e sua sistematização:

Quadro 1 – Exemplo do levantamento temático[11]

| Tema\Ano | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 - Capa | 2000 - C1[12] | 2001-C1 | 2005-C1 | 2005-C8 | 2006-C8 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Abertura e/ou encerramento da Parada | | | | | X | X | | | X |
| Ações entre os participantes. | | | | | | | | | X |
| Ausência de incidentes | | | | | | | X | | |
| Bebidas | | | | | | | X | | |
| Caráter de festa | | | | | | X | | | |
| Cenografia da Parada (elementos presentes / ausentes) | | | X | | X | X | | | X |
| Fala de casal gay | | | | | | | | X | |
| Fala de participante lésbica | | | | | | | X | X | |
| Participação de políticos | | X | X | X | X | X | X | | X |
| Presença de manifestantes "isolados" | | | | | | X | | | |
| Presença de movimentos sociais | | | | | | X | | | |
| Quantidade de pessoas | X | X | X | X | X | X | | | X |
| Quebra (ou perda) de recorde de público | | | | | | X | X | | X |

[11] Mais à frente, tratando da consolidação das categorias de análise, apresentamos exemplos de trechos que nortearam a criação de tal ou qual tema, para maior clareza de nosso procedimento metodológico. Importante ressaltar, entretanto, que tal levantamento não se pretendeu em momento algum exaustivo, tendo como objetivo único o estabelecimento de categorias de análise para abordagem do texto.

[12] Os anos assinalados como C referem-se às reportagens do caderno "Cotidiano" e à respectiva página onde a notícia figura. Quando não houve distinção, foi apresentada somente uma reportagem.

Frente às recorrências verificadas, fixaram-se três categorias de análise: (1) *Caracterização dos participantes*, isto é, os sintagmas nominais utilizados para identificar os personagens que compõem (ou não) o evento; (2) *Relato do evento*, no qual são abordados os aspectos narrativos e descritivos (inclusive de quantificação) da Parada, de acordo com a classificação dos modos de organização do discurso proposta por Charaudeau (2013; 2014); e (3) *Discurso relatado*, no qual se buscou analisar os indivíduos e instituições chamados a falar sobre a Parada, observando como (com maior ou menor grau de apagamento), sobre (que temas e assuntos) e em que momento falam (para dar legitimidade aos temas levantados pelo jornal, para caracterizar uma pluralidade de vozes etc.). Separamos a seção seguinte para apresentá-las com maior detalhamento.

Importante ressaltar que a escolha dos parâmetros de análise se deu a partir do contato com o texto e como resultado do levantamento temático. Por exemplo, menções à participação de políticos, celebridades, *gogo boys* ou *skinheads* foram incluídas na categoria "caracterização dos participantes", uma vez que poderiam auxiliar na conformação de imagens da Parada através de seu público (isto é, defini-la através daqueles que se encontram dentro e fora dela, produzindo sujeitos) e, consequentemente, da política relacionada a ela.

Estabelecidas as categorias de análise, contudo, confrontei-me com a inviabilidade de trabalhar de maneira satisfatoriamente aprofundada com o primeiro recorte, devido à sua extensão, tendo em vista a fecundidade dos aportes teóricos evocados. Assim, realizei um segundo recorte de *corpus*, que permitisse reduzir a quantidade de notícias sem perder o acompanhamento longitudinal da Parada. Determinei, portanto, o ano de 1997 como marco inicial do acompanhamento (referente à primeira edição da manifestação), adotando um intervalo de quatro anos entre cada edição: 2001 (uma notícia), 2005 (duas), 2009 (duas) e 2013 (três), totalizando nove notícias.

A opção pelo intervalo se relaciona à recorrência das eleições para os cargos de presidente, governador, senador e deputado (federal e estadual). A partir desse recorte, garantiu-se que todas as reportagens fossem publicadas nos anos que antecedem as eleições, momento em que o país começaria a ampliar a discussão sobre a sucessão dos cargos mencionados. Ademais, os mesmos anos equivalem ao início do mandato dos prefeitos das cidades, o que poderia, talvez, acentuar a conotação política da Parada LGBT e contribuir para sua construção como instrumento de luta por direitos. Finalmente, tentou-se, com o intervalo quadrienal, abarcar edições em cada um dos mandatos presidenciais, desde a

primeira edição (FHC, Lula, Dilma). Observar-se-ia, dessa maneira, se o avanço de políticas LGBT traria alguma mudança nos sentidos de política produzidos nas notícias analisadas.

Uma vez aplicado o filtro de reportagens, obteve-se a seguinte configuração para o levantamento temático e as categorias de análise:

Quadro 2 – Temas encontrados nas reportagens selecionadas e categorias de análise

| | Levantamento temático | Trecho-exemplo |
|---|---|---|
| Caracterização dos participantes | Diversidade dos participantes | "O principal motivo da manifestação era celebrar a liberdade de opção. E, por ela, misturaram-se jovens garotas de mãos dadas, drag queens, 400 voluntários, pais com filhos nos ombros, viúvas com cachorrinhos e muitas famílias. (...)" (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | Foco sobre casal gay | "Ao lado delas, muito à vontade, desfilavam gays como Rogério de Mattos Cardoso, 19, e Cleomilson Bezerra de Souza, também 19, delineador marcando os enormes olhos castanhos (...)" (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Foco sobre casal lésbico | "O casal formado pela empresária Mariana Lima, 42, e a diretora de planejamento Suzana Gonlandem, 37, curtia a multidão presente nos arredores da praça da República, 50 minutos após o encerramento oficial da parada "(2013 – Cotidiano p. 4) |
| | Foco sobre drag queen | "A poucos metros estão as drag queens militares Dandara, 26, e Ziza, 24." (2005 – Cotidiano p. 8) |
| | Foco sobre gay "separatista" | "Gay "separatista" prefere festa a desfilar na parada. [Manchete]<br>Muito exibido, mas com ressalvas. Assim é o personal trainer Rogério Antônio da Silva, 35, que recebeu a Folha ontem para acompanhá-lo nos preparativos para a Parada Gay e numa festa diurna no Conjunto Nacional, na avenida Paulista". (2005 – Cotidiano p. 8) |
| | Foco sobre participante gay | "No evento de ontem, segundo o Datafolha, 27% dos participantes vieram de outras cidades. No ano passado, foram 29%. O estudante Lucas César, 20, de São Vicente, litoral de São Paulo, estava entre eles. Às 20h30, ele e o namorado esperavam a volta para casa." (2013 – Cotidiano p.4) |
| | Presença de políticos | "O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), ficou menos de meia hora na avenida Paulista (...) (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de celebridades | "Outro que arrancou suspiros da comunidade gay foi o ator Bruno Gagliasso, que faz na novela "América" o papel de um garoto que está descobrindo sua homossexualidade." (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de entidades religiosas | Já a Comunidade Cristã Nova Esperança chamava a atenção pela militância no chão, com muitos representantes e cartazes. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de gogo boys / "barbies" | "Também havia cartazes sobre o tema no trio da drag queen Salete Campari, um dos mais festejados do desfile, com artistas como Rogéria, Leão Lobo e grande presença de go go boys (...)" (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de heterossexuais | "De bonés, calças largas e camisetas de grupos de rap, Edson Dias, 21, e dez amigos metalúrgicos saíram do Jardim Ubirajara (extremo sul) com um único objetivo: caçar mulher" (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de lésbicas | "Motoqueiras com jaquetas de couro, senhoras com perfil de professoras universitárias, jovens estudantes ou darks (...)" (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de "manifestantes isolados" | "Até dois zapatistas solitários, que se diziam heterossexuais, desfilaram atrás do último carro, empunhando uma faixa contra o capitalismo." (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de ONGs | "A produção do clima de festa ficou, então, nas mãos dos carros de militantes. Eram grupos engajados não apenas em causas especificamente gays, mas em defesa do ambiente e da igualdade racial, além da promoção de igrejas e sindicatos." (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de participantes recém-assumidos | O dia foi de mulheres recém-destrancadas do armário, como as avós Mathilde da Motta, 58, e Adelita Munhoz de Albuquerque, 62, |
| | Presença de partidos políticos ou sindicatos | A CUT também tinha trio elétrico , assim como sindicatos como os de telemarketing (Sindratel), de enfermeiros (Seesp) e de professores (Apeoesp). (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Presença de participantes de outras cidades | "Nem só de paulistanos viveu a Parada Gay. No evento de ontem, segundo o Datafolha, 27% dos participantes vieram de outras cidades (...)" (2013 – Cotidiano p. 4) |
| | Presença de mulheres | "Parada Gay tem ampla presença feminina" (2005 – Cotidiano p. 1) |

| | Levantamento temático | Trecho-exemplo |
|---|---|---|
| Discurso relatado | Locutor não identificado criticando a parada | Na “farra dos invertidos”, como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações referiu-se ao evento (...) (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de família heterossexual | “Queremos que ele cresça respeitando a diferença”, disse o professor Vicente Valery, que, acompanhado pela mulher, Flávia, levava o filho Antônio, 2, nos ombros. (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de casal gay | As duas [Mariana Lima e Suzana Gonlandem] dizem que planejam se casar em breve, mas preferem não estabelecer uma data ainda. (2013 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de participante lésbica | (...) a advogada Maria Stella Pires, 62, impede um rapaz de entrar, dizendo “O repórter tudo bem, o outro pode ficar aí fora esperando. A Amam nasceu da necessidade de ter uma visibilidade lésbica. Então, se a gente encher de homem aqui, não vai dar. Não sou gay, sou lésbica!” (2005 – Cotidiano p. 8) |
| | Fala de família gay | “Achei o tema armário, de onde saímos há tempos, importante” (Sylvia Costa, 35, professora casada com a personal trainer Elizângela Dorneles, 33, ao lado dos filhos Victor, 4, e Maria Luiza, 5) (2013 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de participante que não quer se identificar | No carro da Amam (Associação de Mulheres que Amam Mulheres), duas motoqueiras idênticas, mas que não querem ser identificadas, dizem que estão juntas há 13 anos, “mas é como se a gente tivesse começado hoje”: “Não é só em dia de parada que nos vestimos igual. Quando saímos à noite, se eu estou de preto, ela vai de branco, como o negativo e o positivo” (2005 – Cotidiano p. 4) |
| | Fala de participante (sexualidade não mencionada) | Um pouco decepcionado estava o economista Lucas Sales, 22, que veio de Matão. “Em São Paulo não tem bandeira nem protesto. No interior, as pessoas discursam nos trios elétricos. Eu paguei R$300 para poder subir em um aqui e só tinha bebida”. (2013 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de sindicalista | Representante da UGT, também em seu primeiro desfile, Cleonice Caetano celebrava a oportunidade. “A parada foi positivíssima para nós. O importante é mostrar aos trabalhadores que eles têm a quem procurar para garantir seus direitos”. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de participante heterossexual | “Apesar de a maioria aqui ser lésbica e não liberar beijinho nenhum, tem umas minas perdidas por aí. Eu, pelo menos, catei uma”, diz. “Catei três”, vangloriava-se Leandro Guimarães, 19. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de participante gay | “Vim aqui para sacar R$10 e acabei transando com um cara”, contou o produtor Mário (nome fictício), 35. “O Itaú patrocinou o ‘darkroom’ da parada!”, brincou. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de celebridade | “É a primeira parada da minha vida. Estou delirando”, disse Daniela Mercury (2013 – Cotidiano p. 4) |
| | Fala de militante LGBT | “Queremos sair daqui com um milhão de assinaturas”, bradava um representante ao microfone. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de político | Marta defendeu o projeto de parceria civil entre homossexuais. “Dez anos é uma data importante para lembrar dele. Apesar de estar ultrapassado, é bom que se vote, porque lei é lei”. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de religioso | “A gente tem de se educar quando assume um ideal”, diz Xavier, meio vago. Ele afirma que é possível ficar sem transar, “pode acreditar”. “Tem gente que ficou até mais tempo que eu”, diz, enquanto estende o panfleto com o site da igreja. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de policial | “O principal problema é o abuso do álcool, apesar da enorme quantidade de apreensões de bebidas”, disse o comandante da PM na operação, coronel Marcos Chaves. (2009 – Cotidiano p. 3) |
| | Fala de participante drag queen | Com 17 cm de salto nas botas vermelhas, a drag queen Cindy Cristal se preparava para atravessar a parada no carro da CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil). “Adoro participar dessa coisa mais cívica”. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | Fala de participante travesti | No alto do trio elétrico, a travesti Kimberly, 30, caras e bocas para os flashes que vinham do público no chão, também achava que pouco importam os números. “A parada é um movimento que tem como objetivo a luta pelos direitos da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros)”. (2013 – Cotidiano p. 1) |

| | Levantamento temático | Trecho-exemplo |
|---|---|---|
| d o | - Clima de paquera e azaração | Na esquina da Paulista com a Consolação, Wilson, 33, e Sílvio, 35, bateram boca por causa do clima de paquera e muita azaração (2001 – Cotidiano p. 1) |

| | | |
|---|---|---|
| | - Marcas divulgadas no desfile | A lei estadual antifumo (que proibirá o cigarro em locais fechados de São Paulo a partir de agosto) foi uma das "marcas" divulgadas no desfile(2009 – Cotidiano p. 1) |
| | - Abaixo-assinado | (...) um caminhão de som na avenida Paulista convidava o público a participar de um abaixo-assinado que defende projeto de lei federal que torna crime discriminar homossexuais. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | - Abertura ou encerramento | A multidão começou a se concentrar às 14h na Paulista. Pouco depois das 15h, a parada foi aberta por um discurso da prefeita. (2001 – Cotidiano – p. 1) |
| | - Carros e trios elétricos | Em quase todos os 20 trios que atravessaram a parada (do parque Trianon, na avenida Paulista, até a praça Roosevelt), no centro, passando pela rua da Consolação, esses rapazes descamisados, as drag queens e outros artistas dividiam espaço com mensagens de engajamento. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | - Incidentes, tumultos e agressões | O balanço da polícia aponta dez agressões, quatro furtos, três roubos e 11 discussões. (2009 – Cotidiano p. 3) |
| | - Bebidas e drogas ilícitas | A Guarda Civil Metropolitana encheu ao menos quatro caminhões com bebida ilegal. (2009 – Cotidiano p. 3) |
| | - Sexo entre participantes | A poucos metros dali, o caixa eletrônico do banco Itaú se transformou num "darkroom" – sala escura, em inglês, típica dos clubes gays. "Vim aqui para sacar R$10 e acabei transando com um cara", contou o produtor Mário (nome fictício), 35. "O Itaú patrocinou o 'darkroom' da parada!", brincou. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | - Inversão de "papéis sexuais" | Na "farra dos invertidos", como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações referiu-se ao evento, cabiam todas as ironias sobre os papéis sexuais. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | - Modificações no trânsito | Três pistas da Paulista foram interditadas (1997 – Brasil) |
| | - Músicas | O axé deu baile no bate-estaca da música eletrônica. O "tum-tum-tum" dos trios elétricos até que tentou esquentar a Parada Gay (...) (2013 – Cotidiano p. 4) |
| | - Performances | Com a animação da parada, um travesti, ao som de "It's raining men", chegou a subir e dançar no alto do guindaste de um caminhão da Eletropaulo, cujos técnicos faziam reparos na fiação de um poste. (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | - Protestos contra o governo | "FHC, saia do muro; omissão gera violência", dizia o protesto. (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | - Tema ou motivo da Parada | Espinha dorsal do evento, o ativismo gay ficou parado em boa parte do evento. Com o tema "Não homofobia" (...) (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | - Fantasias e caracterização | Na Paulista, casais, duplas e trios usam fantasias idênticas de militares, marinheiros e motoqueiras, entre outras. (2005 – Cotidiano p. 8) |
| | - Temperatura e clima | A chuva persistente e a temperatura média de 16ºC afastaram o público da Parada Gay de São Paulo neste ano. (2013 – Cotidiano p. 1) |
| | - Crescimento / diminuição da Parada[13] | A 5ª Parada do Orgulho GLBT (de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), realizada ontem no centro de São Paulo, contou com o maior público já registrado em eventos do gênero no país (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | - Quebra ou perda de recorde de público | Parada Gay registra recorde de público (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | - Quantidade de pessoas | Enquanto isso, a Polícia Militar quantificava a presença de público em 1,8 milhão de pessoas. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | - Caráter de festa | A produção do clima de festa ficou, então, nas mãos dos carros de militantes. (2009 – Cotidiano p. 1) |
| | - Comparação com outros eventos | Uma diferença e tanto em relação à Marcha para Jesus, acontecida há quatro dias na mesma avenida Paulista, onde o álcool, praticamente proscrito, cedeu lugar ao refrigerante. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | - Composição "cenográfica" da Parada | "Ontem, ela foi um verdadeiro Carnaval fora de época, com 12 carros de som, três ônibus, arco-íris de bexigas e bandeiras de seis cores – símbolo GLBT -, que representam a vida (roxo), o coração (laranja), o sol (amarelo), a natureza (verde) a harmonia (azul anil) e o espírito (violeta)" (2001 – Cotidiano p. 1) |

[13] Anteriormente, os temas relativos à quantificação do evento (crescimento/diminuição da Parada, quantidade de pessoas, método de medição da quantidade de pessoas, quebra de recorde de público) compunham uma categoria à parte. Contudo, a pouca expressividade de sua presença nas notícias levou-nos a optar por incluí-los na categoria "Relato do evento", por considerarmos a quantificação também uma forma de relato.

| | | |
|---|---|---|
| | - Críticas a políticos | Uma faixa criticava o presidente. (2001 – Cotidiano p. 1) |
| | - Distribuição de material de campanha política | Militantes do PT distribuíram camisetas com a inscrição “Marta 2006”. (2005 – Cotidiano p. 1) |
| | - Fotos | No alto do trio elétrico, a travesti Kimberly, 30, caras e bocas para os flashes que vinham do público no chão (...) (2013 – Cotidiano p. 1) |

Entendido o processo que levou à consolidação do *corpus*, é chegado o momento de discorrer com mais detalhes sobre as categorias que deram base à análise desenvolvida.

### 2.2.2 Categorias de análise

Obtidas as categorias, efetuou-se uma nova leitura do material, objetivando classificar trechos das notícias para uma análise mais acurada e uma melhor definição das noções teóricas a serem trabalhadas. Importante ressaltar que muitos trechos foram alocados em mais de uma categoria analítica, o que demonstraria a inviabilidade de se trabalhar com elas como categorias estanques.

É o caso, por exemplo, da sequência “Cerca de 400 pessoas acompanharam ontem na avenida Paulista a 1ª Parada Gays, Lésbicas e Travestis, segundo a PM” (FSP, 1997). Nesse trecho, é possível identificar, inicialmente, uma narração do evento, com detalhes sobre uma quantificação imprecisa de participantes (“cerca de 400 pessoas”), um embreador temporal (“ontem”) e uma referência à localização da manifestação (a avenida Paulista). Ao mesmo tempo, contudo, o substantivo “pessoas” aponta para a categoria “participantes”, por se referir exoforicamente àqueles que fizeram parte do evento. Nessa mesma categoria, foram analisadas igualmente as formas de participação dos participantes evocados – no trecho em questão, “pessoas **acompanham** a Parada”. Também não se pode ignorar que toda essa passagem seja, no fim, mencionada como “discurso segundo”. Tem-se, portanto, um discurso relatado (menos marcado do que os discursos direto e indireto), que aponta para o fato de que a polícia militar é aquela chamada para quantificar o evento e afastando a responsabilidade do jornal sobre o enunciado. Tendo tudo isso em vista, é válido ressaltar, portanto, que essa divisão teve como objetivo unicamente facilitar o recorte do corpus e a análise.

Também por razões metodológicas, foi mantida a divisão das três categorias para apresentar as noções operatórias que deram as bases para o trabalho com cada uma delas.

Inicialmente, como deixam entrever os quadros anteriores, o interesse por uma categoria como a de “relato do evento” surge a partir da constatação da existência de diversas passagens descritivas e narrativas do evento. Estabelecer tal categoria configurou-se como uma tentativa de abranger as maneiras através das quais o jornal “apresenta a realidade”, descrevendo-a – ao informar ao leitor a quantidade de participantes, a presença de elementos

"cenográficos" (balões, bandeiras, trios elétricos), incidentes e tumultos, etc., ou seja, aquilo que *havia* – ou narrando-a – ao contar para o leitor as ações sucedidas ao longo do evento, como o caminho percorrido, a distribuição de materiais de campanha, etc., aquilo que *aconteceu*. A partir disso, sentidos seriam atualizados para a própria parada e, consequentemente, para a política que (n)ela (se) desenvolve.

Essa divisão inicial se apoia nas contribuições de Patrick Charaudeau sobre a Semiolinguística, em especial no que diz respeito aos modos de organização do discurso (CHARAUDEAU, 2013; 2014). Para o autor, o discurso das mídias organiza sua intervenção discursiva sobre o mundo de três maneiras distintas: provocar um confronto de ideias (por meio de debates, entrevistas, tribunas de opinião), comentar acontecimentos (através de análises, editoriais, crônicas, etc.) e relatar acontecimentos e ditos (por meio de descrições, narrações, explicações, reações, etc.). Sem descartar uma eventual imbricação das três, os esforços se concentraram sobre a construção do jornal acerca daquilo que o autor denomina "fato relatado". Quanto aos "ditos relatados", outra noção trazida pelo autor, estes foram discutidos numa categoria à parte, cuja pertinência se discute mais à frente.

Como aponta Charaudeau (2013), o "fato relatado é objeto de uma *descrição*, de uma *explicação* e de *reações"*. Trata-se, assim, de construir uma narrativa, "reconstruindo" os acontecimentos a partir da descrição do processo da ação ("o quê?"), dos atores implicados ("quem?") e do contexto espaço-temporal no qual a ação se desenrolou ("onde?" e "quando?") (CHARAUDEAU, 2013). Nessa categoria, chama a atenção, sobretudo, o recorte efetuado pelo jornal: sobre que aspectos a cobertura jornalística da Parada LGBT lança luz no momento de noticiá-la? Que elementos linguísticos são utilizados para tal? Que efeitos de sentido de política (pouco importa se intencionais) podem ser recuperados a partir dos procedimentos empregados?

Ao mesmo tempo em que se esforça para dar conta dos acontecimentos, o jornal também se atribui a tarefa de "explicar os fatos", buscando dizer o que os motivou, as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, etc. (CHARAUDEAU, 2013, p. 154). São colocadas, portanto, relações de causa e efeito que se propõem a criar um mundo inteligível e lógico, no qual as ações (humanas ou naturais) podem ser racionalizadas.

Para além dos elementos *presentes* na Parada, iluminados pelo relato jornalístico, será de igual importância nessa categoria a análise dos elementos *faltantes*, isto é, aqueles que impelem o jornalista a dizer "não houve *isto"* ou "não aconteceu *isto*". A utilização desse critério parte da ideia de que negação aponta para uma expectativa não correspondida, julgada

importante e digna de noticiabilidade pela equipe jornalística: deveria (seria esperado) haver/acontecer tal ou qual elemento, que não ocorre.

Aqui, parte-se do pressuposto de que essas expectativas apontam igualmente para a configuração de imagens da Parada LGBT e da sua política, ao lado de todos os outros dados mencionados. Tal pressuposto se apoia na noção de negação polêmica, conformada por O. Ducrot (1987) e retomada por D. Maingueneau (1997, p. 80):

> Para Ducrot, a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois "enunciadores" diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição desse ponto de vista.

Tendo admitido anteriormente que o texto é uma unidade ilusória (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006), sendo antes um espaço velado de disputa de enunciadores e posicionamentos, a negação polêmica desponta como um dos pontos de deriva da existência de outros textos que o configuram. Para a maior parte dos enunciados negativos, Ducrot (1987) sugere a existência de, pelo menos, dois enunciadores / posicionamentos: um recuperável textualmente, que diz "não", e um enunciador que afirma o oposto, contra o qual aquele se posiciona. Em outras palavras, é possível recuperar numa negação um enunciado oposto, atribuível a um segundo enunciador. Assim, ao dizer que "não há perigo em saltar de paraquedas" a um candidato a essa ação, tentando convencê-lo, o locutor dialogaria com uma voz (a do interlocutor?) que afirma haver, sim, perigo. No caso do objeto desta pesquisa, a hipótese é que, ao caracterizar a Parada LGBT de São Paulo através da negação ("não houve *isto*"), o jornalista dialoga com enunciadores que apontam para elementos que seriam relevantes naquele evento, posição que dialoga com certa expectativa sobre sua "natureza" – nunca dada, sempre criada.

Finalmente, ainda no que diz respeito à categoria "relato do evento", trabalhou-se com a problematização do signo proposta pela Semiolinguística de Charaudeau, cuja argumentação teórica se mostrou a mais adequada para tratar dos elementos trazidos para caracterizar a Parada LGBT, bem como para os sinônimos empregados para denominar o evento ("evento", "manifestação", "caminhada", "passeata", "festa", etc.). Para o autor, não é possível afirmar que o signo linguageiro seja uma unidade autônoma de sentido. Ao contrário, este escapa frequentemente à estabilidade, sendo resultado de uma combinação de signos "em função de uma intertextualidade particular e que depende de circunstâncias de discurso particulares" (CHARAUDEAU, 2014, p. 35). Para além do resquício de regularidade que une os diferentes signos, e que permite que eles sejam reempregados em outros momentos, a partir de características mais ou menos comuns, entrariam também no jogo da construção de efeitos de

sentido o contexto (textual) em que o referente se insere e a situação de comunicação (os dados extralinguísticos referentes à produção textual: enunciadores e coenunciadores, momento sociohistórico, etc.). Dessa maneira, para nós, a repetição de determinados referentes não aponta, a priori, para uma mesma "realidade", uma vez que a circunstância discursiva pode iluminar este ou aquele aspecto. É sobre essa dinâmica, de (re)criação de efeitos de sentidos, que se debruça esta análise.

Como consequência, tal visão recusa a oposição clássica entre denotação e conotação, por considerar que é o conjunto discursivo (que engloba desde o enunciador e o coenunciador até outros textos que circulam sobre o mesmo tema) que fará nascerem noções pejorativas ou valorativas. Não haveria, portanto, espaço para uma neutralidade primordial das palavras, à qual outras cargas viriam somar-se posteriormente. De acordo com a hipótese de Charaudeau, "é o ato de linguagem de um sujeito em particular que, através da expectativa discursiva que representa, constrói o saber perceptivo-sensorial [e também afetivo] do referente linguageiro, e não o inverso" (2014, p. 37).

Por essa razão, seria incoerente com a perspectiva de que se parte realizar uma simples contagem de referentes com vistas a descobrir a que se ligam os termos com que o jornal mais se referiria à Parada LGBT. A aposta é de que haveria um emaranhado de elementos linguísticos e discursivos (que por definição se relacionam com aspectos extralinguísticos) que recortam – e criam – realidades sobre a Parada, estabelecendo uma inteligibilidade que coloca marcas no *continuum* da materialidade do mundo (CHARAUDEAU, 2013).

As considerações de Charaudeau sobre o signo semiolinguístico foram também aproveitadas para a categoria "participantes", que se concentra na identificação das diferentes retomadas (nominais, sintagmáticas, pronominais) daqueles que tomavam parte no evento, bem como nas formas de participação associadas a eles, como afirmado anteriormente. Maingueneau (2014) sugere algumas das formas de retomada de referentes: a descrição definida (que obriga o coenunciador a escolher um indivíduo/conjunto de indivíduos, caracterizando-o(s) por intermédio de uma ou várias propriedades); o nome próprio; o determinante demonstrativo (com base no contexto linguístico ou não linguístico); o artigo indefinido; o definido genérico (singular ou plural); pronomes, etc. Para além de simples mecanismos de coesão textual, todos esses elementos permitem a construção de efeitos de sentido, sendo, portanto, de interesse para a análise.

É o caso, ressaltado por Maingueneau (2016, p. 268), da anáfora lexical, que condiciona de maneira decisiva a interpretação do texto, mas sem fazer dela o objeto de uma asserção explícita. Por meio dela, cria-se uma rede de pressuposições que configura um

mundo possível, legitimado pelo próprio fato de enunciar. Isso porque, de acordo com o próprio autor,

> [q]ualquer ato de linguagem tem pretensões, por sua própria enunciação, à legitimidade. Em outras palavras, aquele que profere um ato de linguagem não passa primeiro em revista o conjunto das condições exigidas para fazê-lo, mas o *próprio fato de ele estar enunciando* implica que essas condições estejam reunidas. (MAINGUENEAU, 1996, p. 10, grifo meu)

Desse modo, não é preciso que a instância midiática afirme, por exemplo, que a Parada LGBT é uma "festa gay". O próprio fato de retomá-la anaforicamente como tal, no trecho "(...) baiana arrasta maior público da festa gay" (FSP, 2013, grifo meu) pressupõe que a Parada já o seja, produzindo e atualizando sentidos.

Por essa razão, ao lado desse aporte teórico, também foi premente considerar o conceito de formação discursiva de Michel Foucault, retomado por Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008). Para o analista do discurso, a formação discursiva delimitaria a fronteira do "dizível legítimo", isto é, aquilo que pode ser dito dentro de determinado espaço discursivo. Trata-se de um "universo do dizível", instaurando uma "ilhota de enunciados possíveis considerados capazes de saturar a enunciação a partir de uma posição dada" (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). É o que explicaria a possibilidade de que determinados enunciados (e sinônimos, expressões, temas, tons) sejam possíveis nas notícias, ao mesmo tempo em que se definiriam os enunciados impossíveis – que constituiriam, assim, o "outro", *interdito*, do discurso.

De maneira semelhante à categoria anterior, optou-se nesta por dar atenção também àqueles indivíduos, grupos ou instituições mencionados pelo jornal, de tal ou qual forma, como "não participantes". Para tanto, é preciso partir do pressuposto de que, se aqueles que fazem parte da Parada LGBT podem ser tomados como elementos para caracterizá-la, seria possível fazer o mesmo, por contraste, com aqueles cuja função é outra, que não participar do evento. Assim, são também analisadas suas formas de "não participação", de modo a investigar de que maneira o jornal opera uma cisão entre os sujeitos do mundo (participantes x não participantes) e, assim, também cria fronteiras na ação política.

Ora, se os sujeitos são importantes para caracterizar a Parada LGBT, de não menos importância será aquilo que eles dizem, haja vista a grande dispersão de falas trazidas pelos jornalistas. Por essa razão, e apoiando-me na literatura em Análise do Discurso, que considera a importância do discurso relatado na construção do discurso jornalístico (SANT'ANNA, 2000; 2004; DEUSDARÁ; SANT'ANNA, 2007; BAALBAKI, 2007; CHARAUDEAU, 2013), considero o "discurso relatado" a terceira e última categoria de análise.

De acordo com Sant'Anna (2000, p. 101), "(...) o discurso relatado, como constituinte maior do texto jornalístico de proposta informativa, é marca constitutiva, sem a qual não se pode imaginar a existência de um certo gênero notícia". Devido à pretensão de reportar fatos de maneira "imparcial", desimplicados da figura do jornalista, busca-se no texto da notícia o apagamento das marcas do "eu": "o enunciador-jornalista (...) dá espaço a outras presenças, mais ou menos identificáveis" (p. 101). O jornalista se propõe, então, a reportar os fatos como se estivesse fora deles. Desse modo, a posição do enunciador é, por excelência, aquela apontada por Maingueneau (1997, p. 86): "pode se tanto dizer que 'o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo', quanto o contrário".

Neste trabalho, adotam-se as definições de Maingueneau e Charaudeau. Para o primeiro, o discurso relatado constitui uma enunciação sobre uma enunciação, isto é, uma forma mais ou menos explícita de relato da palavra do outro (MAINGUENEAU, 2013, p. 179). Charaudeau (2013) trilha um caminho semelhante: para ele, trata-se de um "ato de enunciação pelo qual um locutor (Loc/r) relata (Dr) o que foi dito (Do) por um outro locutor (Loc/o), dirigindo-se a um interlocutor (Interloc/r) que, em princípio, não é o interlocutor de origem (Interloc/o)" (p. 161).

Desse modo, elencam-se nessa categoria todas as ocorrências dos discursos direto, indireto e segundo, que constituem algumas das formas mais marcadas de apropriação da fala do outro (AUTHIER-REVUZ, 1984; BAKHTIN, 2004). É também relevante observar quem foram aqueles chamados a falar nas notícias, sobre que temas e em que momentos, como forma de identificar as redes textuais trazidas para conformar as notícias, bem como certos apagamentos efetuados (de pessoas, temas, etc.).

No que tange especificamente aos discursos direto e indireto, trabalhei, ainda, com dados referentes aos verbos utilizados (ou à ausência deles) para introduzir as falas[14], buscando verificar diferentes graus de "inserção" do jornalista nos relatos. Além disso, levaram-se também em conta os efeitos obtidos através de seu emprego, conforme Maingueneau (2013). De acordo com o autor, o discurso direto tem como característica a criação de efeitos de autenticidade, distanciamento e objetividade, por simular a fala tal como teria sido proferida. Já no discurso indireto, o dito é integrado à situação de enunciação criada pelo texto jornalístico, o que lhe confere fluidez e um grau menor (mas ainda assim alto) de afastamento com relação ao que transparece como relato do jornalista. Além disso, ocorre uma "tradução" da fala citada, uma vez que o que é relatado corresponde ao "conteúdo do

[14] Como aponta Maingueneau (2013), muitas vezes esses verbos nem mesmo correspondem a um ato de fala (acusar, esbravejar, condenar, espantar-se, indignar-se, reconhecer, etc.)

pensamento", introduzido por um verbo que, como no discurso direto, muitas vezes, acaba por valorar o dito.

O levantamento do corpus, porém, fez considerar outras unidades de análise bastante profícuas, que correspondem a outras formas, híbridas, de absorção da fala do outro (com diferentes graus de afastamento do jornalista): as ilhas textuais, o uso de aspas, o discurso indireto livre e a restituição do ponto de vista dos atores (MAINGUENEAU, 2013). Nas ilhas textuais, determinados trechos de uma citação indireta são postos entre aspas e/ou em itálico. Com isso, cria-se um efeito de perfeita integração sintática, ao mesmo tempo em que se permite verificar, tipograficamente, que uma parte do texto em especial não é assumida pelo relator. É justamente sobre essas partes que recai o interesse: realizar hipóteses sobre tal afastamento, embasadas na situação de comunicação (*latu sensu*, englobando desde o gênero textual aos lugares ocupados pelo enunciador e pelo coenunciador). O mesmo procedimento foi tomado com relação ao uso de aspas fora de situações (claras) de retomada da palavra alheia. Desse modo, verificam-se as aderências e afastamentos do jornalista no momento de noticiar a Parada LGBT, procedimento que também tem implicações sobre as imagens do evento.

Na outra ponta, encontram-se dois procedimentos ligados a uma indefinição sobre a voz que fala nas notícias: o discurso indireto livre e a restituição do ponto de vista dos atores. De inspiração literária, ambos são formas em que se torna quase impossível distinguir os enunciadores a quem se pode imputar a responsabilidade pelo dito. Neles, o leitor "tem a impressão de ler um enunciado que, por certo, é assumido pelo jornalista, mas que adota o ponto de vista da personagem" (MAINGUENEAU, 2013). Desse modo, obtém-se um efeito ligado ao *pathos*, ao fazer sentir (empatia), muito característico do discurso jornalístico, cuja função muitas vezes se divide entre o relatar (para informar) e o emocionar (para atrair leitores) (CHARAUDEAU, 2013). Disso decorrem alguns questionamentos: quem são os "personagens" da Parada? O que pode motivar sua aparição? Que consequências essa seleção pode ter sobre os sentidos da política?

Para além das formas de apropriação do dizer do outro mencionadas anteriormente, a partir da leitura do corpus, cotejada com a fundamentação teórica selecionada, incluiu-se uma última unidade de análise, a do *discurso narrativizado*. Se as formas anteriores apontam para procedimentos de citação e integração de enunciações, a narração constitui um procedimento de absorção completa do dito na enunciação jornalística (CHARAUDEAU, 2013). De acordo com Sant'Anna (2004), o discurso narrativizado supõe enunciados "cuja existência é apresentada pelo enunciador-jornalista como um dizer que este capta e transforma, apagando

as fontes do relato de forma decisiva" (p. 181). Trata-se, dessa forma, de um apagamento integral do ato de linguagem que deu origem ao dito, que desaparece em meio à narrativa criada pelo jornalista. Como implicação, tem-se um apagamento da alteridade (DEUSDARÁ; SANT'ANNA, 2007).

Para sua apreensão, são considerados quatro critérios, elencados por Deusdará e Sant'anna (2007): apagamento da fonte (não ser possível recuperar de que modo o enunciador-jornalista teria tido acesso à situação de enunciação que dá origem à informação), o encadeamento de situações de enunciação, uma concepção não restrita de elemento *dicendi* (que pode ser de ordem verbal como nominal) e a identificação de grupos de elementos dicendi (um verbo ou locução verbal, um verbo associado a um grupo nominal ou apenas um grupo nominal).

Tal como nos discursos mais marcados, neste também foram consideradas questões sobre quem são aqueles chamados a falar (e cujas falas são mais ou menos apagadas), que temas sofrem esse apagamento e em que momentos isso ocorre, sempre em função de seus possíveis efeitos sobre a atualização de sentidos da política.

# 3 **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Embora não desconsidere a complexidade dos fenômenos da linguagem, abordo o corpus separadamente, através das categorias de análise elencadas. Não obstante, indico, quando pertinente, os pontos de contato entre as categorias. Para cada uma delas, lança-se mão dos critérios e aportes teóricos apresentados no capítulo de metodologia, buscando identificar repetições, particularidades e diferenças nas notícias ao longo dos cinco anos selecionados.

## 3.1 **Relato do evento**

No mesmo ano de seu surgimento, 1997, a Parada LGBT de São Paulo desponta como evento de interesse para a FSP, isto é, como fato extraordinário cujo relato é julgado digno de figurar entre os demais acontecimentos do país. Ao longo dos anos, o interesse em noticiar o evento se mostrou cada vez mais expressivo, de modo que, como se verá na abordagem do corpus, as coberturas mais recentes são sensivelmente diferentes daquela de 1997.

De acordo com Charaudeau (2013), em razão do contrato de comunicação midiático (pressuposto por ambos os interlocutores do ato de comunicação e tornado válido pelo próprio ato em si), a notícia deve preencher, dentre outras, as condições de finalidade e propósito. Desse modo, ao enunciar a "informação" do acontecimento da Parada, a instância de produção jornalística pressupõe como cumpridas sua finalidade informativa[15] (eis o que é preciso saber), bem como seu propósito (este tema é relevante para o conhecimento do leitor).

Se comparada às demais, a notícia de 29 de junho de 1997 chama a atenção por sua curta extensão. Para cobrir a manifestação, o jornal dedica uma nota de um único parágrafo, na parte inferior da quarta página do caderno "Brasil", intitulada "Passeata gay reúne 400 pessoas em SP". Ainda que não se refira a um critério estritamente linguístico, a localização da notícia não nos parece trivial, não podendo ser descartada como parâmetro de análise.

[15] Essa finalidade não se esgotaria, porém, na informação. Na mesma obra, Charaudeau (2013) reconhece que, ao lado da visada *informativa*, os jornais se pautam ao mesmo tempo em visadas de *captação* dos leitores. Isso porque, constituindo-se como empresas do "ramo informativo", dependem da venda e do consumo de jornais para subsistirem no mercado, em função, inclusive, da presença de anunciantes em meio às notícias. Por essa razão, desenvolvem-se, ao mesmo tempo, estratégias que visem a atrair mais consumidores, ligadas aos temas, às formas de tratamento das notícias, etc.

Ao lado dela, figuram outros relatos de igual tamanho, como “Incêndio queima andar da Central do Brasil [no Rio de Janeiro]” e “Briga de família pode ser causa de morte”. Na mesma página, uma crônica de Roberto Campos, ladeada pela coluna “Painel” (contendo também notas sobre acontecimentos gerais do país). Tem-se, assim, uma página dedicada a versar sobre temas aparentemente distintos entre si, ligando-se somente pelo fio tênue dos acontecimentos “gerais” ou “variados”.

Isso posto, seria possível sustentar que a notícia sobre a primeira edição da Parada LGBT não pode ser isolada dos demais textos – sobretudo daqueles que a cercam. Tal como lembra Sant’Anna (2004), além da intertextualidade “externa”, o jornal cria um espaço de *intratextualidade*, que remete aos seus próprios textos. Ao reunir sob uma mesma rubrica notícias tão gerais e diversas, o jornal perpetua determinada fragmentação do mundo, naquilo que Charaudeau (2013, p. 142) chama “estruturação midiática do espaço social”: é possível reunir, na rubrica “Brasil”, notícias de cunho geral e, a rigor, banais, tomadas aparentemente sem maior profundidade. Assim, localizada ao lado de outras supostas “banalidades” a notícia também se banalizaria.

O aspecto gráfico (localização, extensão, etc.) da notícia pode corroborar essa observação. Como lembra Charaudeau (2013, p. 146), o grau de importância das notícias é atribuído através do espaço redacional e icônico a elas associado: notícias maiores, assim como notícias no topo da página, geralmente, se refeririam a fatos que a instância de produção jornalística consideraria dignos de destaque, em função da linha editorial. Partindo desse pressuposto, seria possível inferir um efeito de diminuição da importância relativa da própria notícia e, por extensão, da manifestação, se comparada a outros eventos do país, cuja cobertura é visivelmente maior. Diante da sua localização e da quantidade percentual de “superfície redacional”, a parada é doravante comparável a outros eventos – extraordinários, certamente, mas que, frente à cobertura de outros acontecimentos, sofrem o efeito de diminuição de sua expressão no contexto do país.

Nos anos seguintes, a notícia sobre a Parada LGBT passa a ocupar o caderno “São Paulo” e, mais tarde, com a extinção deste, o caderno “Cotidiano”, ambos voltados para o noticiário local (FOLHA DE SÃO PAULO, s/d). De acordo com a divulgação publicitária do jornal, o caderno Cotidiano

> [o]ferece ao leitor informações úteis ao seu dia a dia nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor. Traz diariamente notícias relativas às principais capitais do país. Na edição São Paulo, concentra sua cobertura na capital paulista. Procura prestar serviço ao leitor sobre temas como direito do consumidor, saúde, trânsito e meteorologia.

Desse modo, o caderno supracitado se define por um aspecto mais voltado para o grande público (em oposição a um caderno de economia, por exemplo), contando com uma linguagem que tende ao padrão culto não especializado, notícias cuja extensão não ultrapassa uma página e temáticas generalizadas.

Em 2001, o número de participantes parece indicar o motivo do grande destaque da Parada na capa do jornal, pois, com 220 mil presentes, a notícia sobre a Parada ocupa a totalidade da primeira página do caderno "Cotidiano". Uma grande manchete anuncia: "Parada gay registra recorde de público". Há três grandes fotos[16], nas quais figuram uma "visão geral da Parada" (de acordo com a legenda), com a bandeira do movimento, muitos participantes e carros de som, uma participante travesti e um participante identificado como o "personagem 'Apagay'", "ironizando a crise de energia", bem como uma drag queen caracterizada como Carmem Miranda. Há também diversas notícias de tamanho reduzido, que buscam abarcar o evento, agora maior e com bem mais participantes, sob diversos ângulos. À direita, um anúncio sobre a mudança do número de telefone do jornal, que ganhara um "3" a mais; à esquerda, um comentário, intitulado "Pirulitos e ódio", de Marcelo Rubens Paiva. Ladeiam-se, desse modo, de maneira mais aparente, duas das formas como se apresenta o discurso jornalístico, de acordo com Charaudeau (2013): de um lado, sob o gênero "notícia", o relato de um acontecimento; do outro, o comentário sobre ele, sem esquecer a função mercadológica do suporte[17].

Nos anos subsequentes, mais páginas e mais fotos. A Parada passa a ser objeto, inclusive, de análises estatísticas financiadas pelo próprio jornal, bem como a figurar como tema em cadernos culturais (devido às ações ocorridas na semana anterior, tais como peças de teatro, palestras, exposições, festas em boates, etc.).

O aumento do espaço dedicado à Parada no jornal, se comparado com a nota de 1997, parece apontar para o efeito inverso: conferir aumento de importância relativa do evento (se comparado a outras notícias que ocupam menor espaço). Essa importância, contudo, não se referiria, a priori, a um critério qualitativo/avaliativo, mas sim à criação de um efeito de relevância no contexto dos demais acontecimentos da cidade: com relação a todos os acontecimentos do dia anterior, a Parada aparece destacada, numa importância atribuída pelo

[16] Ainda que não correspondam a nosso escopo neste trabalho, as fotos da Parada LGBT publicadas nos jornais mereceriam, certamente, uma análise à parte, por também constituírem textos e produzirem sentidos. Tal procedimento, a nosso ver, só viria a acrescentar e enriquecer as análises discursivas do texto verbal que apresentamos. Contudo, em função do tempo exíguo do curso de Mestrado, centraremos nossa análise apenas na matéria verbal.

[17] De acordo com o manual de redação da *Folha de São Paulo* (1996), "[a] receita da Folha vem não apenas da venda do jornal, mas também da venda do espaço para publicidade".

próprio jornal (e não pelo evento em si). Vale lembrar, contudo, que não se trata de uma relação causa-efeito direta, de modo que o evento está destacado porque "ganhou importância". Na realidade, o destaque é uma estratégia que produz um *efeito de maior importância*, Tal como afirmado anteriormente, não se trata de admitir que o jornal "retrate" uma realidade (mais ou menos importante), mas sim que, num movimento discursivo, a produza.

No caso de 1997, a notícia se limita a relatar a quantidade aproximada de pessoas presentes na "1ª Parada Gays, Lésbicas e Travestis" e a interdição de três pistas da avenida Paulista. Ao contrário do que se verificará nos anos subsequentes, há foco mínimo sobre a "passeata" em si, isto é, não se verificam maiores detalhes sobre os acontecimentos da manifestação ou dos motivos que a embasaram.

De acordo com Maingueneau (2013), a enunciação não prescindiria de "leis" de informatividade e exaustividade (dentre outras). Grosso modo, enquanto a primeira "incide sobre o conteúdo dos enunciados e estipula que não se deve falar para não dizer nada, que os enunciados devem fornecer informações novas ao destinatário", a segunda dispõe que "o enunciador deve dar a informação *máxima*, considerando-se a situação" (p. 39, grifo do autor). A partir desse ponto de vista, poder-se-ia considerar que a notícia de 1997 (como qualquer outra), enquanto ato de comunicação, dispõe para o leitor tudo aquilo julgado ser necessário saber.

Se isso é válido, cabe uma consideração sobre o tamanho enxuto do relato. Ao se deparar com a nominação "passeata", o leitor poderia recuperar uma memória discursiva, ligada ao próprio uso da palavra, acerca dos acontecimentos do evento. Desse modo, poder-se-ia considerar que o jornal teria fornecido todas as instruções necessárias para sua *informação*: é necessário saber que o que houve foi uma "passeata". Justificar-se-ia, assim, a ausência de detalhes e descrições mais acuradas sobre o que havia: ao lançar mão da nominação genérica (MAINGUENEAU, 2013) "passeata", a instância jornalística apelaria para um saber prévio do leitor, efetivando-se o "contrato" entre os coenunciadores.

Há que se verificar, contudo, que a nominação "passeata" vem acompanhada de um qualificador, o adjetivo "gay", apontando, assim, uma particularidade do acontecimento. Tal como o substantivo utilizado, o adjetivo parece ser o responsável por encerrar em si aquilo que se deveria saber sobre o acontecimento (nem mais, por excesso, nem menos, por falta): sabe-se que houve algo que pode ser compreendido como passeata, mas que deve ser qualificado como "gay". Apagam-se, assim, as ações e reivindicações efetivamente realizadas, permanecendo pouco claro o que seja uma "passeata gay" ou, ainda, o que se

reivindica ou se faz num evento desse teor. No plano do não dito, é sugerido haver uma diferença entre uma "passeata" (prototípica?) e uma "passeata gay", mas tal diferença não é tematizada, e sim dada como evidência.

Em 2001, há uma profusão de termos que retomam a Parada. Entretanto, não nos bastaria, numa perspectiva discursiva, contar a quantidade de referências de tal ou qual ordem para determinar "o sentido do evento". Além disso, a perspectiva de que se parte não permitiria crer numa estabilidade do sentido dessas palavras, ainda que presentes num mesmo texto. Por essa razão, sugere-se o quadro abaixo, que apresenta as diferentes nominações que o evento apresenta ao longo da notícia. A partir desse quadro, foi possível observar alguns dos efeitos de sentido que o co(n)texto faz emergir. Para sua elaboração, foram considerados os sintagmas nominais que fizessem referência ao evento e que pudessem ser substituídos por "Parada LGBT" sem perda de coerência:

Quadro 3 – Enunciados contendo anáforas lexicais infiéis[18] da Parada LGBT de SP (2001, 2005, 2009 e 2013)[19]

| | |
|---|---|
| 2001 | (3a) Polícia Militar estima que 220 mil pessoas participaram da quinta edição do <u>evento</u>, o maior do gênero no país. |
| | (3b) De acordo com a Polícia Militar (...) cerca de 200 mil pessoas acompanharam a <u>caminhada</u> das 15h às 20h. |
| | (3c) Nas edições anteriores, a parada reuniu de 2000 pessoas (1997) a 100 mil (2000). O número deste ano põe <u>o evento paulista</u> entre os maiores do mundo (...). |
| | (3d) O dia do orgulho gay surgiu em todo mundo depois de um confronto entre homossexuais e policiais, em 28 de junho de 1969, em Nova York. Mas o tom crítico do <u>ato</u> cede, ano a ano, lugar à festa. |
| | (3e) O principal motivo da <u>manifestação</u> era celebrar a liberdade de opção. |
| | (3f) <u>A festa</u> terminou às 20h, sem incidentes. |
| | (3g) <u>Desfile</u> tem muito decote e topless |
| | (3h) Aretusa, 19, dançarina de boate, disse que deu "uma calibrada" para <u>o desfile deste ano</u>. |

[18] De acordo com Maingueneau (2013), as anáforas lexicais infiéis ocorrem "quando o substantivo anaforizante não é o mesmo que aquele do termo anaforizado". Opõem-se, assim às anáforas lexicais fiéis, quando "existe retomada do *mesmo* substantivo" (grifo do autor). O interesse desse tipo de retomada surge a partir do momento em que as correferências que permitem compreender que se trata da mesma "realidade" não estão dadas por vias linguísticas, mas sim por conhecimentos de ordem extralinguística.

[19] Em 1997, não houve retomadas por anáforas desse tipo.

2005a (3i) Segundo a Polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas;

(3j) O evento que reuniu tantas "bolachas" começou à tarde, com uma concentração na avenida Paulista, em frente ao Colégio Objetivo, de onde saiu em passeata rumo à praça da República.

(3k) Enquanto isso, a Polícia Militar quantificava a presença de público em 1,8 milhão de pessoas, com base em levantamento concluído às 20h30 e realizado com a ajuda do helicóptero Águia, que sobrevoou o mar colorido de gente que lotou a avenida Paulista.

(3l) Na "farra dos invertidos", como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações referiu-se ao evento, cabiam todas as ironias sobre os papéis sexuais

(3m) O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), ficou menos de meia hora na avenida Paulista e foi embora sem responder se é favorável ou não à união civil entre homossexuais, justamente o tema da 9º edição do evento.

2005b (3n) Ele costuma frequentar a passeata com dois amigos, o professor Fabiano Carvalho, 31, e o auditor oficial Roberto Braga, 21, fantasiados da mesma forma.

2009 (3o) (...) nenhuma casa noturna participou do evento.

(3p) A lei estadual antifumo (que proibirá o cigarro em locais fechados de São Paulo a partir de agosto) foi uma das "marcas" divulgadas no desfile

(3q) Também havia cartazes sobre o tema no trio da drag queen Salete Campari, um dos mais festejados do desfile (...)

(3r) Espinha dorsal do evento, o ativismo gay ficou parado em boa parte do evento.

(3s) O grupo contava com a célebre lotação do evento, que neste ano voltou a tornar caóticos alguns pontos de passagem (...)

(3t) No episódio mais grave, por volta das 22h, o morador de um edifício na avenida Vieira de Carvalho (centro) se irritou com o barulho de pessoas que dispersaram da festa e jogou uma bomba caseira no grupo.

2013a (3u) Evento está mais paulistano, com menos heterossexuais e mais calouros, aponta pesquisa feita ontem.

(3v) Segundo pesquisa Datafolha feita ontem, o número de participantes do evento caiu de 270 mil registrados no ano passado para 220 mil, uma redução de 18,5%

(3w) Lacunas eram visíveis em diferentes pontos da avenida Paulista, onde a passeata começou por volta das 12h de ontem

(3x) O evento teve maior participação de “calouros”

(3y) a manifestação percorreu os 2,9 quilômetros entre o Masp, na avenida Paulista, até a praça da República, no centro

(3z) O governador Geraldo Alckmin (PSDB), o prefeito Fernando Haddad (PT), o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) e a ministra da Cultura, Marta Suplicy (PT), foram alguns dos políticos que estiveram no evento.

2013b (3aa) Segundo pesquisa Datafolha, 42% dos participantes do evento declararam ter relacionamento estável e outros 23% disseram morar com o parceiro ou a parceira.

2013c (3ab) Com uma sequencia de hits, discurso contra homofobia e beijo na mulher, baiana arrasta maior público da festa gay

Num primeiro olhar, observa-se que, em 2001, os sintagmas empregados para nomear a Parada LGBT tendem a se aproximar de campos semânticos bastante distintos, como a política (manifestação, ato), a celebração (festa), a moda/o carnaval (desfile) e um referente aparentemente genérico (evento). A dispersão desses termos, no entanto, não é trivial. Na verdade, eles constituiriam uma parte do universo dizível acerca do evento investigado, dentro de uma formação discursiva. Interessa-nos, justamente, investigar em que medida termos que, aparentemente, se referem a campos semânticos tão diversos podem ser empregados como sinônimos num dado conjunto de textos, e que efeitos isso pode vir a ter sobre a criação de imagens sobre a política desse mesmo acontecimento.

Não obstante, tal como reconhece Maingueneau (2013), “a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, [...] ela depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais”. Na mesma obra, contudo, ao tratar da proposta de uma semântica global, que apreenda os discursos simultaneamente em diversos planos, o autor aponta a importância das palavras dentro do sistema de restrições de um discurso.

Ressalvas são feitas quanto ao próprio estatuto da palavra dentro dessa lógica: “[...] a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise [...]. [S]eria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua” (MAINGUENEAU, 2008, p. 80-81). Por esse motivo, tal como apontado anteriormente, o olhar se volta para os efeitos de sentido que alguns desses referentes podem adquirir dentro da enunciação jornalística.

Tome-se, por exemplo, a sequência (3d). Nela, efetua-se uma recuperação da memória do acontecimento Parada LGBT, evocando suas origens e um histórico de luta ao qual ela se

relacionaria. Contudo, essa evocação não se faz sem um contraponto, evocado através do opositor “mas” logo na frase seguinte, atualizando um sentido crítico (político-histórico) do evento em direção a um esvaziamento, num efeito de enfraquecimento da própria ideia de ato – ou, ao menos, da festa como força política comparável ao evento original.

Tal hipótese é corroborada ao se analisar a locução verbal da segunda oração: “ceder lugar”. A partir da afirmação de que X *cede lugar* a Y, seria possível ao leitor inferir que ambos são incompatíveis, isto é, que não poderiam ocupar o mesmo espaço. Assim, “tom crítico/ato” e “festa” são polarizados através da matéria textual, de modo que um não pode se realizar ao mesmo tempo em que o outro.

De maneira semelhante, dentre os sinônimos possíveis da parada, encontra-se a “manifestação”, cujo referente tenderia à política, como em (3e). Não obstante, ela é apresentada através de uma razão para o acontecimento, o que por sua vez permite inferir um deslizamento de sentido para o referente evocado: o motivo da manifestação é *celebrar* [a liberdade de opção]. Evoca-se, assim, um lugar onde indivíduos se manifestam para celebrar algo, apagando-se possíveis demais reivindicações presentes no ato. Em conjunto com a sequência analisada anteriormente, poderia ser inferido um sentido de celebração acrítica, degenerada de seus objetivos primeiros.

Para além desses sintagmas, outro chama atenção por sua qualidade de sinônimo possível para a parada: “desfile”. Presente, em geral, em situações relacionadas à moda (desfile de modelos) ou ao carnaval (desfile de escolas de samba), o termo configura, nos textos analisados, uma realidade na qual “desfilar” e “manifestar-se” fazem referência, a priori, para uma mesma atividade: participar da Parada LGBT. Resta saber se, com efeito, todos os que participam da parada o fazem da mesma maneira, ou se essas diferentes formas de participação (tornadas sinônimo na cobertura do jornal) são localizadas. Voltarei a esse questionamento na categoria de análise dedicada exclusivamente aos participantes. O que transparece, por ora, é o fato de, em 2001, o referente “desfile” surgir recortado num universo onde conteria apenas fantasias, adereços próteses de silicone, tal como em (3g) e (3h).

Em 2005, procedimento semelhante acontece ao se verificar, na sequência (3n), o único referente que, a princípio, apontaria para um sentido político: passeata. O contexto, uma reportagem de uma página inteira dedicada às fantasias e aos participantes caracterizados em pares ou grupos. Na sequência, menciona-se que dois amigos frequentam *a passeata* fantasiados da mesma maneira, num aparente apagamento da forma política do referente. No texto, a passeata se torna, assim, objeto recorrente de uma frequência, onde a prática se limitaria a uma “presença fantasiada”.

Ainda nesse ano, outra anáfora lexical chama a atenção com relação à tensão acerca de seus sentidos políticos. Na sequência (3l), um novo sinônimo possível de parada: “farra dos invertidos”. Sua origem, contudo, é bastante precisa: trata-se de uma referência feita por um motorista de táxi “irritado pelo trânsito pesado nas imediações”, indicada pelo uso de aspas. Ainda que a sequência aponte para uma apropriação do discurso do outro, de que trato com maior detalhamento mais à frente, é notável que tal referência figure no universo do dizível da notícia. Para além de apontar para uma imagem negativa de festa, os possíveis sentidos políticos da Parada são completamente apagados: parece ser admitida na realidade da língua uma festa sem qualquer conotação política – no universo do taxista, retomado pelo jornal. Mas dificilmente o inverso.

Em 2009, um dado chama a atenção: se, nos anos anteriores, a Parada podia ser retomada através de anáforas lexicais que, a priori, apontariam para um sentido político, no ano em questão, isso já não ocorre. Surpreende, no entanto, que a política seja justamente tematizada na manchete: “Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP”. Para se referir à Parada, nesse ano, o jornal dispõe os termos “evento”, “festa” e “desfile”. Ao longo dessas retomadas, os contextos se mostram os mais diversos: casas noturnas participam *do evento* (3o); o ativismo gay fica parado em boa parte *do evento* (3q); *o evento* goza de uma célebre lotação e torna caóticos pontos de passagem (3s); marcas são divulgadas *no* desfile (3p), o trio elétrico da drag queen Salete Campari é um dos mais festejados *do desfile* (3q); pessoas dispersam *da festa* (3t). Em todos eles, parecem ser criadas imagens que sugeririam um apagamento da política, ou, ao menos, sua restrição a determinados locais e ações. Note-se, inclusive, que o ativismo gay, personificado, é tomado como um *participante* de um evento, o que faria subentender que “ativismo” e o próprio "evento” sejam realidades distintas. Em outras palavras, para que seja possível esse dito sobre a Parada, seria necessário considerar que o evento, por si só, não é ativismo.

Aliás, em 2009, o “evento” parece surgir como dinâmica que tanto suscita a participação de pessoas e instituições quanto provoca transtornos à cidade[20]. Ademais, também parece ser possível dizer ter havido um “desfile”, no qual marcas são divulgadas e trios elétricos, festejados.

Finalmente, dentre os acontecimentos desse ano, o jornal lança sua luz para um episódio particular de violência: uma bomba atirada por um homem. Nesse contexto, é relevante notar a criação de uma dinâmica de causa e efeito para o acontecimento, segundo a

[20] Não se deve esquecer que, já em 1997, ano da primeira Parada LGBT em São Paulo, o jornal se limitava a relatar os impactos do acontecimento para o trânsito.

qual o barulho de pessoas que dispersam da “festa” é causa da irritação do homem, que por sua vez é causa do lançamento do artefato. Considerando a informação do jornal de que o homem não foi localizado, abrem-se precedentes para questionamentos: o que permite ao jornal estabelecer essa relação consecutiva? Por que essa, e não outra, explicação para a ação? Na esteira de Butterman (2012), pergunta-se, o que permite que o atentado não tenha sido noticiado, por exemplo, como um ato homofóbico? Não podendo apostar numa resposta única, sob pena de acreditar numa intenção plenamente consciente do jornalista, ressalto esse trecho como uma evidência da opacidade dos sentidos atribuídos à Parada – e, consequentemente, à sua força política. No trecho em questão, parece se efetuar um novo apagamento dos sentidos: reduz-se a Parada a uma “festa” que causa transtornos e que suscita reações violentas, que teriam como causa, unicamente, a dimensão festiva do evento.

Encerrando essa etapa da investigação, chegamos a 2013, edição mais recente da Parada selecionada no recorte. Tal como nos anos anteriores, predomina o reformulante “evento”, presente em todas as três notícias recolhidas nesse ano. Aqui e ali, é possível também dizer da parada, simultaneamente, “passeata”, “manifestação” e, ainda, “festa gay”, configurando o universo do dizível. É notável, contudo, que, no ano em questão, as três notícias lancem luz sobre aspectos diferentes da Parada, propiciando o surgimento de diferentes reformulantes. Na primeira notícia, o destaque é conferido para a diminuição da quantidade de participantes, situando a passeata em relação a anos anteriores. Apresentam-se, em seguida, alguns dados estatísticos sobre o público. Sublinha-se, ainda, a participação de celebridades e a segurança promovida pela polícia. Na segunda notícia, o jornal amplia a apresentação de dados estatísticos (sobre intenção de casamento e local de residência), destacando, inclusive, a confiabilidade do método usado pela agência Datafolha. Na terceira, enfim, comenta-se a participação e a interação com o público de Daniela Mercury, cantora que havia recentemente assumido seu relacionamento com uma mulher. No texto, surge o inédito “festa gay”, enquanto o “evento” é referido por um participante cuja fala é destacada no topo da página.

Observa-se que os reformulantes que apontam, a priori, para sentidos aparentemente estáveis do político (manifestação e passeata) encontram-se somente na primeira notícia. Quanto à manifestação, é digno de nota que, em todas as notícias investigadas ao longo dos cinco anos, esse reformulante tenha sido utilizado somente duas vezes para se referir ao acontecimento. Sem a intenção de denunciar tal ou qual consideração consciente sobre a Parada, sustentamos que tal silenciamento pode sugerir um cerceamento do campo do *possível a ser dito*, isto é, do cruzamento de vozes que a atravessa. Aponta-se, assim, para uma

tendência de silenciamento da polêmica (isto é, do dialogismo) que envolve a Parada[21]. A partir dessas observações, reforço, nesse momento, o pressuposto primordial deste trabalho: o de que as palavras não se colam a uma realidade prévia, antes a criam ou a sugerem.

Ao lado dessas anáforas, outra chama atenção por seu ineditismo com relação às notícias anteriormente analisadas. Se era possível, antes, chamar a Parada de "festa", ela ganha em 2013 um adjetivo: "festa gay". Vale sublinhar a determinação do sintagma através de artigo definido, elemento que individualizaria o evento (a contrastar com "maior público de festa gay"). Seu contexto, a notícia que dá destaque à participação da cantora Daniela Mercury e à animação do público. No enunciado em análise, o jornal destaca três ações atribuíveis à cantora, tomando-as como causa de "arrastar público". A justaposição destas, aliada a seu caráter de aparente causalidade, parece conferir sentidos de *entretenimento* à "festa gay". Ao afirmar o jornal que tais ações tiveram como consequência imediata arrastar o público de uma festa, seria possível perceber nas três um plano de aparente igualdade, borrando as fronteiras da política, por exemplo, de um discurso contra a homofobia e de um beijo entre duas mulheres com projeção midiática.

Para além da análise anterior, no que diz respeito ao relato, a tensão dos sentidos da política pode ser verificada também em alguns momentos nos quais o jornal se posiciona de maneira mais evidente acerca dos elementos presentes na Parada de 2001. No quadro abaixo, encontram-se os trechos da notícia que se consagram a uma descrição da parada – isto é, a informar ao leitor, por um lado, o que o evento *é/foi* e, por outro, o que o evento *tem*:

Quadro 4 – Enunciados fundamentalmente descritivos (2001, 2005, 2009 e 2013)[22]

| | |
|---|---|
| 2001 | (4a) Parada Gay registra recorde de público |
| | (4b) A 5ª Parada do Orgulho GLBT (de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), realizada ontem no centro de São Paulo, contou com o maior público já registrado em eventos do gênero no país. |
| | (4c) Ontem, ela foi um verdadeiro Carnaval fora de época, com 12 carros de som, três ônibus, arco-íris de bexigas e bandeiras de seis cores – símbolo GLBT -, que representam a vida (roxo), o coração (laranja), o sol (amarelo), a natureza (verde) a harmonia (azul anil) e o espírito (violeta). Mas não faltaram bandeiras do PSTU e da CUT e cartazes contra o preconceito, além da distribuição de 50 mil preservativos. |

[21] A título de exemplo do "possível a ser dito", trazemos a definição dos organizadores, disponível na página eletrônica da Parada: "A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é hoje uma das maiores manifestações sociais pela luta de direitos humanos no mundo." (ASSOCIAÇÃO DA PARADA LGBT DE SÃO PAULO, s/d). Longe de representar uma "verdadeira visão", ela nos parece, antes, uma "outra visão", que tenderia ao apagamento em notícias do jornal.

[22] Tal como lembra Charaudeau (2014), a distinção entre descrição e narração é, por vezes, polêmica. Por essa razão, preferimos intitular o quadro "enunciados *fundamentalmente* descritivos", apontando para a ideia de que tal classificação não corresponde a uma categoria estanque.

(4d) O principal motivo da manifestação era celebrar a liberdade de opção.

(4e) Desfile tem muito decote e topless

(4f) Parada gay é uma festa de muita gente fantasiada.

(4g) Não faltam personagens da TV, ao lado de Brancas de Neve e Chapeuzinhos Vermelhos

(4h) Em comparação ao ano passado, havia ontem bem menos Feiticeiras

2005a (4i) Parada Gay tem ampla presença feminina

(4j) Segundo a Polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas;

(4k) O evento que reuniu tantas "bolachas" começou à tarde, com uma concentração na avenida Paulista (...)

(4l) Foi uma enorme brincadeira, regada a litros e mais litros de cerveja, whisky falsificado e vinho barato

(4m) Na "farra dos invertidos", como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações referiu-se ao evento, cabiam todas as ironias sobre os papéis sexuais.

(4n) O dia foi de mulheres recém-destrancadas do armário (...)

2005b (4o) Os três não eram os únicos "gays siameses" da parada. Havia padres, militares, marinheiros, motoqueiras e caubóis (...)

(4p) Ali [no carro da Amam], só há lésbicas, não por acaso.

2009a (4q) Sem trios de boates GLS, a Parada Gay de São Paulo reforçou o tom político

(4r) A lei estadual antifumo (que proibirá o cigarro em locais fechados de São Paulo a partir de agosto) foi uma das "marcas" divulgadas no desfile

(4s) Frases em defesa da lei estampavam camisetas e bolas infláveis gigantes, em várias cores, que eram rebatidas entre a multidão.

(4u) Também havia cartazes sobre o tema no trio da drag queen Salete Campari, um dos mais festejados do desfile, com artistas como Rogéria, Leão Lobo e grande presença de go go boys (dançarinos sem camisa, em geral de sunga branca)

2009b (4t) Outras cenas de violência ocorreram principalmente após a passagem dos trios elétricos

(4v) a Folha presenciou três brigas em apenas dez minutos

(4w) Entre os participantes, houve diversas reclamações da ocorrência de furtos

(4x) A organização registrou 412 atendimentos médicos: uma pessoa esfaqueada em briga, outra com fratura exposta e os demais por excesso de álcool.

(4y) houve empurra-empurra em frente ao Masp, na avenida Paulista, para a passagem de uma ambulância que errou o caminho

(4z) Não houve feridos graves, segundo a PM.

2013a (4aa) Parada Gay encolhe e leva 220 mil às ruas de São Paulo

(4ab) Segundo o Datafolha, houve redução de 18,5% no número de participantes

(4ac) Evento está mais paulistano, com menos heterossexuais e mais calouros, aponta pesquisa feita ontem.

(4ad) Lacunas eram visíveis em diferentes pontos da avenida Paulista

(4ae) Os dados mostram que em sua 17ª edição a parada também ficou mais paulistana

(4af) O evento teve maior participação de "calouros"

(4ag) Não foram registrados incidentes graves.

2013b (4ah) Ele diz ter considerado essa a edição mais organizada e com mais policiais.

(4ai) “Em São Paulo não tem bandeira nem protesto (...)”

2013c (4aj) Com uma sequencia de hits, discurso contra homofobia e beijo na mulher, baiana arrasta maior público da festa gay

(4ak) Em cima do trio de Daniela, um vaivém arretado: artistas, políticos, ativistas.

Em 2001, a caracterização explícita da parada aponta para uma predominância de elementos ligados ora a uma quantificação (recorde de público, maior público já registrado), ora a elementos de cunho carnavalesco (carnaval fora de época, carros de som, ônibus, arco-íris de bexigas, bandeiras alegóricas, fantasias, personagens de TV e de ficção).

O que mais atrai a atenção, contudo, é o trecho onde se compara a parada a um carnaval. A partir de um embreador de tempo (“ontem”), que situa o enunciador do jornal em sua situação de comunicação (em contraste com o histórico do dia do orgulho gay no parágrafo anterior, evocado anteriormente), apontam-se diversos elementos que contribuem para reforçar a imagem da Parada como um “carnaval fora de época”: carros de som, ônibus, bexigas, bandeiras. Contudo, essa descrição é continuada com outros elementos, introduzidos pelo opositor “mas”: bandeiras do PSTU e da CUT e cartazes contra o preconceito.

Se anteriormente foi argumentado que o “mas” atualizaria um efeito de sentido da Parada, da política em direção a uma festa de cunho acrítico, a mesma polarização aqui é reforçada, dessa vez na direção contrária: embora todos os elementos iniciais possam levar o leitor a concluir que se trata de um carnaval fora de época, houve outros que conferiram “tom político” ao evento. Contudo, é de se notar que as ações aparentemente contrárias ao carnaval evocadas se resumem a bandeiras partidárias e a cartazes contra o preconceito. Entram em cena, mais uma vez, elementos incompatíveis com o clima carnavalesco sugerido anteriormente.

É possível reforçar tal argumentação analisando a negação utilizada, em conjunto com o tempo verbal evocado. Ela apontaria, nesse caso, para a possibilidade de que elementos como bandeiras de partidos e cartazes sejam passíveis de não figurar num ato como esse. Em outras palavras, de acordo com o conceito de negação polêmica (DUCROT, 1987; MAINGUENEAU, 1997), ao optar pela negação, dizendo que tais elementos “não faltaram”, em conjunção com a adversidade posta por “mas”, o enunciador jornalístico se posicionaria contrariamente a um segundo enunciador, que afirmaria ser habitual a falta desses elementos.

Assim, a partir da matéria verbal, se estabeleceria mais uma oposição, dessa vez entre elementos “esperados” para um “Carnaval fora de época” e elementos “inusitados”.

Em 2005, a ênfase dos elementos presentes recai sobre os indivíduos que participam da parada. Evoca-se, aqui e ali, uma ampla presença de mulheres, bem como o comportamento de alguns participantes. Ainda assim, lança-se uma luz sobre um aspecto importante do evento: a presença de bebidas alcoólicas. Se em 2001 compara-se o evento a “um verdadeiro carnaval fora de época”, a metáfora possível dessa vez é a de “uma enorme brincadeira”.

Esta, por sua vez, parece ganhar no discurso atributos de não seriedade, ao ser comparada com um evento religioso, acontecido “há quatro dias na mesma avenida Paulista”. Logo em seguida à caracterização do evento como “brincadeira” e a menção ao grande volume de álcool consumido (com destaque para o whisky *falsificado* e o vinho *barato*), sublinha-se “uma diferença e tanto” em relação ao evento religioso, colocando no mesmo plano dois eventos que, a rigor, teriam objetivos distintos, mas que, aqui, podem ser comparados. De um lado, uma brincadeira, álcool, maconha e músicas de artistas consideradas referência para o público LGBT. Do outro, uma pressuposta seriedade e... refrigerante. Com efeito, nessa sequência, observa-se mais um elemento que “cede lugar” a outro, demarcando sua incompatibilidade.

Em 2009, surge uma caracterização inusitada com relação aos anos anteriores: a da não presença. Logo na manchete e no subtítulo (4q), sublinha-se a ausência de trios elétricos e carros de som financiados por boates voltadas para o segmento gay[23]. Na notícia, a falta desses elementos marca uma relação de causa e consequência: por não haver trios de boates, reforça-se o “tom político”. Desse dado, é possível subentender que trios de boates *diminuiriam* esse tom, de tal modo que ele aparece como sendo dado num lugar diferente daquele proposto pelas boates. Dito de outro modo, a presença de trios de boates parece ser oposta a determinado “tom político”, configurando assim um universo no qual “boates GLS” se distanciam da política.

Com efeito, a manchete da notícia de 2009, capa do caderno Cotidiano, afirma: “Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP”. Ainda numa relação causal, a política torna-se um novo participante – tão novo que parece ter sido restrito nas demais edições. Ao

[23] Observe-se, inclusive, a remissão ao termo “GLS”, que se refere a uma separação mercadológica, identificando gays, lésbicas e “simpatizantes” como nicho de consumo. Para mais informações, ver França (2012).

mesmo tempo, o verbo “avançar” permite ao leitor inferir que, anteriormente, a política esteve numa posição inferior, criando uma memória relativa a tudo o que o evento realizou até então.

Ainda assim, tematiza-se o “tom festivo” ao longo da notícia, sempre em oposição ao “ativismo”. Mais adiante, relatando o evento, o jornal retoma: “Um dos poucos exemplares de trio majoritariamente festivo, sem ativismo evidente, era o patrocinado pelo Disponível.com, site de relacionamento voltado para o público GLS”. No trecho em questão, a aposta é a de que se efetua uma gradação que parece definir e limitar o que seja o ativismo (mais uma vez pela não presença): haveria carros “mais evidentemente ativistas” e outros “menos”, estando o patrocinado pelo site nesta ponta. É também notável que o jornal não descreva, exatamente, o que seja o tom festivo mencionado, limitando-se a apresentar ao leitor o patrocinador do trio elétrico. Retomando as considerações de Charaudeau (2013) sobre os critérios de informação e propósito, é possível inferir que o site de relacionamento aparece em oposição aos trios de entidades reconhecidas como de militância (CUT, CTB, UGT etc.). Consequentemente, cria-se para aquele carro um lugar de “não ativismo” dado como evidência, ao passo que os demais sustentariam visões institucionalizadas da política.

Finalmente, em 2013, tal como nas coberturas das edições anteriores, a caracterização da Parada parece se dar menos por uma ação direta (houve / foi *isto*) do que por mecanismos de pressuposição e subentendimento. É o que sugere o número relativamente baixo de enunciados como aqueles analisados nesta etapa, tendência que se verifica ao longo dos anos.

No ano em questão, parte desses enunciados se dedica a tratar de aspectos estatísticos da manifestação de 2013, como a redução do número de participantes e a alteração de seu perfil demográfico (está mais paulistano / tem mais paulistanos, menos heterossexuais, mais frequentadores que chegam pela primeira vez). Destaca-se, ainda, a presença de artistas, políticos e ativistas (pressupondo, inclusive, uma separação entre essas três “categorias”), limitando-os a um “vaivém arretado” em cima do trio elétrico de Daniela.

No que diz respeito aos objetivos do trabalho, ressalte-se a fala de um participante, trazida em discurso direto, e que conjuga tanto a caracterização da Parada quanto aspectos linguístico-discursivos que tencionam sentidos de política. Atribuindo ao economista Lucas Sales um sentimento de decepção, o jornal reporta sua fala: “Em São Paulo, não tem bandeira nem protesto” (em 4ai). Sem que essa relação seja estabelecida textualmente (isto é, não foi preciso indicar na fala do jovem algo como “estou decepcionado porque...”), seria possível ler na justaposição uma relação de causa e consequência: a ausência de bandeiras e protestos causaria decepção, sendo, portanto, negativa.

Entretanto, há mais a ser observado: a caracterização da Parada pelo jovem se faz na forma de negações. Como visto anteriormente, de acordo com as teorias enunciativas, a negação é, na maioria das vezes, polêmica, por permitir entrever enunciadores distintos daquele que, a priori, coincidiria com o locutor. Sabendo disso, seria possível sustentar a existência de um enunciador que diria: "Em outros lugares, há bandeiras e protestos [e isso é bom/não é decepcionante]". Esse enunciador, portanto, limitaria os sentidos do político para e na Parada: a rigor, para que o evento seja "satisfatório" em sua dimensão política, seriam necessários elementos como "bandeiras" e "protestos". As demais ações, dessa forma, seriam apagadas enquanto ações políticas, o que poderia contribuir para a criação de fronteiras de sentido.

Através do relato do evento, é perceptível que há muito mais a ser dito do que uma mera "reportagem" da realidade. Ao se narrarem ações sequenciais e ao se descrever determinado acontecimento, pode-se entrever de que maneira outros sentidos vão despontando. Contudo, não é verdade que isso só aconteça em enunciados de natureza narrativa e descritiva. Na próxima seção, analiso o lugar conferido aos participantes da Parada, buscando observar como nominalizações e formas de ações contribuem para novas torções nos sentidos de política.

## 3.2 **Caracterização dos participantes**

Como apontado anteriormente, a grande recorrência de referências aos participantes da parada permitiu considerar sua inclusão como critério de análise para a criação de efeitos de sentidos sobre o evento e, assim, sobre sua política. Para essa abordagem, analisam-se, de um lado, as formas de participação associadas a esses indivíduos e instituições – bem como a elementos inanimados personificados, cuja atuação poderia ser equiparada à de um sujeito/grupo humano; por outro, verificam-se as formas de não participação, isto é aquilo que caracteriza a parada pela via oposta: quem, segundo e pelo jornal, é afastado do evento?

Para levantar essa questão, é preciso basear-se em Charaudeau (2013, p. 151), que considera:

> O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois antes de ser transmitido, ele se torna

> objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos.

Por essa razão, interessa-nos precisamente investigar critérios de seleção possíveis para esses atores e seus modos de visibilidade, relacionando-os a maneiras de construir o universo de informação.

Para auxiliar nessa tarefa, foram reunidos no quadro abaixo os enunciados das notícias que apresentavam os indivíduos ou grupos e suas respectivas ações de participação na parada. Restringimo-nos, nesse momento, às formas de participação que não envolviam um ato de fala relatado explicitamente (por discurso direto, indireto ou segundo). Procurou-se, assim, manter a análise num âmbito ainda narrativo (e, em menor medida, descritivo) da Parada, evocando os acontecimentos recortados, descrições realizadas, e os atores a ambos atribuídos.

Quadro 5 – Enunciados contendo sintagmas nominais de participantes e formas de participação (1997,2001, 2005, 2009 e 2013)

| **Ano** | **Enunciado** | **Forma de participação**[24] |
|---|---|---|
| 1997 | (5a) Passeata gay reúne 400 pessoas em SP | REUNIR > PESSOAS |
| | (5b) Cerca de 400 pessoas acompanharam ontem na avenida Paulista a 1ª Parada Gays, Lésbicas e Travestis, segundo a PM. | PESSOAS > ACOMPANHAR |
| 2001 | (5c) Polícia Militar estima que 220 mil pessoas participaram da quinta edição do evento (...) | PESSOAS > PARTICIPAR |
| | (5d) De acordo com a Polícia Militar (...) cerca de 200 mil pessoas acompanharam a caminhada das 15h às 20h | PESSOAS > ACOMPANHAR |
| | (5e) (...) a Polícia Militar, que manteve 400 policiais na área, (...) | POLÍCIA MILITAR > MANTER > POLICIAIS |
| | (5f) Entre elas estavam a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e o deputado José Genoino, pré-candidato petista ao governo. | PREFEITA DE SÃO PAULO / DEPUTADO JOSÉ GENOINO > ESTAR |
| | (5g) Nas edições anteriores, a parada reuniu de 2000 pessoas (1997) a 100 mil (2000). | REUNIR > PESSOAS |

[24] O uso de ">" remete a um traço de [+ atividade] (à esquerda) ou [+passividade] (à direita) na ação relatada. No caso "reunir > pessoas", entenda-se que as pessoas *foram reunidas* por algo. No caso de "pessoas > acompanhar", entenda-se que *pessoas acompanharam* algo.

| | | |
|---|---|---|
| | (5h) E, por ela, misturaram-se jovens garotas de mãos dadas, drag queens, 400 voluntários, pais com filhos nos ombros, viúvas com cachorrinhos e muitas famílias. | JOVENS GAROTAS (...), DRAG QUEENS, VOLUNTÁRIOS (...) > MISTURAR-SE |
| | (5i) O slogan da parada pedia que os participantes abraçassem a diferença. E eles abraçaram. | PARTICIPANTES > ABRAÇAR A DIFERENÇA |
| | (5j) o professor Vicente Valery, que, acompanhado pela mulher, Flávia, levava o filho Antônio, 2, nos ombros. | PROFESSOR VICENTE > LEVAR > FILHO<br><br>PROFESSOR VICENTE > ESTAR ACOMPANHADO D MULHER |
| | (5k) A multidão começou a se concentrar às 14h na Paulista. | MULTIDÃO > CONCENTRAR-SE |
| | (5l) Em seguida, Edson Cordeiro cantou o Hino Nacional e o hit “I will survive”, que levantou a multidão que tomava um quilômetro da avenida. | EDSON CORDEIRO > CANTAR<br><br>LEVANTAR > MULTIDÃO |
| | (5m) O abre-alas chegou à praça da República às 17h50. Às 19h, os participantes cantaram o “Hino à diversidade” e a “Ave Maria”. | PARTICIPANTES > CANTAR |
| | (5n) Dançando sobre os carros de som ou no chão, muitos homossexuais desfilaram seus peitos na Paulista, sem economizar no topless, nem nos decotes. | MUITOS HOMOSSEXUAIS > DESFILAR |
| | (5o) Com a animação da parada, um travesti, ao som de “It’s raining men”, chegou a subir e dançar no alto do guindaste de um caminhão da Eletropaulo, (...) | UM TRAVESTI > SUBIR E DANÇAR NO ALTO DE UM GUINDASTE |
| | (5p) Depois de passear no trenzinho das lésbicas, Daniela, 25, e a namorada, Clarice, 32, ambas corintianas, ficaram desconsoladas, às 17h, ao saber da derrota por 3 a 1 para o Grêmio no estádio do Morumbi. | DANIELA E NAMORADA > PASSEAR NO TRENZINHO DAS LÉSBICAS / FICAR DESCONSOLADAS |
| | (5q) Na esquina da Paulista com a Consolação, Wilson, 33, e Sílvio, 35, bateram boca por causa do clima de paquera e muita azaração. | WILSON E SILVIO > BATER BOCA |
| 2001c | (5r) Parada gay é uma festa de muita gente fantasiada. | [PARADA] SER FESTA DE > GENTE FANTASIADA |
| | (5s) Não faltam personagens da TV, ao lado de | PERSONAGENS DA TV (...) > |

| | | |
|---|---|---|
| | Brancas de Neve e Chapeuzinhos Vermelhos. | NÃO FALTAR |
| | (5t) Em comparação ao ano passado, havia ontem bem menos Feiticeiras. | HAVER > FEITICEIRAS |
| | (5u) Mas Ninjas, Enfermeiras e até a Proibida da G (alusão à Proibida do Funk e à revista homossexual "G Magazine") estavam lá; a Mulher Maravilha, Batman e Robin também. | NINJAS, ENFERMEIRAS (...) > ESTAR |
| | (5v) Uma Iemanjá, toda de azul, dividiu a avenida com clones do Pittbicha, personagem do humorista Tom Cavalcante, no programa "Zorra Total" | IEMANJÁ > DIVIDIR A AVENIDA COM > CLONES DO PITTBICHA |
| | (5w) Ironizando a crise de energia, um travesti todo de preto repetia o nome de sua fantasia: "Apagay" | UM TRAVESTI > REPETIR O NOME DA FANTASIA / IRONIZAR A CRISE DE ENERGIA |
| | (5x) Até dois zapatistas solitários, que se diziam heterossexuais, desfilaram atrás do último carro, empunhando uma faixa contra o capitalismo. Com o lenço característico cobrindo o rosto, acompanharam toda a parada. | DOIS ZAPATISTAS SOLITÁRIOS > DESFILAR<br><br>DOIS ZAPATISTAS SOLITÁRIOS > ACOMPANHAR > TODA A PARADA |
| 2005a | (5y) Segundo a Polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas; militantes falavam em 2,5 milhões e celebravam recorde | TER > PESSOAS |
| | (5z) Motoqueiras com jaquetas de couro, senhoras com perfil de professoras universitárias, jovens estudantes ou darks, como Aline da Silveira Correa, 19, "bissexual", segundo a própria definição, piercing no lábio inferior, comissária de bordo. | MOTOQUEIRAS, SENHORAS (...) > [sem ação definida] |
| | (5aa) uma drag queen militante do Grupo Gay da Bahia proclamava a proeza: "Já somos 2,5 milhões na avenida. Este é o novo recorde mundial de uma parada gay". | DRAG QUEEN MILITANTE DO GRUPO GAY DA BAHIA > FALAR EM QUANTIDADES |
| | (5ab) Enquanto isso, a Polícia Militar quantificava a presença de público em 1,8 milhão de pessoas (...) | POLÍCIA MILITAR > QUANTIFICAR A PRESENÇA DE > PESSOAS |
| | (5ac) Aqui e ali, ontem, viam-se manifestantes fumando um cigarro de maconha, enquanto dançavam ao som de Gloria Gaynor, Ivete Sangalo, Cazuza e Cassia Eller. | MANIFESTANTES > FUMAR MACONHA E DANÇAR |

| | | |
|---|---|---|
| | (5ad) Ao ver que os gays homens encharcavam o chão da calçada do parque Trianon, um grupo de meninas na esquina da alameda Casa Branca fingiu urinar em pé no tronco de uma árvore. Ao lado delas, um amigo, agachado, imitava o jeito feminino. | GAYS HOMENS > URINAR NA RUA<br><br>GRUPO DE MENINAS > URINAR NA RUA (COMO HOMENS)<br><br>UM AMIGO > URINAR NA RUA (COMO MULHER) |
| | (5ae) Ao lado delas, muito à vontade, desfilavam gays como Rogério de Mattos Cardoso, 19, e Cleomilson Bezerra de Souza, também 19, delineador marcando os enormes olhos castanhos. Sem camisa, esquálidos, eles trocavam beijos lascivos de língua, enquanto beliscavam um o corpo do outro. Também mordiam-se e abriam a braguilha das calças. | DOIS GAYS > DESFILAR MUITO À VONTADE<br><br>DOIS GAYS > TROCAR BEIJOS / BELISCAR CORPO / MORDER-SE / ABRIR A BRAGUILHA DAS CALÇAS |
| | (5af) (...) o caixa eletrônico do banco Itaú se transformou num “darkroom” – sala escura, em inglês, típica dos clubes gays | CAIXA ELETRÔNICO > TRANSFORMAR-SE EM DARKROOM |
| | (5ag) O professor Jean Wyllys, primeiro homossexual assumido a ganhar o “reality show” Big Brother Brasil, da Globo, foi o famoso mais aplaudido. Do alto do trio-elétrico, respondia aos gritos histéricos dos fãs jogando beijos. | JEAN WYLLYS > SER APLAUDIDO<br><br>JEAN WYLLYS > RESPONDER A GRITOS |
| | (5ah) Outro que arrancou suspiros da comunidade gay foi o ator Bruno Gagliasso, (...) | BRUNO GAGLIASSO > FAZER SUSPIRAR > COMUNIDADE GAY |
| | (5ai) Gagliasso protagonizou o momento hétero de um grupo de “bolachas”. | BRUNO GAGLIASSO > PROTAGONIZAR MOMENTO HETERO > GRUPO DE BOLACHAS |
| | (5aj) De bonés, calças largas e camisetas de grupos de rap, Edson Dias, 21, e dez amigos metalúrgicos saíram do Jardim Ubirajara (extremo sul) com um único objetivo: caçar mulher. | AMIGOS METALÚRGICOS > SAIR DO JARDIM UBIRAJARA / CAÇAR > MULHER |
| | (5ak) A polícia não registrou ocorrências graves no evento até o fechamento desta edição. | POLÍCIA > REGISTRAR OCORRÊNCIAS |
| | (5al) O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), ficou menos de meia hora na avenida Paulista e foi embora sem responder se é favorável ou não à união civil entre homossexuais. | JOSÉ SERRA > FICAR NA AVENIDA PAULISTA |

| | | |
|---|---|---|
| | (5am) Ao subir ao palco, Serra recebeu vaias e aplausos. Fez, então, um discurso de dois minutos em que disse que “a cidade tem os braços e as mentes abertas às diferenças e à diversidade”.<br><br>(5an) Em seguida, o prefeito foi questionado sobre sua posição com relação ao projeto de lei que estabelece a união civil entre pessoas do mesmo sexo – | JOSÉ SERRA > RECEBER VAIAS<br><br>JOSÉ SERRA > DISCURSAR<br><br>PREFEITO > SER QUESTIONADO |
| | (5ao) Já Marta ficou mais de três horas na parada e aproveitou para iniciar a campanha para o governo do Estado | MARTA SUPLICY > FICAR NA PARADA<br><br>MARTA SUPLICY > APROVEITAR PARA INICIAR CAMPANHA |
| | (5ap) Militantes do PT distribuíram camisetas com a inscrição “Marta 2006”. | MILITANTES DO PT > DISTRIBUIR CAMISETAS |
| | (5aq) A ex-prefeita de São Paulo visitou dois trios elétricos e passou de um para o outro caminhando no meio da multidão, onde posou para fotos com quem pediu e autografou até bilhete único. | EX-PREFEITA > VISITAR TRIOS<br><br>EX-PREFEITA > POSAR PARA FOTOS / AUTOGRAFAR |
| | (5au) Ela também recebeu alguns protestos. O presidente do PT, José Genoino, não desgrudou do seu lado. | MARTA SUPLICY > RECEBER PROTESTOS<br><br>PRESIDENTE DO PT > NÃO DESGRUDAR |
| 2005b | (5as) Na Paulista, casais, duplas e trios usam fantasias idênticas de militares, marinheiros e motoqueiras, entre outras. | CASAIS, DUPLAS E TRIOS > USAR FANTASIAS |
| | (5at) Ele costuma frequentar a passeata com dois amigos, o professor Fabiano Carvalho, 31, e o auditor oficial Roberto Braga, 21, fantasiados da mesma forma | ROGERIO VIEIRA, FABIANO CARVALHO E ROBERTO BRAGA > FREQUENTAR A PASSEATA FANTASIADOS |
| | (5au) Os três não eram os únicos “gays siameses” da parada. | OS TRÊS [AMIGOS] > SER GAYS SIAMESES |
| | (5av) A presidenta da Amam, a advogada Maria Stella Pires, 62, impede um rapaz de entrar (...) | PRESIDENTA DA AMAM > IMPEDIR > RAPAZ |
| | (5aw) Logo depois de descer do carro, a reportagem depara com uma dupla recentemente “idêntica”, o | REPORTAGEM > DEPARAR > DUPLA IDÊNTICA |

| | | |
|---|---|---|
| | terapeuta Márcio Marqueti, 32, e o técnico de enfermagem Luciano Mota, 33 | |
| | (5ax) Eles compraram ontem camisetas amarelas com o mesmo escudo e foram de calças capri brancas e tênis iguais | DUPLA IDÊNTICA > IR À PARADA COM DETERMINADO TRAJE |
| | (5ay) (...) os “padres” José Pires Rocha, designer, e Augusto Martins Silva, 27, terapeuta corporal, dizem que queriam “fazer uma coisa bem-humorada para reagir a essa perseguição do Papa aos gays (...) | HOMENS CASADOS ENTRE SI > FAZER UMA COISA BEM HUMORADA REAGIR À PERSEGUIÇÃO DO PAPA |
| | (5az) Já na rua da Consolação, a enfermeira Luciana Neves, 38, e a comerciante Patrícia Martins, 32, dizem que gastaram R$ 120 para confeccionar elas mesmas roupas de capitão de navio. | DUAS MULHERES > GASTAR R$ 120 PARA CONFECIONAR ROUPAS |
| | (5ba) Gay “separatista” prefere festa a desfilar na parada | GAY “SEPARATISTA” > [NÃO] DESFILAR |
| | (5bb) (...) Rogério Antônio da Silva, 35, que recebeu a Folha ontem para acompanhá-lo nos preparativos para a Parada Gay e numa festa diurna no Conjunto Nacional | ROGERIO ANTONIO > RECEBER > FOLHA |
| | (5bc) Silva fez até fotos tomando banho, mas pediu para não ser associado a “bichinhas estereotipadas” | ROGERIO ANTONIO > FAZER FOTOS TOMANDO BANHO |
| 2009a | (5bd) A produção do clima de festa ficou, então, nas mãos dos carros de militantes | CARROS DE MILITANTES > PRODUZIR > CLIMA DE FESTA |
| | (5be) Eram grupos engajados não apenas em causas especificamente gays, mas em defesa do ambiente e da igualdade racial, além da promoção de igrejas e sindicatos. | MILITANTES > SÃO > GRUPOS ENGAJADOS EM CAUSAS DIVERSAS |
| | (5bf) Frases em defesa da lei estampavam camisetas e bolas infláveis gigantes, em várias cores, que eram rebatidas entre a multidão. | REBATER > BOLAS GIGANTES [ENTRE A MULTIDÃO] |
| | (5bg) Também havia cartazes sobre o tema no trio da drag queen Salete Campari, um dos mais festejados do desfile, com artistas como Rogéria, Leão Lobo e grande presença de go go boys (dançarinos sem camisa, em geral de sunga branca) | TRIO ELÉTRICO > CONTÉM > ARTISTAS |
| | (5bh) esses rapazes descamisados, as drag queens e outros artistas dividiam espaço com mensagens de | RAPAZES DESCAMISADOS / DRAG QUEENS / ARTISTAS > DIVIDIR ESPAÇO COM |

| | | |
|---|---|---|
| | engajamento . | MENSAGENS DE ENGAJAMENTO |
| | (5bi) Com 17 cm de salto nas botas vermelhas, a drag queen Cindy Cristal se preparava para atravessar a parada no carro da CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil). | DRAG QUEEN > ATRAVESSAR A PARADA [NO CARRO DA CTB] |
| | (5bj) Ao seu lado, Wagner Fajardo, da CTB, explicava a que veio o trio da central, que fazia a sua primeira participação no evento. | WAGNER FAJARDO > EXPLICAR |
| | (5bk) Representante da UGT, também em seu primeiro desfile, Cleonice Caetano celebrava a oportunidade. | CLEONICE CAETANO > CELEBRAR OPORTUNIDADE |
| | (5bl) A CUT também tinha trio elétrico, assim como sindicatos como os de telemarketing (Sindratel), de enfermeiros (Seesp) e de professores (Apeoesp). | CUT / SINDICATOS > TER TRIO ELÉTRICO |
| | (5bm) Já a Comunidade Cristã Nova Esperança chamava a atenção pela militância no chão | COMUNIDADE CRISTÃ > MILITAR [NO CHÃO] |
| | (5bn) Entre personalidades da política estiveram lá o prefeito Gilberto Kassab (DEM), o governador José Serra (PSDB) (...) e a ex-prefeita Marta Suplicy (PT). | PERSONALIDADES DA POLÍTICA > ESTAR [NA PARADA] |
| | (5bo) Com o tema “Não homofobia”, um caminhão de som na avenida Paulista convidava o público a participar de um abaixo-assinado que defende projeto de lei federal que torna crime discriminar homossexuais. | CAMINHÃO DE SOM > CONVIDAR > PÚBLICO<br>PÚBLICO > PARTICIPAR DE ABAIXO-ASSINADO |
| 2009b | (5bp) No incidente mais grave, morador lança artefato caseiro e fere 30 no centro | MORADOR > LANÇAR BOMBA CASEIRA / FERIR |
| | (5bq) No episódio mais grave, por volta das 22h, o morador de um edifício na avenida Vieira de Carvalho (centro) se irritou com o barulho de pessoas que dispersaram da festa e jogou uma bomba caseira no grupo. | MORADOR > IRRITAR-SE<br>MORADOR > JOGAR BOMBA CASEIRA > GRUPO<br>PESSOAS > DISPERSAR DA FESTA / FAZER BARULHO |
| | (5br) Segundo a Polícia Militar, 30 pessoas ficaram levemente feridas pelo artefato | PESSOAS > FICAR FERIDAS |
| | (5bs) Três pessoas foram detidas. | PESSOAS > SER DETIDAS |
| | (5bt) uma pessoa esfaqueada em briga, outra com | PESSOA > SER |

| | | |
|---|---|---|
| | fratura exposta e os demais por excesso de álcool. | ESFAQUEADA |
| | (5bu) ela [ambulância] não usou uma rua exclusiva para chegar ao ponto de apoio e teve de abrir espaço na multidão | ABRIR ESPAÇO > MULTIDÃO |
| | (5bv) Algumas pessoas foram prensadas nas grades | PESSOAS > SER PRENSADAS |
| 2013a | (5bw) Segundo o Datafolha, houve redução de 18,5% no número de participantes | REDUZIR NÚMERO DE > PARTICIPANTES |
| | (5bx) A chuva persistente e a temperatura média de 16ºC afastaram o público da Parada Gay de São Paulo neste ano. | CHUVA > AFASTAR > PÚBLICO |
| | (5by) Sem dizer de que forma foi calculado o público, a organização estimou em 5 milhões o número de participantes. | ORGANIZAÇÃO > CALCULAR > PÚBLICO<br>ORGANIZAÇÃO > ESTIMAR > PARTICIPANTES |
| | (5bz) Pelo jeito, o público não estava nem aí para “lutas” num dia frio e chuva. | PÚBLICO > NÃO ESTAR NEM AÍ PARA LUTAS |
| | (5ca) Os dados mostram que em sua 17ª edição a parada também ficou mais paulistana, 63% dos participantes neste ano contra 60% do ano passado vivem na cidade. | PARTICIPANTES [PORCENTAGEM] |
| | (5cb) O evento teve maior participação de “calouros” (33% estrearam na pista, contra 28%, em 2012) | CALOUROS > PARTICIPAR<br>CALOUROS > ESTREAR NA PISTA |
| | (5cc) Os entrevistadores ouviram 4.491 pessoas . | ENTREVISTADORES > OUVIR > PESSOAS |
| | (5cd) A média de idade do público foi de 27,6 anos. | PÚBLICO |
| | (5ce) O pico de movimentação foi às 15h quando a cantora baiana Daniela Mercury, que há dois meses “saiu do armário”, começou seu show em cima do trio elétrico. | DANIELA MERCURY > SAIR DO ARMÁRIO<br>DANIELA MERCURY > COMEÇAR SEU SHOW |
| | (5cf) O governador Geraldo Alckmin (PSDB), o prefeito Fernando Haddad (PT), o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) e a ministra da Cultura, Marta Suplicy (PT), foram alguns dos políticos que estiveram no evento. | POLÍTICOS > ESTAR NO EVENTO |

| | | |
|---|---|---|
| | (5cg) Após a onda de arrastões na Virada Cultural, nos dias 18 e 19 de maio, na capital, a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana resolveram reforçar a segurança | POLICIA MILITAR E GUARDA CIVIL METROPOLITANA > RESOLVER REFORÇAR A SEGURANÇA |
| | (5ch) Ao todo, 2.800 agentes atuaram na parada | AGENTES > ATUAR NA PARADA |
| | (5ci) Segundo balanços parciais da GCM e da PM, oito pessoas foram detidas. | PESSOAS > SER DETIDAS |
| | (5cj) Entre elas, estava um homem que usou "indevidamente" um uniforme original do Corpo de Bombeiros, mesmo sem ser um membro da corporação. | HOMEM > USAR INDEVIDAMENTE UNIFORME DO CORPO DE BOMBEIROS |
| | (5ck) Uma outra pessoa foi presa por tentativa de furto de uma máquina fotográfica | PESSOA > EXERCER TENTATIVA DE FURTO<br>PESSOA > SER PRESA |
| | (5cl) Ainda de acordo com a PM, seis pessoas foram levadas para a delegacia por urinar na rua. | PESSOAS > URINAR NA RUA<br>PESSOAS > SER LEVADAS PARA A DELEGACIA |
| | (5cm) O comércio ambulante também foi combatido na parada – 6.530 produtos vendidos por camelôs foram apreendidos | COMERCIO AMBULANTE > SER COMBATIDO |
| 2013b | (5cn) Pesquisa Datafolha aponta que 72% dos participantes da Parada Gay de ontem pretendem se casar legalmente – | PARTICIPANTES > PRETENDER SE CASAR |
| | (5co) O casal formado pela empresária Mariana Lima, 42, e a diretora de planejamento Suzana Gonlandem, 37, curtia a multidão presente nos arredores da praça da República | CASAL DE MULHERES > CURTIR > MULTIDÃO |
| | (5cp) No evento de ontem, segundo o Datafolha, 27% dos participantes vieram de outras cidades | PARTICIPANTES > VIR DE OUTRAS CIDADES |
| 2013c | (5cq) Daniela esquenta parada fria e chuvosa | DANIELA MERCURY > ESQUENTAR > PARADA |
| | (5cr) Com uma sequencia de hits, discurso contra homofobia e beijo na mulher, baiana arrasta maior público da festa gay | BAIANA > ARRASTAR > MAIOR PÚBLICO |

| | | |
|---|---|---|
| | (5cs) O “tum-tum-tum” dos trios elétricos até que tentou esquentar a Parada Gay, mas quem atiçou a galera foi mesmo a cantora Daniela Mercury. | TUM TUM TUM DOS TRIOS ELÉTRICOS > ESQUENTAR > PARADA<br><br>DANIELA MERCURY > ATIÇAR > GALERA |
| | (5ct) Num dia frio, de garoa incessante, até as “barbies” – aqueles gays hipermusculosos – buscavam algo para se aquecer. | BARBIES > PROCURAR ALGO PARA SE AQUECER |
| | (5cu) Daniela arrastou a maior multidão entre os 17 trios que participaram da Parada Gay de São Paulo | DANIELA MERCURY > ARRASTAR > MULTIDÃO |
| | (5cv) o governo baiano investiu 120 mil reais no trio elétrico da cantora, como parte de uma ação que visa transformar a Parada Gay de Salvador na segunda maior de todo o país. | GOVERNO BAIANO > INVESTIR 120 MIL REAIS EM TRIO ELÉTRICO |
| | (5cw) “É a primeira parada da minha vida. Estou delirando”, disse Daniela à Folha no camarim, momentos antes de subir ao palco, onde cantou hits e marchinhas por quase duas horas. | DANIELA MERCURY > CANTAR HITS E MARCHINHAS |
| | (5cx) Em cima do trio de Daniela, um vaivém arretado: artistas, políticos, ativistas. | ARTISTAS, POLÍTICOS, ATIVISTAS > VAIVÉM |
| | (5cy) O pastor foi o principal alvo da parada de ontem, tanto no chão como no alto dos trios elétricos. | PASTOR > SER ALVO DE > PARADA |
| | (5cz) O público foi mais uma vez ao delírio | PÚBLICO > IR AO DELÍRIO |

Ao longo dos anos, os atores são apresentados através do que se pode considerar duas subcategorias: a dos participantes “gerais” (que corresponderiam discursivamente à totalidade dos participantes, num movimento generalizante dos indivíduos presentes e recortados naquele espaço) e a dos participantes “focalizados” (grupos ou indivíduos cujas ações são destacadas dos demais, por critérios que iriam desde o inusitado de suas ações a uma suposta popularidade prévia em meio aos leitores – agora reforçada pelo próprio ato de destacar). Com efeito, em relação a esses últimos, o *Manual de Redação* do jornal aponta, no verbete “Personagem da notícia”:

> Uma das formas de despertar o interesse do leitor é provocar identificação, ou empatia, com o personagem da notícia. Procure sempre levantar e registrar o máximo de informações (biográficas, físicas, de comportamento) sobre o entrevistado ou sobre os envolvidos no fato. Elas serão úteis no momento de descrever a pessoa.

> Escreva seu texto de modo a compor para quem lê uma imagem viva, concreta, do personagem da notícia. Se ele for de fato interessante, pode atrair o foco da reportagem, transformando-a em um perfil. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1996)

Por essa razão, torna-se de interesse do jornal lançar uma luz sobre determinados participantes da parada. Esse destaque não é senão também ele um recorte do mundo, não estando isento também de efeitos de sentido. É deles que trata esta seção.

Em 1997 (supõe-se que, principalmente, pela concisão do relato), o jornal se limita a apresentar um aspecto totalizante do evento: fala-se apenas de "pessoas", categoria mais ou menos generalizante que se afastaria de um recorte de gênero/sexualidade (homens, mulheres, gays, lésbicas, homossexuais etc) ou ideológico (manifestantes, cidadãos). Essas pessoas, por sua vez, são apresentadas através de dois movimentos: no título da reportagem, são reunidas pela parada; no primeiro parágrafo, acompanham-na. Conjugados, os termos auxiliariam na configuração de um evento *anterior* à presença das pessoas: haveria uma parada prévia, constituída, que possuiria a qualidade de reunir pessoas, ao passo que estas não *constituiriam* a parada em si, mas apenas a acompanhariam.

Em 2001, uma constância chama a atenção: novamente, a parada é construída de acordo com sua qualidade de *reunir pessoas* ("Nas edições anteriores, a Parada reuniu 2000 pessoas (...)") e estas ora participam, ora acompanham o evento. Esse dado, relacionado ao anterior, contribuiria para certa configuração de passividade dos participantes, que se posicionariam quase como segundo plano com relação à própria parada. Dito de outro modo, o mundo seria construído de tal maneira que a parada existiria antes de uma congregação de pessoas, que viriam acompanhá-la, tendência que parece acompanhar o crescimento do evento, como se verá.

Outros procedimentos buscam abordar de forma generalizante os indivíduos e grupos da parada, como o momento no qual se aponta para a diversidade de participantes: "E, por ela [a liberdade de opção], misturaram-se jovens garotas de mãos dadas, drag queens, 400 voluntários, pais com filhos nos ombros, viúvas com cachorrinhos e muitas famílias". Chama a atenção, porém, a forma de participação empregada para reuni-los. Ao propor que todos eles, garotas, drag queens, voluntários, famílias, etc; "se misturaram" pela "liberdade de opção", seria instaurada uma divisão prévia, pressuposta pelo verbo "misturar-se": a de que todos esses elementos não estão misturados habitualmente ou, no mínimo, não pertencem à mesma realidade. A "mistura", portanto, acontece *hic et nunc*, entre elementos que, como outros, só se tornam polarizados devido a um movimento discursivo. Ora, se, antes, as diferenças particulares entre cada um desses indivíduos era diluída em recortes gerais como

“participantes” e “multidão”, na “mistura”, muda-se o foco para cada um desses elementos, singularizado e passível de se mesclar com outros.

Não é trivial, aliás, que esses elementos sofram recortes aparentemente diversificados, que apontam ao mesmo tempo para a diversidade sexual (garotas, drag queens), ora para a constituição familiar (viúvas, pais com filhos nos ombros, famílias), ora para o trabalho (voluntários). A partir do movimento discursivo, portanto, cria-se um mundo provisório, recortado dos “dados sensíveis do real”, no qual meninas de mãos dadas não seriam exatamente voluntárias, pais com filhos nos ombros não seriam exatamente famílias, dentre outros.

Dentre os participantes “focalizados”, figuram alguns, contudo, que, também por um movimento discursivo, são apresentados como elementos inusitados dentro do contexto da parada. Ainda em 2001, encontra-se o trecho: “Com a animação da parada, um travesti chegou a subir e dançar no alto de um guindaste de um caminhão da Eletropaulo (...)”. Ao focalizar esse modo de participação, destacando-o com a locução “chegar a”, o jornal apontaria e reforçaria uma cisão entre comportamentos *esperados* e comportamentos *não esperados* para a parada. Não se imaginaria, por exemplo, uma locução semelhante em ações que poderiam ser consideradas “normais” e “naturais”, como “um manifestante chegou a discursar no alto de um carro de som” ou “meninas chegavam a dançar debaixo do sol”. Por essa razão, é possível sustentar que a locução “chegar a”, dentro do “universo do dizível” acerca da Parada, contribuiria para uma cristalização de comportamentos esperados e, por consequência, da própria parada e da política que nela se faria.

Caso semelhante ocorre com os trechos (5t) e (5u). Ao tratar das fantasias, nota-se que o jornal destaca a participação da “Proibida da G”, dentre as “Ninjas” e “Enfermeiras”. Ao fazê-lo, contudo, efetua uma cisão entre os participantes, de tal modo que “Feiticeiras, Ninjas e Enfermeiras” são personagens *esperados* no evento, enquanto a “Proibida da G” não o seria. Através de um jogo de pressupostos e subentendidos, o jornal cristaliza e naturaliza a participação de “Ninjas” e “Enfermeiras” (personagens fantasiosos), ao mesmo tempo em que desnaturaliza a participação da “Proibida da G”, em razão, supõe-se, de seu caráter inusitado (seria a primeira ocorrência de um personagem desse tipo).

Outra ocorrência do termo anterior reforça a hipótese de uma naturalização discursiva dos elementos da parada. No último parágrafo da notícia de 2001, o jornal destaca: “Até dois zapatistas solitários, que se diziam heterossexuais, desfilaram atrás do último carro, empunhando uma faixa contra o capitalismo” (5x). Para além do destaque da presença desses dois indivíduos (num universo de mais de duzentas mil pessoas), é notório que sua presença

também seja ressaltada através do uso de “até”. Seguindo tal linha de argumentação, os “zapatistas” (caracterizados como solitários, dado relevante numa parada caracterizada pela mistura de indivíduos, como visto anteriormente) são apresentados como elementos surpreendentes no universo da parada criado pelo jornal. E se há elementos surpreendentes, seria subentendido que os demais elementos seriam naturais ou, no mínimo, esperados, de modo que a se criar uma desidentificação do acontecimento “parada” com os aportes trazidos pelos dois rapazes.

Não é trivial, também, o modo de apresentação desses últimos elementos. Para além de destacá-los com o termo supracitado, o jornal ressalta sua localização espacial com relação ao evento (“atrás do último carro”), apresentando-os, ademais, no último parágrafo da página. Considerando as teorias jornalísticas do espaço redacional, segundo as quais os elementos menos relevantes no contexto da notícia são apresentadas por último, somando-se ao efeito de surpresa conferido à participação dos dois zapatistas, seria sugerido também um efeito de isolamento dos jovens frente ao contexto da manifestação.

Em 2005, são menos frequentes as remissões ao conjunto dos participantes, referidos primordialmente como “pessoas”, em conotação generalizante. Ainda assim, persiste a ideia de um acontecimento prévio: o evento “tem” 1,8 milhões de pessoas.

O que chama a atenção, de acordo com o olhar que se lança sobre o corpus, são algumas remissões a participantes que parecem tensionar o sentido do “político” na Parada. É o caso, por exemplo, dos momentos em que o jornal se refere a militantes. Em (5y), subtítulo da notícia, estes são opostos à polícia na quantificação do público – “Segundo a Polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas; militantes falavam em 2,5 milhões”; em (5aa), evoca-se uma drag queen militante do Grupo Gay da Bahia que teria anunciado o número de participantes; em (5ap), lança-se uma luz sobre militantes do PT que teriam distribuído camisetas de campanha para Marta Suplicy. Em comum, o fato de que os “militantes” só aparecem em contextos institucionalizados – militantes *de tal ou qual grupo*, apontando para uma possível institucionalização da política. É de se notar, ademais, que o enunciador em (5aa) é referido como uma drag queen (anônima) que demanda o qualificador *militante*, pressupondo uma desassociação entre os termos – há drag queens não militantes (ou, minimamente, caracterizar-se como drag queen não é condição suficiente para ser considerado militante).

Corrobora essas observações a ideia de que as ações dos “militantes” se limitam a uma contagem de público e à distribuição de material de campanha. Quando têm suas ações narradas, por sua vez, os demais participantes recebem denominações que vão do geral ao

específico, como “gays homens”, “fãs”, “casais, duplas e trios”, “dois amigos”, “presidenta da Amam”, etc., mas que também não apontam para uma política prototípica. Suas formas de participação relatadas pelo jornal, igualmente, não parecem ligar-se a ela: gays homens urinam na rua, fãs gritam histericamente, casais, duplas e trios usam fantasias, dois amigos vão à Parada caracterizados de certa maneira, a presidenta da Amam impede a entrada de um homem num trio elétrico.

Faz-se uma ressalva, contudo, ao uso do referente “manifestantes”, que no ano em questão surge em apenas um contexto, evocado na sequência (5ab). Apesar de aludir a uma política prototípica (é possível atribuir o nome “manifestantes” àquele grupo pessoas), é notável que o termo se insira num *co*texto que afirma: “Foi uma enorme brincadeira, regada a litros e mais litros de cerveja, whisky falsificado e vinho barato”. Que relação lógica torna possível fazer referência a uma brincadeira e evocar manifestantes fumando maconha logo em seguida? Iluminam-se algumas possibilidades: uma nova configuração da ideia de manifestação, onde é possível brincar e se manifestar ao mesmo tempo? Um enfraquecimento da ideia de manifestação? Em todo caso, “manifestar”, aqui, adquire sentidos não transparentes, recuperados através do próprio fato de ser possível enunciar.

No que se refere às figuras políticas, é também interessante observar certo apagamento, que tensiona as possibilidades de modos de participação do público na Parada LGBT. Ao trazer as figuras de José Serra e Marta Suplicy, respectivamente prefeito e ex-prefeita de São Paulo, o jornal relata também vaias, aplausos e protestos. Contudo, tais manifestações têm seus agentes apagados, em (5am) e (5ao), não sendo possível recuperar a quem são atribuídas tais ações. Aos participantes, diga-se, identificados, são atribuídas formas de participação ligadas, a priori, aos festejos (dançar, urinar na rua, fantasiar-se), afastando os sujeitos das reações às falas (ou à presença) de políticos ao abordarem a questão LGBT na cidade.

Ressalte-se, não obstante, a participação de José Pires Rocha e Augusto Martins Silva, em (5ay), que, segundo o jornal “dizem que queriam ‘fazer uma coisa bem-humorada para reagir a essa perseguição do Papa aos gays”. Na sequência, alude-se a uma nova forma de política, pautada como reação, ainda que o jornal se afaste da responsabilidade sobre o dito. Voltarei a esse ponto no capítulo dedicado ao discurso relatado.

Ao lado dos participantes de carne e osso, outro se faz perceber em meio ao relato do jornal. Na sequência (5af), evoca-se o “caixa eletrônico do banco Itaú” que “se transformou num ‘*darkroom*’ – sala escura, em inglês, típica dos clubes gays”. Personificado, o caixa eletrônico (aparente metonímia para o espaço do banco, e não o aparelho em si) é agente de

uma *transformação*, isto é, uma atualização de suas funções. Em meio a um contexto em que a cidade (e seus cidadãos) também se "transforma(m)", o espaço é lido como um dos ambientes dos clubes gays, o que sugere um efeito de mercantilização do evento, por extensão: se o caixa eletrônico do banco é o *darkroom*, a Parada seria a própria pista de dança. Assim, através do movimento textual, de manifestantes em potencial, os participantes são subjetivados em frequentadores de uma boate, com todos os seus ambientes: a Parada.

Encerrando a cobertura da edição, o jornal dedica um box à direita da página para tratar de um novo e aparentemente inusitado "personagem", nas sequências (5ba), (5bb) e (5bc). Num embate criado pelo jornal, o leitor é introduzido a Rogério Antônio da Silva, identificado na chamada da reportagem como "gay 'separatista'".

Ao tratar o personal trainer sob essa alcunha, seria recuperável uma memória discursiva da disputa política territorial. Com efeito, ao longo da leitura, observa-se uma separação espacial entre a "Parada" (rua) e a "festa" (no Conjunto Nacional). Numa leitura superficial, seria possível acreditar na oposição entre a festa e o desfile, aludida em (5ba), como uma preferência de Rogério da Silva por um ambiente *mais* festivo em comparação a outro *menos* festivo – afinal, pressupõe-se pela oposição estabelecida no título que "desfilar na parada" não é o mesmo que "festa" e que é possível (e necessário?) optar por um ou por outro. Contudo, o que nos revela uma leitura mais atenta da reportagem é que a oposição que ora se coloca é entre duas festas, mas com atributos diferentes. À festa no Conjunto Nacional, atribuem-se os qualitativos [+cabeça de hétero], [+champanhe[25]], [+roupas de grife]; à Parada, os qualitativos [+bichinhas estereotipadas]; [+pintosas[26]]. À luz desse embate, parece se esvaziar o sentido político da Parada, que pertence a um universo textual onde pode ser comparada (e oposta) a uma festa particular. Apagando a possibilidade de outros sentidos para a Parada, ao menos nessa passagem, o jogo de oposições, portanto, construiria um mundo ético onde a única diferença entre a parada e uma festa se pauta em valores de consumo e comportamento mais ou menos heteronormativo[27].

Em 2009, já não se alude à totalidade dos participantes como "manifestantes". Entretanto, acontecem recortes bastante claros dentre eles. No que se refere ao objetivo desta dissertação, chama atenção a menção ao termo "militantes", empregado logo no início da

[25] Vale lembrar da menção ao whisky falsificado da Parada, feita anteriormente, em 2005a.

[26] Na gíria gay, "pintosa" se refere ao homossexual afeminado, afetado, que "dá pinta" [de gay], indícios evidentes de sua orientação sexual.

[27] A relação entre subjetividades, consumo e homossexualidades é explorada com rico detalhamento em França (2012)

notícia. Ao abordar a ausência de carros financiados por casas noturnas, em (5bd), o jornal evoca: “A produção do clima de festa ficou, então, nas mãos dos carros de militantes”. Com o uso do artigo definido no sintagma “clima de festa”, apresenta-se determinada ambientação como um dado, sem que para isso seja necessário afirmar que havia um clima de festa. Além disso, para ser possível enunciar que, neste ano, o clima de festa era produzido por militantes, seria necessário pressupor que, anteriormente, ele seria realizado por “não militantes”. Através da enunciação, seria criada uma memória discursiva acerca daqueles que participaram e produziram a Parada nos anos anteriores: se somente neste ano “militantes” produzem tal clima, é possível inferir que aqueles que o produziram anos atrás não seriam militantes, configurando novo lugar para as ações políticas e para o que pode ou não ser considerado como tal.

Com efeito, a notícia de 2009 segue uma prática verificada na reportagem de 2005, a de considerar “militante” apenas o indivíduo “institucionalizado”, participante de ONGs ou semelhantes. Corrobora com esse argumento o fato de que, logo em seguida, em (5be), o jornal define quem seriam tais “produtores” do clima evocado: “grupos engajados não apenas em causas especificamente gays, mas em defesa do ambiente e da igualdade racial, além da promoção de igrejas e sindicatos”. Note-se, ademais, que, neste trecho, a promoção de “igrejas” e “sindicatos” é sintaticamente destacada com relação aos demais “militantes”, através da expressão “além de”, restringindo ainda mais o termo. Não por acaso, o leitor é apresentado logo em seguida a uma drag queen que *atravessa* a Parada no carro da Central dos Trabalhadores do Brasil (5bi), e aos representantes desta central e da União Geral dos Trabalhadores, chamados a falar sobre a participação dos sindicatos (5bj e 5bk). São ressaltados, logo após, em (5bl), outros sindicatos, como a CUT, o dos profissionais de telemarketing (Sindratel), dos enfermeiros (Seesp) e de professores (Apeoesp), que participam *tendo* trios elétricos, bem como a Comunidade Cristã Nova Esperança, cuja participação é a *militância no chão* – ainda que não se defina bem o que a caracteriza.

A outros participantes, não caracterizados por aquilo que poderia ser identificado como “militância institucional”, são atribuídos lugares bastante específicos, que apontam para certa territorialização do evento. Em (5bg), a participação de artistas reconhecidamente LGBT é mencionada como uma presença celebrada pelos participantes. No trecho, o jornal se refere ao trio elétrico da drag queen Salete Campari, que contém artistas como Rogéria e Leão Lobo, sugerindo uma passividade em seu modo de participação. Sobre estes, parece bastar somente a constatação de sua presença.

Logo em seguida, em (5bh), sublinha-se a participação de rapazes descamisados (“go go boys”), drag queens e outros artistas. O que salta aos olhos, contudo, é sua forma de participação: ambos *dividem espaço* com mensagens de engajamento. No enunciado em questão, é notável que pessoas dividam espaço com textos, o que sugeriria um duplo movimento: ou tais pessoas seriam também lidas como textos, ou as mensagens de engajamento seriam elas mesmas tomadas como participantes. Em qualquer um dos casos, observa-se uma oposição sutil sendo colocada num espaço a ser dividido. Sugere-se, assim, através do uso do verbo, que go go boys, drag queens e demais artistas apareçam como “mensagens de desengajamento”, ou ao menos algo distante de um “verdadeiro engajamento”. Ao mesmo tempo, parece se dissipar a possibilidade do corpo como política, aspecto fundamental proposto pelo movimento LGBT (mas não só por ele), sobretudo a partir da década de 1970 (cf. capítulo 1).

Não seria a primeira vez. Tal como apontado em 2005, ao analisar o modo de participação do “gay separatista”, cria-se uma região fronteiriça no universo da Parada. Nela, estabelece-se uma aparente divisão dos lugares onde ocorreria a política (o engajamento) e onde ocorreria qualquer outra coisa, cuja natureza nos escapa, mas que parece apontar para um lugar de *não política*.

Outro momento onde se vislumbra essa cisão no evento, criando efeitos de sentido acerca do político, encontra-se em (5bo). Apontando uma “estagnação do ativismo gay” na Parada – já abordada no capítulo de relato do evento –, o jornal volta seu olhar para um abaixo-assinado que teria circulado entre os participantes. Entretanto, o participante responsável por divulgar tal documento não é humano, mas sim “um caminhão de som na avenida Paulista”, que “convida o público a participar” do abaixo-assinado. Em 2001, procedimento semelhante ocorria, na medida em que o jornal parecia reservar lugares tradicionalmente políticos a entidades inanimadas como faixas e cartazes. Dá sustento a essa visão considerar que, logo em seguida, na notícia de 2009, o jornal traz em discurso direto a voz de “um representante”, anônimo, impessoal, que convoca os participantes para a assinatura, deixando pouco clara sua relação com o evento. Voltarei a essa questão no capítulo dedicado ao discurso relatado.

Finalmente, destaco uma última observação com relação aos participantes desse ano, caracterizada pela oposição aos demais. Ao final da notícia, o jornal apresenta um episódio grave de violência, já abordado na seção referente ao relato do evento. O que chama a atenção, nesse caso, é o destaque que ganha seu protagonista com relação aos demais participantes, bem como a maneira como isso é efetuado. Sabe-se, através do jornal (em 5bp e

5bq), tratar-se de um “morador de um edifício na avenida Vieira de Carvalho”, que teria jogado uma bomba contra um grupo que dispersava do evento. Mas o que permitiria ao jornal recuperar essa memória para esse indivíduo? O trecho em questão parece criar para ele um lugar de “não participação”, ou, minimamente, de “participação contrária”. Através da narração de seus atos, vislumbra-se uma cena de embate (semelhante, ainda que mais grave, à de 2005), na qual o “morador” se opõe à “festa”. Aos demais participantes, portanto, resta uma nova forma de participação, sensivelmente diferente daquela dos demais personagens evocados: a de “dispersar” de uma festa e “fazer barulho”, dados como elementos provocadores da irritação alheia.

Em 2013, o jornal confere amplo destaque para a diminuição no número de participantes dessa edição (comparada às demais), valendo-se, inclusive, de métodos estatísticos próprios, através do Instituto Datafolha.

Com relação às demais notícias analisadas, nota-se uma completa ausência de termos que apontariam, a priori, para sentidos de política mais estabilizados, referindo-se à totalidade dos participantes. Nas três notícias que compõem o ano em questão, é possível dizer deles “público”, “pessoas”, “multidão”, sugerindo sua homogeneização, tendendo ao aparentemente pacífico e apagando disputas, ao menos nesse contexto.

Ainda assim, é possível entrever em determinados enunciados torções à questão da política que envolve a Parada LGBT. Dando ênfase à redução do número de participantes, o jornal atribui a ausência de pessoas à chuva e ao clima frio, em (5bx): “a chuva persistente e a temperatura média de 16º C afastaram o público da Parada Gay de São Paulo neste ano”. A partir de tal relação de causa e consequência (chuva → menos público), seria subentendido que a principal razão para o comparecimento dos indivíduos à Parada seria o bom tempo, apagando outras possibilidades. Essa constatação é reforçada ao se analisar um enunciado mais à frente, no qual se afirma: “pelo jeito, o público não estava nem aí para ‘lutas’ num dia frio e chuva”. Introduzido por uma expressão que denota uma posição conclusiva do jornalista com relação ao fato, observa-se uma clara gradação de importância, na qual a luta seria considerada menor se comparada ao clima. Desse modo, o leitor estaria diante de um mundo ético, criado pelo jornal, onde o mau tempo seria razão suficiente para afastar os indivíduos da participação e, portanto, da ação política. O uso de aspas no substantivo “lutas” é também sintomático no trecho em questão. Trataremos dele mais adiante, na seção dedicada ao discurso relatado, em conjunto com as falas que contrastam com o enunciado em questão.

Tal como nos anos anteriores, a participação de figuras da política partidária é também sublinhada através da simples presença, em (5cf): Geraldo Alckmin, Fernando Haddad, Jean

Wyllys, dentre outros, *estiveram* no evento, forma de participação aparentemente passiva. Entretanto, a celebridade em destaque nesse ano é Daniela Mercury. Na terceira notícia do ano em pauta, parece relevante destacar uma de suas formas de participação, criadora de sentidos para toda a Parada. Na manchete da notícia, o jornal afirma: "Daniela esquenta parada fria e chuvosa" (5cq). De início, a caracterização do evento pressuporia dois estados, anterior e posterior à presença da cantora. Estes, contudo, não nos parecem simples indicações meteorológicas, sugerindo, antes, por oposição, *valores* para a manifestação – desânimo x animação. Com efeito, pouco depois, o jornal afirma: "o 'tum-tum-tum' dos trios elétricos até que tentou esquentar a Parada Gay, mas quem atiçou a galera foi mesmo a cantora Daniela Mercury" (5cs). Ainda que o leitor não tenha acesso às ações anteriores ao show da artista, seria possível inferir uma participação que tende ao negativo, e que se transforma a partir da presença de Daniela.

No que diz respeito às formas de participação, vale destacar, ainda, alguns enunciados que põem em cena participantes que não estão inseridos imediatamente no contexto da Parada. Através do texto da notícia, o jornal cria uma memória discursiva acerca de outros eventos e participantes.

É o caso, em primeiro lugar, da Parada Gay de Salvador. Tematizando a presença de Daniela Mercury, a notícia ressalta: "o governo baiano investiu 120 mil reais no trio elétrico da cantora, como parte de uma ação que visa transformar a Parada Gay de Salvador na segunda maior de todo o país" (5cv). Não é dado ao leitor saber de que maneira o jornal teve acesso a tal informação (notas oficiais? Pronunciamentos de prefeitos? Coletivas de imprensa?). Ainda assim, o "governo baiano" parece despontar na Parada de São Paulo também como participante, tendo como ação "investir" no trio elétrico. Note-se, nesse momento, o uso do verbo "investir", que pode remeter a aspectos mercadológicos do evento. Por que, contudo, somente o "investimento" desse carro é destacado? Sem querer denunciar uma suposta intencionalidade do jornalista, aposta-se na ideia de que tal destaque (e, portanto, o apagamento das demais possibilidades) é criador de sentidos, e sugeriria uma política que passa por questões financeiras, associando a política ao investimento – investe-se *para transformar a Parada de Salvador*... mas e os demais carros? Por que investem?

Na outra ponta, outro personagem ganha destaque no texto jornalístico, também caracterizado por sua não participação. Diante da fala de Daniela Mercury, reportada pelo jornal ("Fora, Feliciano. Eu quero é felicidade"), o jornal recupera vozes que parecem situar o pastor Marco Feliciano no contexto da causa LGBT. Numa delas, o religioso parece despontar como participante (ainda que discursivo), na medida em que "foi o principal alvo da parada de

ontem, tanto no chão como no alto dos trios elétricos" (5cy). No enunciado em questão, dois aspectos chamam a atenção: o primeiro, a remissão ao fato de Feliciano ter sido o "principal" alvo da Parada, pressupondo a existência de outros "alvos", que, no entanto, são apagados[28]. O segundo, a ideia de "territórios" da Parada (alto dos trios x chão), apontando para locais distintos onde circulariam práticas distintas (a ponto de ser necessário destacar que o "alvo" em comum, de certa maneira, os uniu).

Através da análise das nominalizações e diferentes formas de participação dos indivíduos ao longo das notícias, observa-se que, ao construir (nunca "reportar") um "fato", o jornal acaba por produzir sentidos diversos para os sujeitos que dele participam. Não se poderia dizer, portanto, que há apenas uma notícia sendo veiculada: haveria, antes, sentidos em movência, dizendo-se muito mais do que o simples "fato" em si.

Essa dinâmica transparece também no discurso relatado, marca primordial do discurso jornalístico. Na seção seguinte, analisa-se de que modo as diferentes vozes trazidas pelo jornal (e aquelas deixadas de fora) contribuem para tensionar os sentidos da política. Dá-se também especial atenção para os conteúdos do dito, tomando o cuidado de não considerá-los retratos fiéis da realidade, dos quais o jornal lança mão, mas sim vozes inscritas num jogo discursivo construído, que sustenta e é sustentado pela própria enunciação.

## 3.3 **Discurso relatado**

No terceiro e último critério de análise elencado, observou-se o papel das diferentes formas de discurso relatado trazidas pelo jornal, considerando sua importância para o discurso jornalístico, conforme evocado anteriormente (SANT'ANNA, 2000; 2004; DEUSDARÁ; SANT'ANNA, 2007; BAALBAKI, 2007; CHARAUDEAU, 2013). Para tanto, deve-se partir de uma concepção ampla de discurso relatado, que englobe, ao mesmo tempo, não apenas suas formas mais tradicionais e marcadas (como os discursos direto, indireto e segundo), mas também outros mecanismos de afastamento do enunciador-jornalista, em diferentes graus (como as aspas e ilhas textuais).

Além disso, será trabalhada também nessa categoria uma forma menos marcada de discurso relatado, o discurso narrativizado (cf. SANT'ANNA, 2004), considerando sua

[28] Isso sem considerar a configuração binária do mundo sugerida pela ideia de "alvo": de um lado, uma massa homogênea que se coloca contra algo ou alguém; de outro, algo ou alguém em certa posição de vítima.

relevância para o estudo dos diferentes graus de apagamento da palavra do outro e suas consequências na produção de efeitos de sentido.

No quadro a seguir, encontram-se as ocorrências de discurso relatado explícitas (direto, indireto, segundo, além do uso de aspas e configuração de ilhas textuais). Para facilitar a apreensão do discurso narrativizado, observando em detalhe sua configuração e seu papel na construção dos sentidos das notícias (cf. DEUSDARÁ; SANT'ANNA, 2007). Suas ocorrências são apresentadas num quadro à parte:

Quadro 6 – Fragmentos em discurso relatado explícito (direto, indireto e segundo) (1997, 2001, 2005, 2009 e 2013)

| **Ano** | **Fragmento** | **Enunciador atribuído** | **Tipo de discurso relatado [verbo *dicendi*]** |
|---|---|---|---|
| 1997 | (6a) Cerca de 400 pessoas acompanharam ontem na avenida Paulista a 1ª Parada Gays, Lésbicas e Travestis, segundo a PM. | Polícia Militar | Discurso segundo |
| 2001 | (6b) De acordo com a Polícia Militar (...) cerca de 200 mil pessoas acompanharam a caminhada das 15h às 20h. | Polícia Militar | Discurso segundo |
| | (6c) O slogan da parada pedia que os participantes abraçassem a diferença. | Slogan da parada | Discurso indireto [v. pedir] |
| | (6d) "Vim para dizer ao presidente que o Brasil tem de ser alegre assim", disse a aposentada Helena Vieira Vinhal, 70. | Helena Vieira, aposentada | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6e) "Queremos que ele cresça respeitando a diferença", disse o professor Vicente Valery, que, acompanhado pela mulher, Flávia, levava o filho Antônio, 2, nos ombros. | Vicente Valery, professor; heterossexual | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6f) Samantha, 23, fantasiada de Branca de Neve, apenas de capa e calcinha, disse ter feito aplicações também no bumbum e nos lábios. | Samantha | Discurso indireto [v. dizer] |
| | (6g) "Já que São Paulo não tem praia, temos de aproveitar aqui". | Samantha | Discurso direto [sem verbo dicendi] |
| | (6h) Aretusa, 19, dançarina de boate, disse que deu "uma calibrada" para o desfile deste ano | Aretusa | Discurso indireto [v. dizer] + Ilha textual |
| | (6i) "No ano passado, desfilei comportada. Mas agora quis mostrar meus peitos novos", afirmou | Aretusa | Discurso direto [v. afirmar] |
| | (6j) "Não aconteceu nada. Só encontrei alguns amigos", repetia Wilson. | Wilson [Participante gay] | Discurso direto [v. repetir] |
| | (6k) "Só não vim de 'cuecão de couro'", | Arnaldo | Discurso direto [v. dizer] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | disse o vendedor de discos Arnaldo Giovanelli, 22, repetindo o bordão do Pittbicha. | Giovanelli | |
| | (6l) “Vim fantasiada de Iemanjá, inspirada na novela das oito [Porto dos Milagres]”, disse. “Aquele Guma [personagem de Marcos Palmeira] é inspiração que não acaba mais.” | Travesti Dindry | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6m) Ironizando a crise de energia, um travesti todo de preto repetia o nome de sua fantasia: “Apagay”. | Um travesti | Discurso direto [v. repetir] OU uso de aspas |
| | (6o) “FHC, saia do muro; omissão gera violência”, dizia o protesto. | Faixa | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6p) “Somos todos oprimidos. Viemos trazer solidariedade”, disse o estudante Alessandro Soares, 23. | Alessandro Soares [Zapatista solitário] | Discurso direto [v. dizer] |
| 2005a | (6q) Segundo a Polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas; | Polícia Militar | Discurso segundo |
| | (6r) Na gíria, “bolachas” são as lésbicas. | Gíria gay | Uso de aspas |
| | (6s) E as lésbicas Lucia Lourenço, a Gal, 33, e Karina Melo, 26, há quatro anos morando juntas, cantavam e dançavam a música com refrão: “Sou bolacha, sou criança, sou bolacha”, | Lucia Lourenço e Karina Melo, lésbicas | Discurso direto: [v. cantar] |
| | (6t) As duas comemoravam a presença maciça do mulherio. “Viu como tem mulher? É um monte de armários se abrindo para a vida”. | Lucia e Karina, lésbicas | Discurso direto [v. comemorar] |
| | (6u) No trio elétrico da Amam (...), a advogada Maria Stella Moreira Pires, a Maria, 62, dizia nunca ter visto parada gay com tamanha participação de mulheres. “Talvez já sejamos maioria”. | Maria, advogada, lésbica | Discurso indireto [v. dizer]<br><br>Discurso direto [sem verbo dicendi] |
| | (6v) (...) ou darks, como Aline da Silveira Correa, 19, “bissexual”, segundo a própria definição | Aline Correia, bissexual | Discurso segundo |
| | (6w) “A gente veio para mostrar que não temos vergonha do nosso prazer livre e feliz” | Aline Correia, bissexual | Discurso direto [sem verbo dicendi] |
| | (6x) O evento que reuniu tantas “bolachas” começou à tarde | Gíria gay | Uso de aspas |
| | (6y) Do alto do trio elétrico da organização, uma drag queen militante do Grupo Gay da Bahia proclamava a | Drag queen militante do GGB | Discurso direto [v. proclamar] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | proeza: “Já somos 2,5 milhões na avenida. Este é o novo recorde mundial de uma parada gay”. | | |
| | (6z) Na “farra dos invertidos”, como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações referiu-se ao evento, (...) | Motorista de táxi | Uso de aspas |
| | (6aa) “O nome é de quatrocentona, mas eu não sou nada disso, meu bem” | Adelita Munhoz, lésbica | Discurso direto [sem verbo introdutório] |
| | (6ab) “Se tem lésbica no horário nobre da Globo, se pago meus impostos e sou dona do meu nariz, quem vai me proibir de vir com minha namorada?”, perguntou | Adelita Munhoz, lésbica | Discurso direto [v. perguntar] |
| | (6ac) enquanto tascava em Mathilde um beijo tão casto quanto os “selinhos” de Hebe Camargo em convidados do SBT. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6ad) As “bolachas” ainda são mais tímidas | Gíria gay | Uso de aspas |
| | (6ae) A poucos metros dali, o caixa eletrônico do banco Itaú se transformou num “darkroom” – sala escura, em inglês, típica dos clubes gays. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6af) “Vim aqui para sacar R$10 e acabei transando com um cara”, contou o produtor Mário (nome fictício), 35 | Mário, gay | Discurso direto [v. contar] |
| | (6ag) “O Itaú patrocinou o ‘darkroom’ da parada!”, brincou. | Mário, gay | Discurso direto [v. brincar] |
| | (6ah) “Apesar de a maioria aqui ser lésbica e não liberar beijinho nenhum, tem umas minas perdidas por aí. Eu, pelo menos, catei uma”, diz. | Edson Dias, heterossexual | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6ai) “Catei três”, vangloriava-se Leandro Guimarães, 19. | Leandro Guimarães, heterossexual | Discurso direto [v. vangloriar-se] |
| | (6aj) Fez, então, um discurso de dois minutos em que disse que “a cidade tem os braços e as mentes abertas às diferenças e à diversidade”. | José Serra, prefeito de SP | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6ak) Marta defendeu o projeto de parceria civil entre homossexuais. “Dez anos é uma data importante para lembrar dele. Apesar de estar ultrapassado, é bom que se vote, porque lei é lei”. | Marta Suplicy, ex-prefeita de SP | Discurso direto [v. defender] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2005b | (6al) “Siameses” usam roupas iguais em parada | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6am) “A gente sempre sai igual. Já nos vestimos de Pedrita, freira, vaquinha e Chapeuzinho Vermelho”, diz Vieira. | Rogério Vieira | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6an) Os três não eram os únicos “gays siameses” da parada | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6ao) “A gente se conheceu na Vieira [de Carvalho] e, logo de saída, viu que éramos almas gêmeas: um é mais cabeça, outro, mais impulsivo; os dois têm o mesmo signo [aquário] e quase a mesma altura [1,87m e 1,83m]. Na cama, eu sou passivo, ele, ativo”, conclui o caubói Alexandre Lopes, 35 | Alexandre Lopes, gay | Discurso direto [v. concluir] |
| | (6ap) que na “vida real” é gerente financeiro – seu namorado, Alberto Souza, 31, é coordenador de ONG. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6aq) “A gente veio de Campinas em uma excursão. Nos montamos no ônibus”, diz Dandara, que é diarista em Campinas. | Dandara | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6ar) No carro da Amam (Associação de Mulheres que Amam Mulheres), duas motoqueiras idênticas, mas que não querem ser identificadas, dizem que estão juntas há 13 anos, “mas é como se a gente tivesse começado hoje”: | Duas motoqueiras não identificadas | Discurso indireto + ilha textual |
| | (6as) “Não é só em dia de parada que nos vestimos igual. Quando saímos à noite, se eu estou de preto, ela vai de branco, como o negativo e o positivo”, disse “Princesa”, como prefere se definir a advogada. | Princesa | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6at) A presidenta da Amam, a advogada Maria Stella Pires, 62, impede um rapaz de entrar, dizendo “O repórter tudo bem, o outro pode ficar aí fora esperando. A Amam nasceu da necessidade de ter uma visibilidade lésbica. Então, se a gente encher de homem aqui, não vai dar. Não sou gay, sou lésbica! | Maria Stella Pires, presidenta da Amam | Discurso direto [v. impedir / dizer] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | (6av) “A gente se entendeu muito”, dizem. | Márcio Marqueti e Luciano Mota, gays | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6aw) (...) José Pires Rocha, designer, e Augusto Martins Silva, 27, terapeuta corporal, dizem que queriam “fazer uma coisa bem-humorada para reagir a essa perseguição do Papa aos gays”. | José Pires Rocha e Augusto Martins Silva, gays | Discurso direto [v. dizer] [com introdutor de discurso indireto] |
| | (6ax) “A igreja não nos aceita, mas nós a aceitamos. Gay é que nem computador, quem não tem um em breve vai ter”, acham. | José Pires Rocha e Augusto Martins Silva, gays | Discurso direto [v. achar] |
| | (6ay) Já na rua da Consolação, a enfermeira Luciana Neves, 38, e a comerciante Patrícia Martins, 32, dizem que gastaram R$ 120 para confeccionar elas mesmas roupas de capitão de navio. | Luciana Neves e Patrícia Martins, lésbicas | Discurso indireto [v. dizer] |
| | (6az) Luciana, que se diz “a mocinha da relação” foi de saia embaixo do paletó, e Patrícia, o “rapaz”, de calça | Luciana e Patrícia, lésbicas | Uso de aspas |
| | (6ba) Gay “separatista” prefere festa a desfilar na parada. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6bb) Silva fez até fotos tomando banho, mas pediu para não ser associado a “bichinhas estereotipadas” | Rogério da Silva, gay | Uso de aspas |
| | (6bc) Na sua própria definição, Silva é um “gay com cabeça de hétero” | Rogério da Silva, gay | Uso de aspas |
| | (6bd) disse que frequenta reuniões de donos de Tigra, seu carro, gosta de esportes radicais e faz boxe. | Rogério da Silva, gay | Discurso indireto [v. dizer] |
| | (6be) Só quando subiu à festa regada a champanhe disse: “Esse é o meu ambiente”. | Rogério da Silva, gay | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6bf) “Coitado, ele está com as grifes certas, mas com as medidas erradas”, aponta um rapaz para um gorducho com calça Seven, camisa Fred Perry e tênis Prada. | Rapaz não identificado | Discurso direto [v. apontar] |
| 2009a | (6bg) “Adoro participar dessa coisa mais | Drag queen Cindy Cristal | Discurso direto [sem verbo introdutor] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | cívica”. | | |
| | (6bh) “Já somos a quarta central sindical do país, atrás da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Força Sindical e UGT (União Geral dos Trabalhadores). Viemos mostrar que defendemos os direitos de todos os trabalhadores, gays ou não”. | Wagner Fajardo, da CTB | Discurso direto [sem verbo introdutor] |
| | (6bi) “A parada foi positivíssima para nós. O importante é mostrar aos trabalhadores que eles têm a quem procurar para garantir seus direitos”. | Cleonice Caetano, representante da UGT | Discurso direto [sem verbo introdutor] |
| | (6bj) “Estamos aqui para mostrar que gay não é só boate mas também espiritualidade”, dizia Esdras Xavier, auxiliar de pastor na igreja | Esdras Xavier, auxiliar de pastor na igreja Nova Esperança | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6bk) Com o tema “Não homofobia” (...), um caminhão convidava o público a participar de um abaixo-assinado que defende projeto de lei federal que torna crime discriminar homossexuais | Tema de caminhão de som | Uso de aspas |
| | (6bl) “Queremos sair daqui com um milhão de assinaturas”, bradava um representante ao microfone. | Um representante | Discurso direto [v. bradar] |
| 2009b | (6bm) Segundo a Polícia Militar, 30 pessoas ficaram levemente feridas pelo artefato | Polícia Militar | Discurso segundo |
| | (6bn) “O principal problema é o abuso do álcool, apesar da enorme quantidade de apreensões de bebidas”, disse o comandante da PM na operação, coronel Marcos Chaves | Marcos Chaves, comandante da PM | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6bo) “Na multidão, minha bolsa foi mexida. Levaram a carteira com meu dinheiro, cartão e Bilhete Único”, disse a operadora de telemarketing Kátia de Freitas, 18. | Katia de Freitas, operadora de telemarketing | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6bp) “Do ponto de vista da segurança pública, a avenida ficou pequena. É uma multidão concentrada em pouco espaço. Isso dificulta nosso trabalho”, afirmou o | Marcos Chaves, comandante da PM | Discurso direto [v. afirmar] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | coronel Chaves. | | |
| | (6bq) Não houve feridos graves, segundo a PM. | Polícia Militar | Discurso segundo |
| | (6br) Entre os apelos, “coragem” para amar idosos | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6bs) (...) segura uma placa que lembra: “Gays idosos também são (muito) gostosos” e solicita “Seja corajosa, ame uma lésbica idosa!” | Placa segurada por Ricardo Agueiras, aposentado | Discurso direto [v. lembrar] e [v. solicitar] |
| | (6bt) “Muitas vezes, mesmo estando apaixonado, o jovem não namora o idoso porque tem vergonha de apresenta-lo aos amigos. Isso pode levar esse gay mais velho a voltar para o armário e acabar num asilo”, acredita Agueiras, | Ricardo Agueiras, aposentado | Discurso direto [v. acreditar] |
| | (6bu) “Ali perto, o publicitário Sandro Rezende, 35, se submete a uma “evangelização transformadora de sua condição gay [de volta para a heterossexualidade]”. | Sandro Rezende | Uso de aspas |
| | (6bv) Orientado por Robson dos Santos, 23, que está “lançando sementinhas” na parada , Rezende repete: | Robson dos Santos | Uso de aspas |
| | (6bw) Rezende repete: “Senhor Jesus, eu te aceito como o único senhor da minha vida!” | Sandro Rezende | Discurso direto [v. repetir] |
| | (6bx) Seu namorado, o psicólogo Antônio Feliciano, 45, diz as mesmas palavras, com a mão no peito, e considera: “Não sei ainda se vou me converter”. | Antonio Feliciano, namorado de Sandro Rezende | Discurso direto [v. considerar] |
| | (6by) Alguns metros adiante, o militar gay Esdras Xavier, 36, divulga sua teoria: “Jesus nos fez assim [gays], ele planejou tudo, entende? Por isso sabe que não estamos pecando e temos direito ao seu amor”. | Esdras Xavier, militar gay | Discurso direto [v. “divulgar (teoria)”] |
| | (6bz) Mas Xavier e o grupo de amigos que seguram uma faixa da Comunidade Cristã Nova Esperança (400 membros e 14 igrejas) defendem uma “vida gay | Xavier e seu grupo de amigos | Ilha textual |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | santa”. | | |
| | (6ca) “Já tive isso de ficar com um e com outro, até entrar para a igreja. Aí passei quatro anos sem namorado, sem promiscuidade”, diz o militar, que há dois meses namora um torneiro mecânico. | Esdras Xavier | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6cb) “A gente tem de se educar quando assume um ideal”, diz Xavier, meio vago. | Esdras Xavier | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6cc) Ele afirma que é possível ficar sem transar, “pode acreditar”. | Esdras Xavier | Discurso indireto [v. afirmar] + Ilha textual |
| | (6cd) “Tem gente que ficou até mais tempo que eu”, diz, enquanto estende o panfleto com o site da igreja. | Esdras Xavier | Discurso direto [v. dizer] |
| 2013a | (6ce) Segundo o Datafolha, houve redução de 18,5% no número de participantes | Datafolha | Discurso segundo |
| | (6cf) Evento está mais paulistano, com menos heterossexuais e mais calouros, aponta pesquisa feita ontem. | Pesquisa [Datafolha] | Discurso segundo |
| | (6cg) Segundo pesquisa Datafolha feita ontem, o número de participantes do evento caiu de 270 mil registrados no ano passado para 220 mil, uma redução de 18,5% | Pesquisa Datafolha | Discurso segundo |
| | (6ch) “É uma pena, mas a chuva atrapalhou”, reconheceu o antropólogo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia. | Luiz Mott | Discurso direto [v. reconhecer] |
| | (6ci) Para o ativista Toni Reis, 48, o importante é a “qualidade, e não a quantidade”, | Toni Reis | Discurso segundo + Ilha textual |
| | (6cj) “isso [de quantidade] é prêmio de consolação”, brincou. | Toni Reis | Discurso direto [sem verbo dicendi] |
| | (6ck)No alto do trio elétrico, a travesti Kimberly, 30, caras e bocas para os flashes que vinham do público no chão, também achava que pouco importam os números. | Kimberly | Discurso indireto [v. achar] |
| | (6cl) “A parada é um movimento que tem como objetivo a luta pelos direitos da | Kimberly | Discurso direto [sem verbo dicendi] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros)". | | |
| | (6cm) "É uma força política forte. Quem quer lutar pela diversidade vem para cá". | Bianca | Discurso direto [v. "fazer que sim"] |
| | (6cn) Pelo jeito, o público não estava nem aí para "lutas" num dia frio e chuva. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6co) O evento teve maior participação de "calouros" | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6cp) Com o tema "Para o armário, nunca mais!" (...) | Tema da manifestação | Uso de aspas |
| | (6cq) O pico de movimentação foi às 15h quando a cantora baiana Daniela Mercury, que há dois meses "saiu do armário", começou seu show em cima do trio elétrico. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6cr) Já Alckmin, afirmou que "a riqueza de São Paulo é a sua diversidade". | Geraldo Alckmin | Discurso indireto com uso de aspas [v. afirmar] |
| | (6cs) Segundo balanços parciais da GCM e da PM, oito pessoas foram detidas. | Balanços da GCM e PM | Discurso segundo |
| | (6ct) Entre elas, estava um homem que usou "indevidamente" um uniforme original do Corpo de Bombeiros, mesmo sem ser um membro da corporação. | GCM e PM | Uso de aspas |
| | (6cu) Ainda de acordo com a PM, seis pessoas foram levadas para a delegacia por urinar na rua. | PM | Discurso segundo |
| 2013b | (6cv) Pesquisa Datafolha aponta que 72% dos participantes da Parada Gay de ontem pretendem se casar legalmente – | Pesquisa Datafolha | Discurso indireto [v. apontar] |
| | (6cw) Levantamento mostra também que 42% dos participantes declararam ter relacionamento estável | Levantamento [Pesquisa Datafolha] | Discurso indireto [v. mostrar] |
| | (6cx) Segundo pesquisa Datafolha, 42% dos participantes do evento declararam ter relacionamento estável e outros 23% disseram morar com o parceiro ou a parceira. | Pesquisa Datafolha<br><br>Participantes | Discurso segundo<br><br>Discurso indireto [v. declarar]<br>Discurso indireto [v. dizer] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | (6cy) Mas, quando a pergunta foi sobre o tipo de relacionamento, 67% dos entrevistados afirmaram não estar casados legalmente, mesmo com a possibilidade jurídica aberta em todo o país. | Entrevistados | Discurso indireto [v. afirmar] |
| | (6cz) “É o direito de todo mundo, e, com os gays, não poderia ser diferente”, disse Lima. | Mariana Lima | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6da) As duas dizem que planejam se casar em breve, mas preferem não estabelecer uma data ainda. | Mariana Lima e Suzana Gonlandem | Discurso indireto [v. dizer] |
| | (6db) No evento de ontem, segundo o Datafolha, 27% dos participantes vieram de outras cidades | Datafolha | Discurso segundo |
| | (6dc) Às 20h30, ele e o namorado esperavam a volta para casa. Mas teriam que aguardar até meia-noite, pois o ônibus fretado só sairia nesse horário | Lucas César | Discurso indireto livre |
| | (6dd) César conta que essa foi a quarta vez que veio à parada. Ele diz ter considerado essa a edição mais organizada e com mais policiais. | Lucas César | Discurso indireto [v. contar]<br>Discurso indireto [v. dizer] |
| | (6de) O estilista Sidnei Silva, 27, concordou. “Não vi brigas, estava mais organizado”, disse. | Sidnei Silva | Discurso direto [v. concordar/dizer] |
| | (6df) “Em São Paulo não tem bandeira nem protesto. No interior, as pessoas discursam nos trios elétricos. Eu paguei R$300 para poder subir em um aqui e só tinha bebida”. | Lucas Sales | Discurso direto [sem verbo dicendi] |
| 2013c | (6dg) Trio elétrico da cantora faz parte da estratégia do governo da Bahia para ‘bombar’ a Parada Gay de Salvador | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6dh) Num dia frio, de garoa incessante, até as “barbies” – aqueles gays hipermusculosos – buscavam algo para se aquecer. | Indefinido | Uso de aspas |
| | (6di) Sobre o tema da 17ª Parada do Orgulho LGBT, “Para o armário, nunca mais!”, disse a cantora: “Acho que todo o | Tema da Parada<br>Daniela | Uso de aspas<br>Discurso direto [v. dizer] |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | mundo tem que explodir o armário. A revolução sexual já aconteceu.” | Mercury | |
| | (6dj) “Fora, Feliciano. Eu quero é felicidade”, gritou Daniela para a multidão | Daniela Mercury | Discurso direto [v. gritar] |
| | (6dk) “Só os gays se mobilizam? Ele esculhambou com os pretos, e os pretos não fizeram nada”, disse Daniela, | Daniela Mercury | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6dl) segundo o qual os africanos descenderiam “de ancestral amaldiçoado”. | Marco Feliciano | Discurso segundo com ilha textual |
| | (6dm) Na ocasião, disse ter sido mal compreendido e que sua família “tem matriz africana”. | Marco Feliciano | Discurso indireto [v. dizer] com ilha textual |
| | (6dn) “A Constituição aceita todo o mundo do jeito que é”, disse ela, | Daniela Mercury | Discurso direto [v. dizer] |
| | (6do) “A Parada Gay é um aviso à sociedade de que ainda existe, sim, muito preconceito” | Darby Daniel, performer e produtor cultural | Discurso direto [sobreasseverado][29] |
| | (6dp) “Aqui é o radicalismo da liberdade, onde todo o mundo vai aos extremos” | Maria Grazia Justa, professora | Discurso direto [sobreasseverado] |
| | (6dq) “Bacana é ter um evento no qual a gente pode se mostrar como de fato a gente é” | Régis Lima, atendente | Discurso direto [sobreasseverado] |
| | (6dr) “Sabe o que está faltando? União e conscientização entre os gays. Parada não é só festa, não!” | Claudinha Tumulto, drag queen | Discurso direto [sobreasseverado] |
| | (6ds) “É a vitrine de reivindicações de nossos direitos. Se é feito em ritmo de grande festa, ótimo!” | Alexandre Vecchini, barista | Discurso direto [sobreasseverado] |
| | (6dt) “Achei o tema armário, de onde saímos há tempos, importante” | Sylvia Costa, professora | Discurso direto [sobreasseverado] |

[29] Os enunciados sobreasseverados, aqui, remetem à classificação de Maingueneau. Em *Análise de Textos de Comunicação* (2013), o autor os define como enunciados destinados a circular fora de seu texto de origem, através de critérios de destacabilidade. Nos enunciados em questão, aconteceria o que o autor denomina “destacamento forte”, isto é, quando não há possibilidade de o leitor recuperar o texto-fonte.

Quadro 7 – Discurso narrativizado: vozes reportadas e termos *dicendi* (2001, 2005, 2009 e 2013)[30]

| Ano | Vozes reportadas | Termos *dicendi* |
|---|---|---|
| 2001 | Homossexuais e policiais | Um "confronto" em Nova York [em 1969] |
| | Voz não definida | Motivo da manifestação [era celebrar a liberdade de opção] |
| | Daniela e Clarice [lésbicas] | "Ficaram desconsoladas" [ao saber da derrota do time] |
| | Wilson e Silvio [gays] | "Bateram boca" [por causa do clima de paquera e azaração] |
| | Silvio [gay] | "Estava com ciúmes"<br>"Queria" [voltar para casa] |
| | Faixa | "Criticava" [o presidente] |
| | Dois zapatistas solitários | "Se diziam" [heterossexuais]<br>"Empunhavam uma faixa"[contra o capitalismo] |
| 2005 | Polícia Militar | Registrar [ocorrências] |
| | José Serra | Responder [se é ou não favorável à união civil entre homossexuais] |
| | Voz não definida | Vaias [a José Serra]<br>Aplausos [a José Serra]<br>Protestos [a Marta Suplicy] |
| 2009a | Casas noturnas | Reclamações [sobre a tarifa de R$ 10 mil] |
| | José Serra | Defender [a união entre pessoas do mesmo sexo] |
| | Caminhão de som | Convidar [o público a participar de um abaixo-assinado] |
| | Grupo indefinido | Contar com [a lotação do evento] |
| | Polícia militar | Decidir não divulgar [estimativa de multidão] |
| | Organização | Esperar [3,5 milhões de pessoas] |
| 2009b | Participantes | Reclamar [da ocorrência de furtos] |
| | Polícia Militar | Balanço [de agressões] |
| | Organização | Registrar [atendimentos médicos] |
| 2013a | Organização | Não dizer [como foi calculado o público]<br>Estimar [quantidade] |
| | Fernando Haddad | Comparar [movimentos sociais] |
| | Polícia Militar e Guarda Civil | Resolver [reforçar a segurança] |
| 2013b | Mariana Lima e Suzana Gonlandem | Aprovar [resolução do CNJ] |
| | Resolução CNJ | Obrigar [cartórios a celebrar casamentos entre homossexuais] |
| 2013c | Entidades gays | Considerar [o deputado Marco Feliciano homofóbico] |
| | Indefinido | Tornar o deputado Marco Feliciano principal alvo da parada |
| | Marco Feliciano | Não se pronunciar |
| | Daniela Mercury | Pedir [tolerância às religiões afro-brasileiras] |

Em 1997, são duas as vozes que falam na notícia: a da instância jornalística, responsável a priori pelo texto, e a da Polícia Militar, única voz chamada a falar diretamente sobre o acontecimento, constituindo-se como fonte primordial dos dados da notícia. Nesse momento, vale lembrar a colocação de Patrick Charaudeau (2013): "Todo fato de linguagem

[30] A separação entre essas categorias de discurso do outro se deu unicamente para facilitar sua inserção nos quadros sinóticos, uma vez que as formas de entrada do corpus se diferenciam.

poderia ser considerado um discurso relatado se este último fosse definido de maneira ampla: ao vir ao mundo, cada ser humano é imediatamente mergulhado num oceano de palavras (...)" (p. 161). Como mencionado anteriormente, a rigor, todo o evento "Parada LGBT" se constituiria em atos de linguagem, tomados em sentido amplo, sejam eles "espontâneos" (pertencentes ao próprio acontecimento, como convocações, palavras de ordem, debates, pronunciamentos em carros de som, músicas) ou "provocados" pelo jornalista (como entrevistas, coletas de depoimentos...). Contudo, todas essas manifestações linguísticas são apagadas, despontando como única voz a ser ouvida, explicitamente, a da Polícia Militar, através do discurso segundo.

É válido observar, ainda, que mesmo essa voz se limita a discorrer sobre a quantidade de pessoas presentes na passeata. Sua presença, portanto, parece se dar unicamente em função da necessidade de quantificar o número de participantes, de modo que o discurso relatado (segundo) apareceria como afastamento do jornal com relação à exatidão do dado (corroborado pela expressão "cerca de" que antecede o numeral). Aliás, a PM é posicionada no lugar de quem relata o acontecido (e tem seu relato relatado pelo jornal), não tendo qualquer relação com os demais participantes. Haveria, assim, uma cisão entre os indivíduos relacionados ao evento: aqueles que (supõe-se) *são* a Parada (mas que não têm suas vozes ouvidas), aqueles que *acompanham* a Parada (e tampouco se fazem ouvir na notícia de 1997) e aqueles que, mesmo presentes, não participam dela, limitando-se a *relatar* a Parada (o jornal e os policiais). Nesse momento, portanto, parece importar ao jornal somente a perspectiva dos participantes externos ao acontecimento, apagando-se sua dinâmica interna – ou, por que não, confiando no "fechamento" produzido ao referir-se ao fato como uma "passeata gay", como apontado anteriormente.

Em 2001, novamente, reserva-se o discurso segundo para a Polícia Militar, em dinâmica de quantificação dos participantes. Diferentemente da edição anterior, porém, nesta, os participantes ganham uma voz, relatada em discurso direto ou indireto. Ao se observar as falas trazidas na notícia, observa-se que a maior parte delas se refere a temas associáveis ao "festivo", reforçando a encenação de alegria do evento: falam sobre suas fantasias, a alegria, a diversidade. Em determinado momento, dois acontecimentos se opõem ao clima textual de alegria: a tristeza pela derrota do time e um bate-boca associável ao ciúme. Estes, porém, aparecem como discurso narrativizado, apagando-se a origem da informação obtida pelo jornalista (o que teria sido perguntado às meninas para que se chegasse à informação de sua tristeza? E aos rapazes, com relação ao ciúme? Tratou-se de algo entreouvido? Ou diretamente questionado?).

Ainda no que tange às falas trazidas em discurso direto, em (6c), evoca-se o slogan da parada, que convoca os participantes a “abraçar a diferença”. Logo em seguida, em (6d), uma aposentada é chamada a falar, e seu relato versa sobre a “alegria do evento”. Mais à frente, em (6e), um professor heterossexual evoca o respeito à diferença. Justapostas, as falas permitem inferir que, nesse contexto, respeitar a diferença é semelhante a “ser alegre assim”, produzindo um sentido possível e ainda não visto para a alegria como política.

Ao lado destas, outras vozes se fazem ouvir, desta vez articulando a parada como um evento de caráter político de cunho mais prototípico. Contudo, nota-se que aquilo que parece apontar de maneira mais explícita nessa direção se mostra opaco. A razão da manifestação, evocada de maneira narrativizada em “O motivo da manifestação era celebrar a liberdade de opção”, tem sua fonte apagada (não nos é dado a saber como o jornalista teve acesso a tal informação). Ao mesmo tempo, as críticas ao presidente e ao capitalismo despontam na “voz” de faixas.

A narrativização também cumpre papel de destaque no relato de dois casos, ambos ligados, segundo o jornal, a sujeitos para quem “a alegria não foi completa” (sugerindo que, para os demais, ela foi). Em determinada passagem, o leitor é apresentado a Daniela e Clarice, que “ficaram desconsoladas ao saber da derrota do time”, e Wilson e Silvio, que “bateram boca por causa do clima de paquera e azaração”. No texto do jornal, não nos é dado a saber como o jornalista se inteira dessas informações, o que lhes foi perguntado. Ainda assim, o leitor é apresentado a atos de fala dos indivíduos em questão – afinal, só é possível saber que alguém está triste por conta da derrota do time, ou que está com ciúmes, através do dito. Como consequência, teríamos que esses indivíduos, em particular, são chamados a falar somente sobre acontecimentos no plano privado (o time, a relação), ignorando suas relações com o plano público (qual sua relação com a Parada?).

A partir dessas observações, é possível sustentar que, em 2001, a dinâmica de apresentação das vozes parece construir para os participantes não ligados à política em sentido estrito (partidos políticos, ideologia) um espaço mais evidente de celebração, alheio à própria origem do movimento (evocada ao se retomar o “confronto entre homossexuais e policiais”). A política, assim, estaria reservada apenas àqueles que se declaram ligados diretamente a ela (zapatistas) ou a elementos inanimados (faixas, cartazes), tensionando determinadas formas de se fazer política em meio à Parada LGBT. Ainda assim, nesse ano, pode-se entrever uma possibilidade para sentidos outros, a partir da possibilidade de se colocar num mesmo plano as vozes do slogan da parada, da aposentada e do professor supracitados. Tal contexto aponta

para linhas de fuga na consolidação de formas territorializadas da política (cf. DELEUZE, 1980).

Em 2005, com o crescimento da parada e da própria cobertura a ela consagrada, multiplicam-se as vozes que compõem o texto da notícia, sendo que algumas apontam para temas e personagens inéditos em comparação às coberturas anteriormente analisadas. A Polícia Militar, além de quantificar o evento, surge com o papel de registrar ou não ocorrências. Lésbicas são chamadas a se posicionar com relação à participação feminina no evento. Heterossexuais, dessa vez, aparecem na posição de "caçadores de mulheres". Gays falam sobre suas práticas sexuais durante Parada. Surgem as figuras dos políticos, cujas vozes são ouvidas seja por conta de discursos proferidos, seja porque são questionados sobre determinados temas. Uma página inteira dedica-se a abordar o uso característico de fantasias na manifestação, sobre o qual são chamados a falar os participantes.

Surgem também as vozes daqueles que parecem se opor, no texto, à Parada: um motorista de táxi, "irritado pelo trânsito pesado nas imediações"; um gay que "prefere festa a desfilar na Parada".

Chama a atenção, contudo, que a política seja abordada de uma forma distinta do ano anteriormente analisado. Se, na cobertura de 2001, cartazes e faixas evocam a luta por questões relativas à cidadania LGBT, neste ano, parece haver um apagamento dessas questões. Uma mudança digna de nota, ainda mais considerando a periodização proposta por Butterman (2012), que prerroga uma mudança de foco da Parada a partir de 2003, com ênfase na luta pelos direitos humanos e, mais especificamente, para todos os cidadãos LGBTT. Os únicos chamados a se posicionar sobre conquistas políticas voltadas para essa parcela dos cidadãos são justamente os políticos Marta Suplicy – que defende o projeto de lei que permite a parceria civil entre homossexuais – e José Serra – que se isenta de falar sobre o assunto. Entreveem-se, dessa forma, ecos de sentidos sobre os lugares a partir dos quais é possível falar sobre a política.

Ainda nesse quesito, no que diz respeito ao lugar conferido à fala dos participantes, em 2005a, cabe sublinhar a menção do jornal, disposta em (6ad), onde "muito à vontade, desfilavam gays como Rogério Cardoso, 19, e Cleomilson de Souza, também 19 (...)". Desfilando – forma de participação abordada anteriormente –, os jovens são protagonistas de uma encenação carnal, "trocando beijos lascivos, beliscando um o corpo do outro, mordendo-se e abrindo a braguilha das calças", que ganha relevância frente aos demais acontecimentos. No trecho em questão, é possível identificar a idade exata dos participantes, informação obtida pelo jornalista, certamente, através de uma interpelação dos mesmos – foi preciso, pelo

menos, dirigir-se a eles para perguntar sua idade. Entretanto, suas vozes sofrem um apagamento na notícia, sendo ressaltadas, antes, suas ações. Apagam-se os processos (por que estão ali? por que podem estar ali, fazendo o que fazem?) em prol dos produtos (os atos em si), procedimento que também concorreria para a produção de sentidos sobre as ações enquanto política.

No plano do dito, são também notáveis sentidos outros da política. Na notícia de 2005 que se consagra ao uso de fantasias na Parada (2005b), vários sujeitos são convocados a falar sobre as roupas escolhidas para participar do evento. Dentre as vozes trazidas, a maior parte versa sobre os laços afetivos envolvidos nesse uso. Entretanto, dois deles, caracterizados como padres, sustentam que sua intenção seria "fazer uma coisa bem-humorada para reagir a essa perseguição do Papa aos gays" (ver 6aw), fazendo eco à possibilidade do riso como reação. Logo em seguida, em (6ax), argumentam: "Gay é que nem computador, quem não tem um em breve vai ter". A comparação (e sua justificativa) parece(m) ecoar sentidos de mercantilização para a aceitação homossexual (ou, pelo menos, para uma necessidade dessa aceitação), na medida em que põe num mesmo plano a sexualidade e um bem de consumo moderno. Em comum, o fato de que ambos são artefatos a quem se pode conferir o atributo [+posse].

Com efeito, as observações do casal apontam para dois caminhos encontrados pelo MHB no sentido da aceitação dessa parcela da população no país, como apontado no primeiro capítulo: o do riso e da jocosidade e o da homossexualidade como nicho de consumo. Através do movimento textual e discursivo, assim, seria configurada uma rede na qual fazer parte da Parada LGBT equivaleria a compactuar com tais sentidos da política, sugerindo formas cristalizadas sobre a atuação dos indivíduos que ali figuram.

Em 2009, com relação ao ano anteriormente analisado, é notável uma redução na quantidade de vozes trazidas para falar sobre a Parada. Dentre os indivíduos chamados a falar, em 2009, figuram apenas uma drag queen, dois representantes de sindicatos, um auxiliar de pastor numa igreja evangélica e um representante anônimo. Importante observar que, à exceção da drag queen, a priori, todos os que têm suas vozes reportadas na notícia de capa daquele ano (2009a) se apresentam como membros de alguma instituição, mais ou menos voltada para a política. Dado relevante, uma vez que a manchete da notícia em questão alude a um avanço da política na Parada, em razão da ausência de carros financiados por clubes noturnos. Através das vozes reportadas, mantém-se uma tendência verificada nas notícias anteriores, de limitar a política da Parada LGBT a espaços institucionais.

Esse argumento é reforçado ao se analisar o conteúdo do dito na fala de Cindy Cristal, trazida em (6bg): ao afirmar que adora "participar dessa coisa mais cívica", é possível pressupor que haveria algo "menos cívico" no contexto da Parada, e que a participação no carro da CTB apontaria para algo de "mais cívico". Decerto, não se sabe ao certo a que "essa coisa" mencionada pela artista se refere; ainda assim, o contexto em que a fala é abordada parece permitir uma leitura maior de que a própria parada seja, agora, sem carros de boates, mais cívica. Isso porque, vale lembrar, o discurso relatado, em especial o discurso direto, se estabelece menos como relato fiel da fala de outrem do que como *encenação*. No caso em pauta, estaria montado um cenário – a Parada sem carros de boates – dentro do qual se elege um personagem, cuja fala vem legitimar esse mesmo cenário ao qual se refere. Caráter paradoxal da cenografia, que, para se legitimar, ao mesmo tempo produz e pressupõe uma dada cena (ROCHA, 2014).

Além da fala da drag queen, as falas dos representantes (sindicais e religiosos) caminham numa direção semelhante quanto à produção (e limitação) de sentidos do político. Em seus pronunciamentos, ocupando a posição enunciativa de um NÓS institucional ("estamos aqui", "somos a quarta central", "viemos"), todos justificam sua participação com vistas a *mostrar* que defendem trabalhadores ou determinada posição espiritual.

Enquanto isso, o jornal tematiza, poucas linhas depois, que "o ativismo gay ficou parado em boa parte do evento". Nesse momento, é notável o apagamento dos sujeitos que se posicionam politicamente com relação a questões voltadas para a população LGBT: quem se posiciona contra a homofobia e convoca participantes é um caminhão de som; quem defende projeto de lei contra a discriminação de homossexuais, um abaixo-assinado. Um representante, anônimo, *brada* ao microfone seu objetivo, verbo que sugere certo nível de exaltação diferente de "gritar" ou "dizer". Também situando-se na posição enunciativa do "nós", anuncia seu objetivo – sair da Parada com um milhão de assinaturas, convocação de natureza aparentemente dispersa (e um tanto quanto solitária, dado o contexto).

Ainda do lado da militância LGBT mais institucionalizada, observa-se que não é dada voz aos demais organizadores da passeata. O acesso do leitor a eles se faz por intermédio da narração do jornal, que reproduz determinados atos de fala sem que seja possível ao leitor saber, com certa clareza, como foi obtida tal informação. É o caso das reclamações de casas noturnas (que patrocinavam carros de som em edições passadas) e dos próprios organizadores, que ora "esperam" 3,5 milhões de pessoas (só é possível sabê-lo, no mínimo, através de um texto: uma coletiva de imprensa, uma nota divulgada...), ora "registram" atendimentos médicos (idem). Mencione-se, inclusive, a referência a um grupo indefinido, que "conta com"

a lotação do evento para a obtenção de dado número de assinaturas no abaixo-assinado supracitado – quem é esse grupo e por que ele se diferencia dos organizadores do evento? Como é possível saber sua expectativa com relação à quantidade de participantes, senão por intermédio de uma interpelação verbal?

Na notícia seguinte, da página C3 do caderno Cotidiano, tematizam-se as agressões e casos de violência na Parada desse ano. Para dar a dimensão desse quadro, são trazidas as vozes da Polícia Militar (enquanto instituição autorizada a quantificar casos, feridos, etc., através do discurso segundo, prototípico da argumentação de autoridade), de um comandante da PM (chamado a justificar a ocorrência de episódios do tipo) e de uma operadora de telemarketing (que fornece seu depoimento sob a ótica da vítimas – tendo sua carteira furtada na multidão). Ainda que não sejam abordadas em discurso direto ou indireto, é possível entrever na narração do jornal outros atos de fala, tais como reclamações de participantes (da ocorrência de furtos), o balanço da polícia (de agressões) e o registro de atendimentos médicos pela organização. Seria criada, dessa forma, uma cena na qual, aos participantes, atribui-se o lugar de vítimas; à polícia, o de instância responsável por explicar e quantificar os casos; e à organização, o de registrá-los.

O que chama a atenção, porém, nessa página, é o destaque conferido aos “apelos” da Parada. Tal como na notícia de 2005 analisada, o jornal efetua uma separação visual do espaço para dar destaque aos “apelos” da Parada. Narrativizando (e, portanto, diluindo) as demais reivindicações da passeata sob esse termo, o jornal parece pressupor a impossibilidade de dar conta de tudo o que é dito nela. Por essa razão, interessa-nos verificar quais vozes são priorizadas no recorte efetuado, considerando sua relação com a multiplicidade de enunciadores, em geral, das quais o jornal lança mão, característica do discurso jornalístico.

Na notícia em pauta, são três os núcleos sobre os quais o jornal se concentra: o de Ricardo Agueiras, homossexual, aposentado, o do casal Sandro Rezende e Antônio Feliciano, e o de Esdras Xavier, da comunidade cristã Nova Esperança. Ali, multiplicam-se as ocorrências de discurso direto, o que denota um amplo espaço conferido à fala dos participantes da Parada. Notam-se, contudo, os temas sobre os quais eles são chamados a falar no texto produzido pelo jornal: de um lado, Ricardo defende o relacionamento com homossexuais mais velhos; do outro, o leitor é apresentado a uma cena de “evangelização transformadora”.

Entremeando as falas dos participantes, uma narração em discurso indireto livre parece remeter a uma voz questionadora (supõe-se que do jornalista ou de um leitor imaginário), simulando cenas de argumentação com os entrevistados: “Corajosa? Mas a parada não é de

orgulho? Não é o momento de gays e lésbicas idosos (ou não) agirem com dignidade?", "Como é isso?", dentre outros.

No trecho dedicado a Ricardo Agueiras, o embate criado tematiza uma oposição entre o "apelo" do aposentado e o "orgulho" da Parada. Através do questionamento colocado ("mas a parada não é de orgulho?"), observa-se um deslocamento de sentidos desse último termo. Nele, o "orgulho" encontra-se oposto à ausência de dignidade, criando sentidos para a participação de Ricardo naquele meio e, de certa forma, isolando-o no contexto da Parada (através da oposição orgulhosos x não orgulhosos). Essa oposição parece ser reforçada pelos verbos introdutores das falas do participante. Lembrando que tais verbos são de responsabilidade do enunciador que se apropria da fala alheia, atribuindo-lhe determinado julgamento de valor, observam-se verbos como "lembra" (que criaria uma cenografia em que TU-interlocutor pode ter se esquecido de algo), "solicita" (que posicionaria EU-Agueiras como solicitante e TU-homossexuais como sujeitos capazes de atender a uma solicitação) e "acredita" (que parece distanciar o enunciador-jornalista do conteúdo do dito por Agueiras). Dessa forma, estaríamos diante de um ator posicionado pelo discurso como "não orgulhoso" ou "sem dignidade", cuja força política, voltada para os próprios homossexuais (relativa aos afetos) parece diminuir frente ao posicionamento do entrevistado aos demais participantes da parada. Note-se, finalmente, que há um afastamento do jornalista com relação ao sentido de coragem, colocado através do uso de aspas, em (6br).

Na continuação da notícia, Sandro Rezende e Antônio Feliciano, seu namorado, são protagonistas de uma cena de "evangelização", promovida por Robson dos Santos e retomada pelo jornalista. Nesse trecho, porém, são difusas as atribuições de responsabilidade pelos enunciados. Em (6bu), o uso de aspas sugere um enunciado atribuído a Sandro Rezende; contudo, o pronome em terceira pessoa "sua" aponta para uma interferência do jornalista. Logo em seguida, um trecho em colchetes revela igualmente uma interferência de caráter explicativo ("[de volta para a heterossexualidade]"), ainda que não se saiba muito bem a quem se possa atribuí-la – uma explicação do jornalista? De Sandro Rezende? Configura-se, assim, uma polêmica que carregaria igualmente os ecos da "coragem" e do "orgulho", problematizados anteriormente com a fala de Agueiras.

Enfim, no trecho que encerra a notícia em pauta, o jornal apresenta Esdras Xavier, militar, e um grupo de amigos da Comunidade Cristã Nova Esperança. O que chama a atenção, contudo, são as reiteradas formas de afastamento do enunciador jornalista com relação à responsabilidade pelo dito. De início, em (6by), o dito do militar é introduzido por "divulga sua teoria", o que pode sugerir um distanciamento do jornalista, potencializado pelo

uso de aspas indicativas do discurso direto. Em (6bz), o uso de aspas aponta para um distanciamento do jornalista com relação à expressão do grupo (“vida gay santa”), ao mesmo tempo em que confere ao dito uma nuance argumentativa de sentido: “defender”.

Logo em seguida, ao sugerir um embate através do discurso indireto livre (“Mas se Jesus planejou o gay, como não imaginou que eventualmente seria promíscuo?”) promove-se um comentário da resposta de Xavier, sob a forma de um advérbio de modo. Deve-se ressaltar que, ao afirmar que o militar “diz, meio vago”, não estamos diante de uma simples constatação, como “lentamente” ou “com rispidez”. O movimento é, parece-nos, de apreciação sobre o próprio conteúdo do dito, sugerindo que sua resposta não teria sido satisfatória.

Finalmente, em (6cc), uma ilha textual em meio ao discurso indireto confere novo afastamento, marcado pelo uso de aspas. Persiste, contudo, uma indefinição das fronteiras entre as vozes do entrevistado e do jornalista. Que função haveria na textualização da expressão “pode acreditar”, atribuível a Xavier? Conativa, por apelar ao interlocutor? Mas quem seria, portanto, o interlocutor? O discurso relatado poderia promover uma torção nos interlocutores?

Sem buscar uma resposta definitiva a esses questionamentos, sustentamos que esses afastamentos podem também apontar para sentidos de política na Parada – ou, pelo menos, para apreciações do jornalista sobre os acontecimentos, mascarados sob a forma do fato. Com relação aos anos anteriormente analisados, observa-se em 2013 uma profusão de usos do discurso segundo, caracterizando, na maior parte do tempo, certo apelo ao argumento de autoridade institucional – o Datafolha, a Polícia Militar, etc. Por outro lado, algumas falas reportadas em discurso direto e indireto nos auxiliam a verificar tensões no sentido da política da Parada LGBT.

Se nas seções anteriores tematizou-se a ideia de que ocorre, em 2013, a sugestão de uma relação de causa e efeito (associando a chuva ao esvaziamento do evento), veremos que parte dos discursos relatados será trazida para legitimar a posição do jornal. É o caso da fala de Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia, em (6ch). Tomada fora de seu contexto de enunciação, a frase não necessariamente sustentaria a mesma relação de causa e consequência posta pelo jornal. Isso porque haveria uma diferença entre uma chuva que *afasta* o público e uma chuva que *atrapalha* a manifestação. Contudo, ao ser justaposta à ideia de “enfraquecimento” da Parada por conta da chuva, a fala toma novos contornos. Observa-se, assim, a atribuição de um lugar de fala ao antropólogo, cuja posição institucional não parece trivial, chamado a opinar (de acordo com o contexto) sobre a chuva na passeata. Que o ateste, ainda, o uso do

verbo “reconhecer”, que aponta para uma verdade anterior cuja validade o enunciador só viria atestar.

Mais à frente no texto, Toni Reis, identificado como ativista, parece também ser convocado a falar sobre a quantidade de participantes. Reportado através do discurso segundo (“Para o ativista Toni Reis...”, em 6ci), seu dito ganha um grau maior de afastamento com relação ao enunciador-jornalista, através do uso de uma ilha textual. Tal procedimento sugeriria uma desresponsabilização do jornalista acerca da ideia de que “o importante é a qualidade, e não a quantidade”. Afinal, como mencionado anteriormente, o interesse do discurso relatado repousa, em grande parte dos enunciados, na sustentação de que “aquilo é ou não verdade, pois não sou eu que o digo”. Essa noção será retomada mais à frente, quando a voz do jornalista se faz ouvir questionando a importância dos números da manifestação.

Seguindo a mesma linha dos discursos relatados anteriores, são chamadas a falar duas travestis, Kimberly e Bianca. Ao mesmo tempo em que relativizam a importância dos números, suas falas contextualizam o objetivo da Parada, sublinhando sua força política, em (6ck) e (6cl). Dentre as notícias analisadas, parece ser uma das poucas vezes em que se tematiza a abordagem do evento enquanto instrumento de luta por causas LGBT. Todavia, o que se observa é que a fala das participantes é posta em questão, logo em seguida, por um outro enunciador (supostamente o jornalista): “Pelo jeito, o público não estava nem aí para ‘lutas’ num dia frio e chuva”. Tal enunciador, aliás, parece situar numa posição de inquestionabilidade o esvaziamento do evento (e a negatividade disso), através do marcador conclusivo “pelo jeito”.

É também digno de nota, nesse contexto, o uso de aspas no substantivo “luta”, já mencionado na seção anterior. Afastando o jornalista da responsabilidade pelo sentido do termo, as aspas demonstrariam sentidos em disputa para o que seja a “luta”. A aposta que se faz, no caso em pauta, é a de uma desqualificação do próprio evento enquanto força política. Evocado por Bianca, o sentido de “luta” parece ser, graças a tal mecanismo discursivo, necessariamente diferente daquele do enunciador-jornalista, revelando sua não transparência. Ademais, a fala de Bianca permite vislumbrar um sentido de política pautado na presença, uma vez que “quem quer lutar pela diversidade vem para cá”; esse sentido, como observado, parece ser posto em questão pelo enunciador-jornalista.

Da mesma maneira que no ano anterior, a organização da Parada parece sofrer um silenciamento, uma vez que suas vozes só se fazem ouvir através da narração do jornal. Além disso, seu tema limita-se a considerações sobre a quantidade de participantes, na medida em que “não dizem” (como foi calculado o público) e “estimam” (uma quantidade de pessoas).

Num movimento textual, estaria reservado, assim, para a organização da Parada, um lugar de aparente apreciação do evento consolidado, apagando as tensões que a definem e a constituem.

Diferente de 2009, quando falavam pelo evento primordialmente indivíduos "institucionalizados", como ativistas de determinada ONG ou líderes sindicais, em 2013, outros indivíduos, "anônimos", são chamados a dizer. Suas perspectivas, contudo, são dignas de atenção: enquanto Lucas César e seu namorado versam sobre seus percursos em direção à Parada e sobre a organização da edição, o economista Lucas Sales se decepciona, segundo o jornal, a ausência de bandeiras e protestos. No lado do casal, seus ditos, em (6dd) e (6de) apontam para a criação de uma memória de desorganização do evento, ao mesmo tempo em que parecem associar a presença de mais policiais a um evento "mais organizado". Vale ressaltar, ainda, na fala de Sidnei Silva, a negação polêmica em "não vi brigas", pressupondo sua existência e, de certa maneira, sua naturalização como elemento constante da passeata. Já do lado do economista, como afirmado anteriormente, despontam valores negativos para a ausência de bandeiras e protestos. Ao se tematizar a decepção do jovem frente a um trio elétrico onde "só tinha bebida", seria possível entrever um apagamento da força política da ocupação dos espaços. Em outras palavras, "bandeiras" e "protestos" apareceriam como elementos que caracterizariam o ato político, fronteirizando-o. Deslizamento notável, sobretudo em comparação com a fala de Bianca, de que a Parada configuraria uma "força política forte". Sem apontar para uma visão "correta" dos sentidos do político, restringimo-nos aqui a iluminar sua movência, observável, inclusive, entre enunciadores que ocupam o mesmo espaço.

Finalmente, com relação aos anos anteriores analisados, outro mecanismo surge com relação à apropriação da fala do outro pelo jornal. Na última página dedicada à manifestação, seis frases são destacadas, indicando-se seus autores logo abaixo (6do, 6dp, 6dq, 6dr, 6ds, 6dt). Mais uma vez, é possível entrever nessas falas torções nos sentidos da política.

É o caso, por exemplo, da fala do produtor cultural Darby Daniel, que define a Parada como um "aviso à sociedade de que ainda existe muito preconceito", sugerindo uma força da Parada enquanto instrumento de visibilidade da questão LGBT, conforme sugerido nos capítulos iniciais. Ao mesmo tempo, a fala de Maria Grazia Justa, professora, define a parada como o "radicalismo da liberdade, onde todo o mundo vai aos extremos". Ainda que não se saiba exatamente a que extremos a depoente se refere, o termo empregado "radicalismo" pode evocar, igualmente, uma memória política, configurando outra possibilidade de sentidos. De

maneira semelhante, a fala de Régis Lima aponta para uma positividade da existência de “um evento no qual a gente pode se mostrar como de fato a gente é”.

Encerro essa abordagem com a análise de duas outras duas falas que, justapostas, parecem se colocar em posições distintas quanto ao caráter de festa da Parada, demonstrando, talvez, a rede polêmica em que a Parada se insere. Claudinha Tumulto, drag queen, afirma: “Sabe o que está faltando? União e conscientização entre os gays. Parada não é só festa, não!”; já Alexandre Vecchini, barista, sustenta: “É a vitrine de reivindicações de nossos direitos. Se é feito em ritmo de grande festa, ótimo!”. Em comum, a alusão à festa. Entretanto, uma rápida análise permite entrever sentidos distintos para ela.

Na fala da drag queen Claudinha Tumulto, a negação polêmica (“parada não é só festa”) dialoga com enunciadores que sustentam a posição de afirmação (“parada é só festa”). Estes parecem apontar para dois caminhos: um indivíduo que *participa* da manifestação puramente por seu caráter de festa; ou um indivíduo que *não participa* dela exatamente pelo mesmo motivo. A menção de Claudinha Tumulto à “falta de união e conscientização dos gays” faz tender a análise para a primeira, a partir da imagem de um enunciador desatento a determinados aspectos políticos (caracterizados pela “união” e “conscientização” dos gays). Entretanto, ao mesmo tempo, seria pressuposto que a política se faz no nível da consciência, a partir de elementos alheios à festa. Seria apagada (ou, pelo menos, desconsiderada), assim, a possibilidade de que a festa, por si só, seja política, estabelecendo (ou pressupondo) novas fronteiras.

Por sua vez, a fala de Alexandre Vecchini aponta para sentidos outros da festa enquanto ação política. Ao definir a Parada como “a vitrine de reivindicações” dos direitos de LGBT, o enunciador parece retomar a atuação política do movimento a partir de estratégias de visibilidade, tal como evocado no primeiro capítulo. Além disso, a “festa” apareceria no enunciado como uma “superposição”, uma “forma” que vem se somar à “vitrine de reivindicações”. Apontar-se-ia, desse modo, para uma ação política anterior, à qual a festa viria se somar: haveria uma reivindicação primeira a ser realizada “em forma de festa”. Em todo caso, diferente do enunciado anterior, é possível identificar sentidos positivos no “elemento festa”, ainda que não se saiba bem a razão disso.

Não se deve deixar de comentar, por fim, a própria montagem dos enunciados sobreasseverados, que se destacam no topo da página. Tal como sustenta Maingueneau (2013), “a imprensa contemporânea se sente atraída igualmente pelos conjuntos de enunciados que sofreram um destacamento forte e formam uma espécie de colagem”. Na notícia, observa-se que todos são reunidos sob o título “Diversidade” (ver anexos),

caracterizando, assim, certa pluralidade de vozes que falam pela e sobre a Parada. Ainda assim, faz-se válido lembrar que a "diversidade" das vozes destacadas tensiona a heterogeneidade constitutiva do discurso, na medida em que aponta as fronteiras do discurso outro, sugerindo que os enunciados não marcados sejam atribuíveis unicamente ao jornalista, tornando o texto objeto monolítico. Além disso, a "diversidade" sugerida no título pode também apontar para a criação de um ethos jornalístico democrático, que se abre às distintas vozes que falam sobre o evento. Ainda que seja impossível apreender todas as perspectivas da Parada, a "diversidade" denotaria uma tentativa de fazê-lo, coadunando com a ideia preconcebida de que o texto jornalístico dá voz a todos[31].

A partir dos enunciados analisados, foi possível verificar a tensão nos sentidos da política, produzidos graças à interpelação da voz alheia. Suspeitando (e suspendendo) o aparente caráter monolítico do texto, identificou-se nele uma rede de vozes que se entrecruzam, apontando múltiplas possibilidades de sentidos, que, longe de se estabilizarem, se fazem dinâmicos.

[31] Não seria, talvez, descabido aventar a possibilidade de que a multiplicidade de vozes sugerida nos enunciados destacados dialogue com certo aspecto *estatístico*, Isso se reforça, sobretudo, se considerarmos a importância desse método para o jornal, haja vista sua centralidade na notícia da página 4 do caderno de 2013 (2013b).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises, deparei-me com uma impossibilidade: seria irreal analisar a fundo todas as notícias. Na medida em que ia me debruçando sobre o *corpus*, cada vez mais percebia sua fecundidade, a profusão de sentidos que iam sendo criados, pressupostos, em terrenos que, numa primeira vista, pareciam tão estáveis. Quanto mais lia as notícias, em diálogo com minha orientadora, mais encontrávamos aspectos dignos de nota. Isso sem contar os sentidos outros que iam sendo produzidos, para elementos mais ou menos afastados da política, objeto central desta dissertação. Tal como sugerido pela banca de qualificação, havia também produções de sentidos para o gênero, para o trabalho, para o socioeconômico...

Foi preciso, então, encontrar um momento de corte.

Esse recorte é arbitrário. Não se deu por uma saturação de análise, nem muito menos por falta do que analisar. Frente à necessidade de tal recorte, relembro meu objetivo primário. Sem a intenção de esgotar a cartografia dos sentidos possíveis (tarefa impossível), quis demonstrar, através das análises, de que maneira os sentidos da política se desterritorializam. Na malha do texto vivo, foi possível observar que o sentido se mostra em mobilidade, ainda que haja uma pressão para que se suponha sua estabilidade. Desconstrói-se, portanto, o primado da "informação", aquele que supõe que falamos para transferir ideias de um intelecto ao outro, que o propósito da comunicação seja informar.

O que não significa que a comunicação seja impossível e que nunca falamos "das mesmas coisas" – afinal, diz-se, apesar de –, mas que se diz sempre mais e sempre menos do que se poderia (BERNARDO, 2013). Mais, porque não há somente uma "informação" sendo veiculada em textos, como ainda quer crer certa visão linear dos textos: haveria, além, mundos possíveis a serem criados, mundos éticos nos quais a enunciação é possível. Menos, porque, como dito na introdução, aquilo a que chamamos realidade sempre escapa aos nossos sentidos, não sendo possível, portanto, apurá-la por "completo". A sensação de completude parece, portanto, também ela arbitrária.

Para se pudesse aventar essa possibilidade, foi necessário partir de uma concepção de língua que não se fia nas palavras por si mesmas. Dito de outro modo, foi preciso não considerar um sentido dado a priori. Essa perspectiva, encontrei-a nos estudos de base enunciativa, que me forneceram as ferramentas necessárias para investigar um objeto tão particular quanto o discurso.

E tão particular quanto ele se mostrou meu segundo objeto, a Parada do Orgulho LGBT. Desde o início, quando essa dissertação ainda se encontrava em estágio embrionário e não passava de uma ideia, sabia que lidaria com uma relação delicada, onde se inseriam múltiplos atores, muitas vezes contraditórios entre si. Apesar da aparente homogeneidade, não havia consenso sobre sua forma de atuação, dentro e fora do movimento LGBT brasileiro. A neutralidade era uma ficção: engajar-se ou não no movimento proposto pela Parada parecia demarcar posições sobre a política – ora acreditando na sua força, ora denunciando um excesso de festa, como se ambos fossem incompatíveis. Tudo isso implicava uma discussão aparentemente não colocada, mas fundamental, a meu ver, para saber aonde se queria chegar: o que, portanto, é a política? Onde e como ela se faz?

Entrevi no discurso jornalístico impresso uma força importante, que apontaria para uma pressão sobre determinados sentidos de política, auxiliando a formação de uma opinião pública. Sempre recusando a ideia de uma manipulação deliberada do jornal, pude observar nos textos uma predominância do apagamento da Parada como resultado de um processo (ele mesmo, político) que permite determinados atos. Para que determinado enunciado fosse, diga-se, enunciável, era preciso partir do mesmo não dito sobre a política. Mas o não dito não parece ser marca do jornalismo, que se estabeleceria muito mais na ordem do *isto aconteceu*, *isto foi dito*, desbotando os processos.

A partir disso, e observando os temas sobre os quais o jornal trata ao noticiar a Parada, cheguei às três categorias de análise: o discurso relatado, a caracterização dos participantes e o relato do evento. Todas elas se mostraram bastante profícuas no que diz respeito à potência de investigação da mobilidade de sentidos. A primeira, pelo embate de vozes (trazidas e silenciadas) e do que dele resulta; a segunda, pela criação de subjetividades para indivíduos através do movimento textual-discursivo; a terceira, pela investigação dos pressupostos que permitiam o destaque de tal ou qual aspecto da passeata, de tal ou qual modo.

Este trabalho, portanto, não tem propriamente um fim. Considerando o interesse pelo discurso jornalístico, por movimentos sociais ou pela relação entre ambos, a Parada LGBT ainda carece de investigações, sobretudo no âmbito discursivo-enunciativo. O que se diz e não se diz, quando se noticia esse movimento? Que papel cumprem nesse jogo outros elementos, como capas, manchetes e fotos? Que interesse um trabalho desse teor com a língua tem sobre o ensino?

As questões revelam a profundidade da curiosidade que ainda suscitam esses objetos. Que sirvam, espero, como disparadoras: de novas perspectivas sobre a língua, de novas

formas de conceber o jornalismo e sua relação com o “real” ou, quem sabe, de novas possibilidades de se exercer a ação política.

**REFERÊNCIAS**

AGUIÃO, S. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”. Encontro Anual da ANPOCS. 38. *Anais*... Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012.

ARANTES, P. C. C. *Configuração de títulos e imagens de leitores em jornais populares do Brasil e da Alemanha*: uma análise comparativa. 2010. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. 2010.

ASSOCIAÇÃO DA PARADA DO ORGULHO GLBT DE SÃO PAULO. *Parada*. s/d. Disponível em: <https://paradasp.wordpress.com/parada/>. Acesso em: 21/10/2016.

AUTHIER-REVUZ, J. Héterogéneité(s) enonciative(s). *Langages*, n. 73, p. 98-111, 1984.

BAALBAKI, A. C. F. Vozes legitimadoras em interlocução: quando a mídia se pronuncia sobre concurso para professores. In: DEUSDARÁ, B. SANT’ANNA, V. L. A. (Org.). *Trajetórias em Enunciação e Discurso*: conceitos e práticas. São Carlos: Claraluz, 2007.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARBI, Sílvia Helena. A teoria polifônica de Ducrot e a Análise do Discurso. *Rev. Est. Ling*. Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 183-209, jan./jun., 1999.

BERNARDO, G. *Conversas com um professor de literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BUTTERMAN, S. *(In)visibilidade vigilante*: representações midiáticas da maior parada gay do planeta. São Paulo: NVersos, 2012.

CARRARA, S. As paradas do orgulho GLBT no Brasil e a construção de mundos possíveis. In: NETTO, F. C.; FRANÇA, I. L.; FACCHINI, R. (Org.). *Parada*: 10 anos do Orgulho GLBT em SP. São Paulo: Editora Produtiva, 2006, p. 68-69

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Linguagem e discurso*: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.

CHAVES, C. A. *Festas da política*: uma etnografia da modernidade no Sertão (Buritis-MG). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Coleção Antropologia da Política; 19)

COLETTO, L. H. *O movimento LGBT e a mídia*: Tensões, Interações e Estratégias no Brasil e nos Estados Unidos. 2013. 278 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia*: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção de cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

COTTA, D.; CABRAL FILHO, A. V. Parada do Orgulho LGBT: uma estratégia midiática de visibilidade cultural. *Políticas Públicas & Cidades*, v. 4, n. 3, p. 26-41, 2015.

CUNHA, D. da. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 129-144, jan./jun., 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plâteaux*. Paris: Les éditions de minuit, 1980.

DEUSDARÁ, B.; SANT'ANNA, V. Narrando para não explicar: mídia e sentido do trabalho dos profissionais de educação. In: SANT'ANNA, V.; DEUSDARÁ, B.. Trajetórias em enunciação e discurso: conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Ed. Claraluz, 2007. P-93-106

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FACCHINI, R. Histórico de Luta de LGBT no Brasil. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (Org.). *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011. p. 10-19.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas?* Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, salud y sociedade*, n. 3, p. 54-81, 2009.

FLORES, Valdir. Dialogismo e enunciação: elementos para uma epistemologia da linguística. *Linguagem & Ensino*, vol. 1, n. 1, p. 5-34, 1998.

FLUSSER, V. *Língua e realidade*. Rio de Janeiro: Annablume, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Missão, visão, princípios e valores*. s/d. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____. *Manual de redação*. 1996. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_introducao.htm>. Acesso em: 27 jun. 2016

_____. *Parada Gay registra recorde de público*. São Paulo, 18 jun. 2001. Caderno Cotidiano, p. C1

_____. *Passeata gay reúne 400 pessoas em SP*. São Paulo, 29 jun. 1997. Caderno Brasil, p. 4

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares*: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 282 p.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. Posição, participação e evolução das publicações. São Paulo, 2015. Mimeografado.

LACERDA, P. *O drama encenado*: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E; LAGAZZI-RODRIGUES, S. *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A. *Jornalismo e homofobia no Brasil*: mapeamento e reflexões. São Paulo: Intermeios, 2012.

MACHADO, F. V.; PRADO, M. A. M. Visibilidade, sexualidade e cidadania na Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 2. *Anais...* Florianópolis: EDUFSC, 2007.

MACRAE, E. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, L. (Org.) *Stonewall 40 + o que no Brasil*? Salvador: EDUFBA, 2011. 282p. (Coleção CULT; n. 9)

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário.* Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso.* Trad. Freda Indursky. 3ª ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Gênese dos discursos*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6ª ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MORTAIGNE, V. Le ‘coming out’ de Daniela, la diva de Bahia. *Le monde*. Paris, 11 jun. 2013

NIETZSCHE, F. Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral, trechos escolhidos. In: LEBRUN, G. (Org.) *Nietzsche*: Obras Incompletas. (Coleção: Os Pensadores). S. Paulo: Abril Cultural, 1978.

O GLOBO. *Princípios editoriais*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em: 21 jun. 2016.

PARIS, G. S. *Parada do Orgulho LGBT no Rio de Janeiro*: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

RAMOS, S.; CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 12, p. 185-205, 2006.

ROCHA, D. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. *Gragoatá*. Niterói: Ed. UFF, v. 21, p. 355-372, 2006.

_____. Enlaçamentos enunciativos em análise do discurso: quando o dizer e o dito se interlegitimam. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 1, p. 11-36, jan./abr., 2011.

_____. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014

SANT'ANNA, V. L. A. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul*: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade. São Paulo: EDUC, 2004.

SOUZA, P. de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 37-54, 2003

SUIAMA, S. G. Quando o extraordinário está nas ruas, é a revolução. In: NETTO, F. C.; FRANÇA, I. L.; FACCHINI, R. (Org.). *Parada*: 10 anos do Orgulho GLBT em SP. São Paulo: Editora Produtiva, 2006, p. 68-69

TREVISAN, J. S. A parada do amor continua. In: NETTO, F. C.; FRANÇA, I. L.; FACCHINI, R. *Parada*: 10 anos do Orgulho GLBT em SP. São Paulo: Editora Produtiva, 2006. p. 14-15

**ANEXO A** – Página da notícia de 1997 - Parte 1



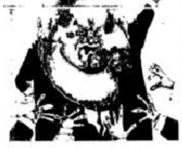
## PAINEL

**Viagem grátis**

FHC deve apoiar o projeto de Guilherme Palmeira (PFL-AL) que regula o uso da máquina administrativa na reeleição. Com alguns ajustes. Julga draconiano, por exemplo, ter que pagar pelo uso do avião presidencial.

**Paranóia brasiliense**

FHC está intrigado com a localização dos principais problemas com as PMs em Minas, Rio, São Paulo e Pará, Estados sob comando de tucanos. Suspeita de intenção de atingir seu governo.



**Via direta**

Sérgio Motta continua em alta no Congresso. Exemplo: para falar com FHC sobre a crise da polícia mineira, foi a ele que Paulo Heslander (PTB) recorreu. Nem lembrou de Luís Eduardo.

**É o fim do mundo!**

Exemplo de sociedade decadente extraído da obra "A Família", do deputado Costa Ferreira (PFL-MA): "O marido, este não poderá, segundo algumas feministas, querer sua esposa e possuí-la, quando esta não desejar".

**Volta ao passado**

Luís Eduardo entrou em rota de colisão com o relator da lei eleitoral, Carlos Apolinário (SP). Diz que liberar deputados de depositar contribuições de campanha em conta específica é convite ao desvio de dinheiro.

**Câmara on-line**

A Câmara dos Deputados terá um serviço de correio eletrônico a partir do dia 30. A página da instituição deve estrear na Internet em 15 de julho. Será possível acompanhar os projetos em tramitação pela Casa pela rede.

**Humildade petista**

O governado Cristovam Buarque (DF), que só fala em prévias para escolher o candidato do PT em 98, tem uma explicação: quer coordenar as primárias petistas. Mas, se Lula não sair candidato, até topa ir para o sacrifício.

**História oficial**

Versão de um assessor de FHC para a demissão do superintendente da Suframa, Mauro Costa: ele teria quebrado a hierarquia quando peitou o presidente ao reagir contra a demissão.

**Descanso remunerado**

Argumento usado por líderes governistas para conseguir quórum alto: se votarem tudo até o dia 18, os deputados não precisariam ir a Brasília na última semana da convocação extraordinária. Sem redução da gratificação.

**Atraso oportuno**

A lei que institui o novo Código de Trânsito está pronta e os acordos para a sua aprovação, fechados. Ela ainda não foi a plenário só para que a Câmara possa mostrar serviço durante a convocação extraordinária.

**Efeito Arena**

A bancada do PFL deve chegar a 108 deputados nesta semana. Metade da bancada de Rondônia entrará no partido: Silvernani Santos (PPB), Emerson Olavo Pires (PSDB), Expedito Júnior (PL) e Oscar Andrade (PMDB).

**Queda-de-braço**

A entrada dos deputados de Rondônia no PFL foi uma vitória do senador José Bianco, que quer ser governador em 98 e disputa o controle estadual da legenda com o outro senador do partido, Odacir Soares.

**Viola no saco**

Os tucanos não apostam mais em grande aumento da bancada em 98. Avaliam que a má imagem dos principais governadores do partido atrapalhará a legenda. Nas contas mais otimistas o partido faria 120 deputados.

**Navio sem lastro**

Foi FHC quem mandou a Receita Federal jogar duro com a Marinha e impor a fiscalização de seus navios. O presidente achou "arrogante" a reação do ministério à acusação de que seus navios eram usados para trazer contrabando de Miami.

**Brincando com fogo**

Ao dizer que, "como professor, reprovaria" juiz e promotor no caso do bloqueio dos bens de Pitta, o secretário dos Negócios Jurídicos, Edvaldo Brito, fez o impossível: uniu Tribunal de Justiça e Ministério Público. Contra o prefeito paulistano.

E-mail: painel@uol.com.br

### TIROTEIO

Do deputado Jurandyr Paixão (PMDB-SP), sobre a aproximação entre o ex-governador Orestes Quércia e deputados federais do PMDB paulista ameaçados de ficar sem legenda nas eleições do ano que vem:

— Nós não precisamos do Quércia. Ele é quem precisa de nós. Ele não ajuda, só atrapalha. Ainda não se livrou da pecha de político corrupto.

### CONTRAPONTO

## O botão e o paletó

Vice-governador paulista, Geraldo Alckmin (PSDB) recebeu na semana passada um grupo de prefeitos do Vale do Paraíba.

Eles pediram investimentos e falaram que estavam dispostos a fazer parcerias com o governo.

Nessa hora, Alckmin pediu licença para contar uma história.

Disse que em Pindamonhangaba havia um ótimo alfaiate, chamado Pascoal, que sustentava a família com dificuldade.

Uma vez, Pascoal precisou de médico e chamou um político local conhecido por dr. Lessa.

Após a consulta, Pascoal disse:

— Doutor, eu não posso lhe pagar, mas estou às suas ordens quando o sr. precisar de uma costura ou de pregar um botão.

Dr. Lessa não perdeu tempo. No dia seguinte enviou a Pascoal um botão e um bilhete:

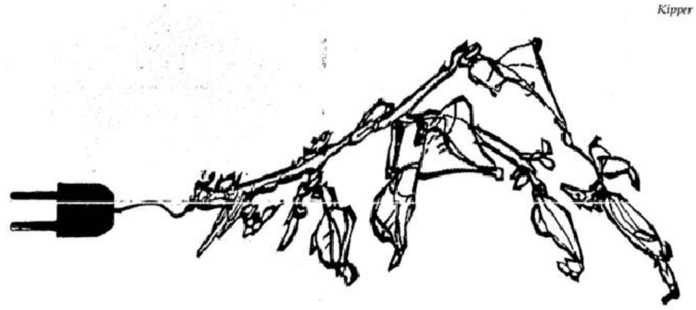
— Pregue um paletó no botão.

Depois Alckmin explicou:

— Há parcerias assim: a prefeitura quer entrar com um brejo e pede aterro, água, luz, esgoto e um conjunto habitacional.

### LANTERNA NA POPA

## *Crítica da razão curta...*



Kipper

**ROBERTO CAMPOS**

*Ao submeter ao Senado a ratificação do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), de 1968, ao qual o Brasil recusou adesão por três decênios, o presidente Fernando Henrique Cardoso põe termo a um fútil exercício de patriotada e paranóia. Estávamos até agora em crescente isolamento, pois somente Cuba, Israel, Índia e Paquistão permanecem fora desse acordo, que foi renovado em 1995, por prazo indeterminado.*

*Tornei-me um dissidente das doutrinas do Itamaraty quando, entre 1968 e 1970, em artigos e entrevistas, advoguei que o Brasil se engajasse na cruzada de não proliferação nuclear e procurasse negociar sua adesão ao TNP em troca de vantagens especiais para um programa de desenvolvimento pacífico de energia nuclear. Seria uma "grande barganha" àquela ocasião pois a adesão do Brasil era considerada de valor estratégico decisivo para evitar uma corrida nuclear na América Latina.*

*Os argumentos de nossos diplomatas e militares contra o TNP, a meu ver subestimavam gravemente:*

*— os custos econômicos da nuclearização;*

*— os custos ecológicos da poluição radioativa;*

*— o custo político-estratégico de uma corrida nuclear na América Latina;*

*— o custo político-econômico do isolamento do Brasil, pois a suspicácia internacional provocaria restrições em nosso acesso a tecnologias sensíveis.*

*A opinião pública foi, na ocasião, iludida com argumentos que se baseavam em falsas interpretações e "falsas analogias". A "falsa interpretação" era que a adesão ao TNP inibiria nossa liberdade na pesquisa nuclear pacífica. Ao contrário, o tratado preservava essa liberdade e prescrevia que os membros do clube nuclear oferecessem assistência técnica aos signatários. De resto, alguns países como Japão, Alemanha, Canadá e Itália, se tornaram signatários do acordo e conseguiram desenvolver tecnologias de ponta.*

*O falso paralelismo é que o tratado só coibia a chamada "proliferação horizontal", sem exigir compromissos equivalentes de redução do arsenal das superpotências nucleares. Ora, essa simetria refletia meramente as condições objetivas da "Real Politik"; ou seja, a confrontação entre dois sistemas antagônicos: a democracia americana, compatível com o pluralismo político e o totalitarismo soviético, baseado na ditadura do proletariado. Se os Estados Unidos não mantivessem superioridade nuclear estariam em risco as duas opções básicas do nosso sistema: a democracia e a economia de mercado.*

*De outro lado, durante as negociações bilaterais das superpotências, seria perigoso deixar que se multiplicassem os países com acesso a gatilhos nucleares. A "falsa analogia" consistia em comparar a negativa brasileira ao TNP com a de outros países não-signatários. Estes tinham inimigos claramente detectáveis. A China quiz nuclearizar-se por medo da União Soviética. A Índia, por medo da China. O Paquistão, por medo da Índia. Israel, por medo dos árabes. No Brasil, ao contrário, tínhamos uma inquietante escassês de inimigos credíveis e uma confortável Umbrella: a do Tratado Inter-Americano de Paz.*

*Também a Resolução 255 do Conselho de Segurança da ONU, de junho de 1968, previa garantia de assistência aos países não dotados de armas nucleares, vítimas de uma agressão nuclear. Por que então insistirmos no direito a fabricarmos uma "bombinha"? E por que a pertinácia da Marinha em seu "programa paralelo" do submarino nuclear?*

*Lembro de que, na réstia dos debates sobre o TNP, em 1968, no governo Costa e Silva, fui procurado no Rio pelo cientista americano Glen Seaborg, Prêmio Nobel de Física, então presidente da Comissão de Energia Atômica de Washington. Como simples ex-ministro do Planejamento, sem responsabilidades de governo, eu não era um interlocutor valioso. Convidei-o para um passeio de barco na baía de Guanabara. O homem estava frustradíssimo pela incapacidade de persuadir seus interlocutores de Brasília, da honestidade intelectual e validade econômica da proposta americana.*

*A adesão do Brasil ao TNP, era de tal importância, para evitar desperdícios latino-americanos numa corrida nuclear, que Washington se disporia a oferecer-nos um generoso programa de desenvolvimento nuclear pacífico. Isso incluiria o treinamento maciço de engenheiros em tecnologia nuclear, participação opcional no programa de "Átomos para a Paz" (que depois fracassou pela impossibilidade de eliminar efeitos radiativos nas explosões pacíficas) e financiamento concessional para termoelétricas nucleares.*

*O insucesso de diálogo com o Brasil, gerando muita suspicácia, foi agravado quando o presidente Carter, anos depois, suspendeu a garantia de fornecimento de Urânio enriquecido para o reator de Angra 1, de fabricação norte-americana. O presidente Geisel se pôs à busca de alternativas, daí resultando o acordo nuclear com a Alemanha, de 1975, bombasticamente chamado de "Acordo do Século". Paranoicamente, o acordo previa a construção de dez usinas nucleares até 1990. Anunciava-se que a partir de então, o Brasil instalaria anualmente cinco usinas nucleares, com nacionalização quase completa dos componentes. Teríamos dominado o "ciclo de energia nuclear"!... Faltavam naturalmente dois detalhes: o Brasil não tinha poupança interna par os gastos locais e a Alemanha teria que usar uma tecnologia ainda experimental, a dos "Jatos Centrífugos". Por não termos assinado o TNP, a Holanda vetou nosso acesso à tecnologia mais antiga e bem testada da "ultra-centrífugas", para cuja redescoberta a Marinha brasileira já gastou rios de dinheiro em seu "programa paralelo"...*

*O ano de 1975 foi fatídico pela junção de dois eventos — o acordo nuclear com a Alemanha e a autorização dada ao Capre (antecessor da malfadada CEI) para controlar a importação e aprovar projetos de informática. Ambos são exemplos de monumental desperdício. Sempre tive dificuldades de entender como o presidente Geisel, intelectualmente honesto e setorialmente bem informado, tinha tanta capacidade de se enlear com patriotadas paranóicas. Era conhecida sua paixão pela Petrossauro (fábrica de déficits cambiais) e encantou-se com o nacionalismo informático e com o "Domínio Completo do Ciclo Nuclear". Esses três temas devem aliás fazer parte de nosso "imbecil coletivo", pois mesmerizavam tanto políticos de esquerda quanto militares de direita. Um detalha bizarro é que Juscelino Kubitschek, cassado pela Revolução, escreveu de próprio punho uma declaração em 8.7.75, na qual felicitava o presidente Geisel pelo acordo nuclear com a Alemanha, descrevendo-o como "o ato mais importante praticado pela Revolução nos últimos dez anos" (CIC)!*

*A sensatez em matéria nuclear só começou a voltar à América Latina em 1980, quando o Brasil e a Argentina assinaram um acordo de cooperação nuclear, que culminaria em 1987 com visitas recíprocas dos presidentes Sarney e Alfonsín às instalações secretas dos dois países. Em 1981, assinar-se-ia um acordo quadripartite para aplicação de salvaguardas, envolvendo inspeção mútua dos dois países, com participação da Agência Internacional de Energia Atômica. Em 1994, o Brasil ratificaria o Tratado de Tlatelolco, que prescreve definitivamente o uso de armas nucleares na América Latina.*

*Vinte e dois anos se passaram desde o acordo com a Alemanha, e até hoje a Nuclebrás (hoje INB) só gerou cinco subsidiárias (filhotes de dinossauros) e nenhum só mísero kilowatt de energia! Espero que tenhamos aprendido a lição de que o ingresso no clube das armas nucleares não é passaporte para o desenvolvimento. Rússia e China, há muito estão no clube e continuam subdesenvolvidos, enquanto que signatários do TNP, como a Alemanha, Japão, Itália e Canadá, são ricos em várias espécies de tecnologia, inclusive a nuclear.*

*Quando jovem filósofo, eu queimava pestanas lendo as obras clássicas de Kant — a "Crítica da Razão Pura" e a "Crítica da Razão Prática". Para entender a paranóia brasileira em matéria nuclear é preciso um livro que Kant não escreveu e que eu não teria capacidade de escrever: "Crítica da Razão Curta".*

**Roberto Campos, 80, economista e diplomata, é deputado federal pelo PPB do Rio de Janeiro. Foi senador pelo PDS-MT e ministro do Planejamento (governo Castello Branco). É autor de "A Lanterna na Popa" (Ed. Top books, 1994).**

**Incêndio queima andar da Central do Brasil**

Um incêndio queimou ontem o 13º andar da Central do Brasil, no Rio. Não houve feridos, mas os trens pararam das 4h às 6h30.

**Passeata gay reúne 400 pessoas em SP**

Cerca de 400 pessoas acompanharam ontem na avenida Paulista a 1ª Parada Gays, Lésbicas e Travestis, segundo a PM. Três pistas da Paulista foram interditadas.

**FOLHA DE S.PAULO**
Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

**Agência Folha** - Se você quer comprar direito de uso de fotos ligue para (011) 224-3123 e de serviços jornalísticos ligue para (011) 224-3714, e-mail: agencom@uol.com.br

**Assinatura** - Para assinar a Folha ligue em S. Paulo para 224-3000. Discagem Direta Gratuita (outras cidades) 0800-15-8000

**Atendimento ao assinante** - Se você tem dúvidas, queixas ou sugestões, ligue de 2.ª a 6.ª das 7h às 19h e sábados, domingos e feriados das 7h às 14h para (011) 224-3090*, o endereço eletrônico é: saa@uol.com.br

**Classifolha** - Se você quer anunciar, ligue para (011) 224-4000

**Folha Emergência** - Se você tem conhecimento de alguma ameaça a direitos ou de alguma violência ilegal, ligue a qualquer hora para (011) 224-3505, e-mail: emergencia@uol.com.br

**Ombudsman** - Se você se sentiu prejudicado pelo noticiário ou encontrou algum erro em edição da Folha, ligue das 14h às 18h para 0800-15-9000 **. O endereço eletrônico é: ombudsman@uol.com.br

**Universo Online** - Se você quer acessar a Folha pela Internet, o endereço é:

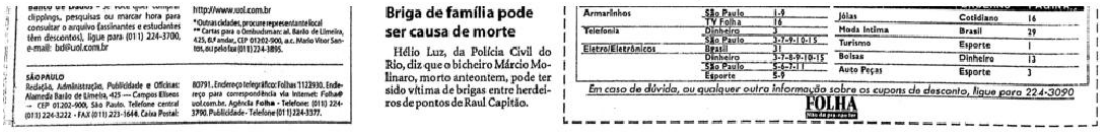
**Veja onde encontrar todos os cupons de desconto publicados nesta edição**

**Como utilizar os cupons de desconto do Folhão.**

Ao folhear esta edição, em vários anúncios você vai encontrar cupons de desconto. É fácil identificar esses cupons: todos eles trazem de forma padronizada uma ou mais ofertas dentro de um campo cercado por uma linha pontilhada. (Para localizá-los mais rapidamente, consulte o índice abaixo.) Lá você fica sabendo o produto que oferece desconto e o valor ou porcentagem desse desconto. Recorte o cupom na linha pontilhada e vá até a loja que anunciou a oferta. Na hora do pagamento, apresente o cupom e você ganha o desconto indicado. Simples, não? E não esqueça: com apenas um desses descontos que você aproveita, o seu Folhão de domingo já pode sair de graça.

| SETORES | CADERNO | PÁGINA | SETORES | CADERNO | PÁGINA |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |

**ANEXO B** – Página da notícia de 1997 - Parte 2



clippings, pesquisas ou marcar hora para consultar o arquivo (assinantes e estudantes têm desconto), ligue para (011) 224-3700, e-mail: bd@uol.com.br

http://www.uol.com.br

*Outras cidades, procure representante local
** Cartas para o Ombudsman: al. Barão de Limeira, 425, 6º andar, CEP 01202-900, a.c. Mario Vitor Santos, ou pelo fax (011) 224-3895.

SÃO PAULO

Redação, Administração, Publicidade e Oficinas: Alameda Barão de Limeira, 425 — Campos Elíseos — CEP 01202-900, São Paulo. Telefone central (011) 224-3222 - FAX (011) 223-1644. Caixa Postal: 80791. Endereço telegráfico: Folhas 1122930. Endereço para correspondência via Internet: Folha@uol.com.br. Agência Folha - Telefone: (011) 224-3090. Publicidade - Telefone (011) 224-3377.

**Briga de família pode ser causa de morte**

Hélio Luz, da Polícia Civil do Rio, diz que o bicheiro Márcio Molinaro, morto anteontem, pode ter sido vítima de brigas entre herdeiros de pontos de Raul Capitão.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Armarinhos | São Paulo | 1-9 | Jóias | Cotidiano | 16 |
| | TV Folha | 16 | Moda Íntima | Brasil | 29 |
| Telefonia | Dinheiro | 3 | Turismo | Esporte | 1 |
| | São Paulo | 2-7-9-10-15 | Bolsas | Dinheiro | 13 |
| Eletro/Eletrônicos | Brasil | 21 | Auto Peças | Esporte | 3 |
| | Dinheiro | 3-7-8-9-10-15 | | | |
| | São Paulo | 5-6-7-11 | | | |
| | Esporte | 5-9 | | | |

*Em caso de dúvida, ou qualquer outra informação sobre os cupons de desconto, ligue para 224-3090*

FOLHA

**ANEXO C** – Página da notícia de 2001 - Parte 1

Tel.: 0/xx/11/3224-3602
E-mail: cotidian@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/3224-2285

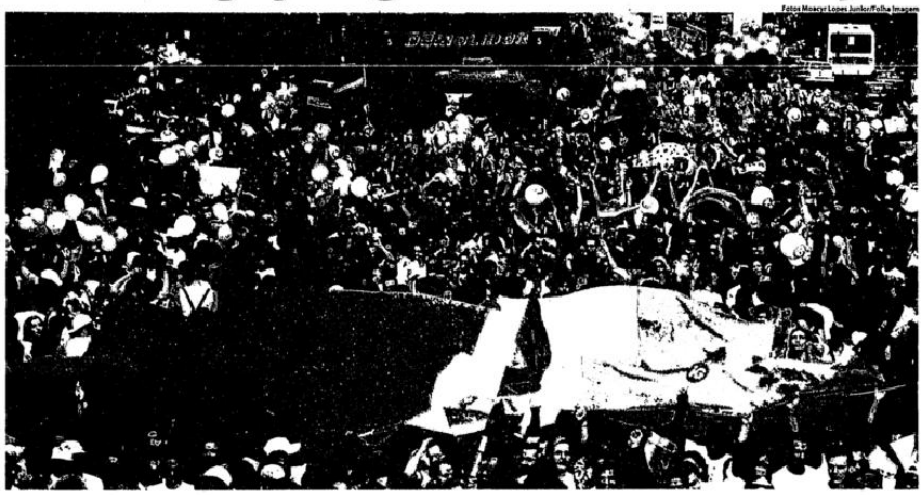
FOLHA COTIDIANO

Serviço de atendimento ao assinante: 0/xx/11/3224-3090

PÁGINA C 1 ★ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2001 ★ CONCLUÍDO ÀS 23H39

**SÃO PAULO** *Polícia Militar estima que 200 mil pessoas participaram da quinta edição do evento, o maior do gênero no país*

# Parada gay registra recorde de público



Fotos Moacyr Lopes Junior/Folha Imagem

SÍLVIA CORRÊA
ESTANISLAU MARIA
FABIANE LEITE

DA REPORTAGEM LOCAL

A 5ª Parada do Orgulho GLBT (de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), realizada ontem no centro de São Paulo, contou com o maior público já registrado em eventos do gênero no país.

De acordo com a Polícia Militar, que manteve 400 policiais na área, cerca de 200 mil pessoas acompanharam a caminhada das 15h às 20h. Entre elas estavam a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e o deputado José Genoino, pré-candidato petista ao governo.

Nas edições anteriores, a parada reuniu de 2.000 pessoas (1997) a 100 mil (2000). O número deste ano põe o evento paulista entre os maiores do mundo, atrás de Sydney e Nova York (500 mil), Berlim (350 mil), San Francisco (300 mil) e Paris (250 mil).

As ruas do centro foram interditadas, provocando nove quilômetros de filas nas avenidas Paulista, Rebouças e proximidades.

O dia do orgulho gay surgiu em todo mundo depois de um confronto entre homossexuais e policiais, em 28 de junho de 1969, em Nova York. Mas o tom crítico do ato cede, ano a ano, lugar à festa.

Ontem, ela foi um verdadeiro Carnaval fora de época, com 12 carros de som, três ônibus, arcoíris de bexigas e bandeiras de seis cores — símbolo GLBT —, que representam a vida (roxo), o coração (laranja), o sol (amarelo), a natureza (verde), a harmonia (azul anil) e o espírito (violeta). Mas não faltaram bandeiras do PSTU e da CUT e cartazes contra o preconceito, além da distribuição de 50 mil preservativos.

O principal motivo da manifestação era celebrar a liberdade de opção. E, por ela, misturaram-se jovens garotas de mãos dadas, drag queens, 400 voluntários, pais com filhos nos ombros, viúvas com cachorrinhos e muitas famílias. O slogan da parada pedia que os participantes abraçassem a diferença. E eles abraçaram.

"Vim para dizer ao presidente que o Brasil tem de ser alegre assim", disse a aposentada Helena Vieira Vinhal, 70. "Queremos que ele cresça respeitando a diferença", disse o professor Vicente Valery, que, acompanhado pela mulher, Flávia, levava o filho Antônio, 2, nos ombros.

A multidão começou a se concentrar às 14h na Paulista. Pouco depois das 15h, a parada foi aberta por um discurso da prefeita (leia abaixo). Em seguida, Edson Cordeiro cantou o Hino Nacional e o hit "I will survive", que levantou a multidão que tomava um quilômetro de avenida. As calçadas também estavam lotadas e chovia papel picado dos prédios.

O abre-alas chegou à praça da República às 17h50. Às 19h, os participantes cantaram o "Hino à Diversidade" e a "Ave Maria", dedicada ao adestrador Edson Neris, morto em 2000 por carecas na praça da República. A festa terminou às 20h, sem incidentes.

## Desfile tem muito decote e topless

DA REPORTAGEM LOCAL

Pelo visual de muitos participantes da 5ª Parada GLBT, a onda do silicone, que seduziu até a musa Luma de Oliveira, vem crescendo também entre os travestis.

Dançando sobre os carros de som ou no chão, muitos homossexuais desfilaram seus peitos na Paulista, sem economizar no topless nem nos decotes.

Samantha, 23, fantasiada de Branca de Neve, apenas de capa e calcinha, disse ter feito aplicações também no bumbum e nos lábios. "Já que São Paulo não tem praia, temos de aproveitar aqui."

Aretusa, 19, dançarina de boate, disse que deu "uma calibrada" para o desfile deste ano. "No ano passado, desfilei comportada. Mas agora quis mostrar meus peitos novos", afirmou, sem contar quantos mililitros aplicou.

Com a animação da parada, um travesti, ao som de "It's Rainning Men", chegou a subir e dançar no alto do guindaste de um caminhão da Eletropaulo, cujos técnicos faziam reparos na fiação de um poste.

Para alguns, no entanto, a alegria não foi completa. Depois de passear no trenzinho das lésbicas, Daniela, 25, e a namorada, Clarice, 32, ambas corintianas, ficaram desconsoladas, às 17h, ao saber da derrota por 3 a 1 para o Grêmio no estádio do Morumbi.

Na esquina da Paulista com a Consolação, Wilson, 33, e Sílvio, 35, bateram boca por causa do clima de paquera e muita azaração. Sílvio estava com ciúmes e queria voltar para casa. "Não aconteceu nada. Só encontrei alguns amigos", repetia Wilson. (EM E5C)

**DESFILE** Acima, vista geral da parada, na avenida Paulista; à direita, o travesti Marcela e manifestante que ironizou a crise energética e se apresentou como o personagem "Apagay"; abaixo, drag queen caracterizada como Carmen Miranda na avenida Consolação

COMENTÁRIO

## *Pirulitos e ódio*

MARCELO RUBENS PAIVA
ARTICULISTA DA FOLHA

No instante em que 200 mil pessoas na avenida Paulista começaram a caminhar pelo fim da intolerância, no outro canto da cidade, no Morumbi, milhares de torcedores deram as boas-vindas ao juiz de Corinthians e Grêmio "duvidando de sua masculinidade".

A distância entre o que rolou na Parada do Orgulho Gay e na final da Copa do Brasil é mais um dos enigmas brasileiros.

Na parada, gays, lésbicas e simpatizantes caminharam juntos. No estádio, grades separam os opostos. Na parada, cantou-se. No jogo, torcedores costumam entoar "Juiz veado, juiz veado".

Na Parada, policiais em motos abriram espaço para os manifestantes, como da Moleca (Movimento Lésbicas de Campinas), passarem. No jogo, a polícia cercou os torcedores para eles não safrem dos limite. Na Parada, um Enquanto um grupo cultua a paz, o respeito pela diferença, o outro se comporta como fera enjaulada pronta para arrebentar o inimigo.

Deve-se dar um desconto ao que é proferido num jogo. A catarse de uma torcida é como uma celebração coletiva para homenagear nossos antepassados. Torcedores pulam, batem pernas, urram, acendem fogueiras, atacam com lanças (mastros de bandeiras). São tribos contra tribos, em luta por um espaço na arquibancada, defendendo o seu território.

E, na limitada semântica desta batalha, tudo o que é dito é para menosprezar o inimigo. Alguém decidiu que chamar o outro de veado diminui tal pessoa. Quem decidiu? Anos de intelerância.

"Movimento gay é coisa de veado", diz o machão da crônica "Homem que é Homem", de Luis Fernando Veríssimo, publicada no livro "As Mentiras que os Homens Contam" (Objetiva).

Quem não tem "hombridade",

## Marta promete semana GLBT

DA REPORTAGEM LOCAL

A prefeita de São Paulo, Marta

## Personagem da TV inspira fantasia

DA REPORTAGEM LOCAL

Parada gay é uma festa de muita gente fantasiada. Não faltam personagens da TV, ao lado de Brancomo designer gráfico, estava de vestido azul e usava colares de conta cobrindo o rosto. "Vim fantasiada de Iemanjá, inspirada na novela das oito [Porto dos Mila-

**ANEXO D** – Página da notícia de 2001 - Parte 2

grupo animado jogava pirulitos e camisinhas. Num estádio, jogam-se pedras e bombas caseiras.

Na parada, havia as cores do arco-íris, bandeiras do PSTU, faixas das Católicas Gays e transexuais de freirinha, abelhinha, anjinho, Batman, Mulher Maravilha, militar, babá, com balões nas mãos ou apitos, dançando.

Num jogo, se alguém entrar com a camisa errada, leva pau. A maior brutalidade que se viu na Paulista foi o gesto de uma drag passando batom.

Tal disparidade levou a PM a montar um esquema especial nas estações do metrô, temendo o encontro de culturas tão diversas.

palavra sinistra para designar conteúdo elevado de macheza e virilidade, não deve pertencer ao grupo dos boleiros. Jogador que não entra pra quebrar é frouxo. Time que joga mal é porque entrou de salto alto. Jogador que faz firulas sai do campo de maca.

Num grupo, respeita-se a diversidade. No outro, há um uniforme, um mesmo grito e ódio pelos oponentes.

Dificilmente haverá um dia que um juiz não seja recepcionado com dúvidas sobre a sua opção sexual. E seria muito engraçado se, um dia, milhares de torcedores gays e lésbicas gritassem, para ofender o juiz: "Hétero, hétero..."

Suplicy, prometeu ontem organizar no ano que vem uma semana cultural na capital dirigida à comunidade GLBT. A idéia é atrair turistas e celebrar a cidadania.

A afirmação foi feita quando a prefeita deixou a parada, às 16h, na esquina da avenida Paulista com a rua Augusta, depois de ficar uma hora em cima do carro abre-alas, de onde atirou beijos, dançou e cantou, sendo saudada aos gritos pelos participantes.

Tanto na entrevista que deu aos jornalistas como no discurso que abriu a festa, Marta definiu São Paulo como uma cidade que simboliza a diversidade e respeita o direito de opção. (SC E EM)

cas de Neve e Chapeuzinhos Vermelhos. Em comparação ao ano passado, havia ontem bem menos Felticeiras. Mas Ninjas, Enfermeiras do Funk e até a Proibida da G (alusão à Proibida do Funk e à revista homossexual "G Magazine") estavam lá; a Mulher Maravilha, Batman e Robin também.

Uma Iemanjá, toda de azul, dividiu a avenida Paulista com clones do Pitbicha, personagem do humorista Tom Cavalcante, no programa "Zorra Total".

"Só não vim de 'cueca de couro'", disse o vendedor de discos Arnaldo Giovanelli, 22, repetindo o bordão do Pitbicha.

O travesti Dindry, que trabalha

gres]", disse. "Aquele Guma [personagem de Marcos Palmeira] é inspiração que não acaba mais."

Ironizando a crise de energia, um travesti todo de preto repetia o nome de sua fantasia: "Apagay".

Uma faixa criticava o presidente. "FHC, saia do muro; omissão gera violência", dizia o protesto.

Até dois zapatistas solitários, que se diziam heterossexuais, desfilaram atrás do último carro, empunhando uma faixa contra o capitalismo. Com o lenço característico cobrindo o rosto, acompanharam toda a parada. "Somos todos oprimidos. Viemos trazer solidariedade", disse o estudante Alessandro Soares, 23. (EM E SC)

**ANEXO E** – Página da notícia de 2005 (Cotidiano p. 1)

FOLHA COTIDIANO

Tel.: 0/xx/11/3224-3402
E-mail: cotidian@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/3224-2285

Serviço de atendimento ao assinante:
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Demais localidades 0800-775-8080

PÁGINA C 1 ★ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2005 ★ CONCLUÍDO ÀS 23H24

**DIVERSIDADE** *Segundo a polícia, o evento teve 1,8 milhão de pessoas; militantes falavam em 2,5 milhões e celebravam recorde*

# Parada Gay tem ampla presença feminina

André Porto/Folha Imagem

ARCO-ÍRIS PAULISTA | Bandeira do movimento GLBT estendida sobre a avenida, logo após o início da Parada Gay, ontem à tarde; público foi de 1,8 mi

Fernanda Mena/Folha Imagem

ENTRE MULHERES | As amigas Taís, Marina e Fernanda, para quem as meninas saíram do armário após novela; abaixo, casal empunha a bandeira do movimento

Fotos Emiliano Capozoli B./Folha Imagem

AFETO EXPLÍCITO | Homens trocam beijos em meio à multidão

Vidal P. Calvo/AP

TODAS AS IDADES | Nem só adolescentes estiveram na parada: na foto, Sueli Pacífico, 50, e Fátima Brilhante, 51

LAURA CAPRIGLIONE
FERNANDA MENA
DA REPORTAGEM LOCAL

Na gíria, "bolachas" são as lésbicas. E as lésbicas Lucia Lourenço, a Gal, 33, e Karina Melo, 26, há quatro anos morando juntas, cantavam e dançavam a música com refrão: "Sou bolacha, sou criança, sou bolacha", enquanto acompanhavam um dos 23 trios elétricos que animaram ontem a 9ª edição da Parada Gay de São Paulo.

Gal trabalha em telemarketing e Karina é operadora de máquina. As duas comemoravam a presença maciça do mulherio. "Viu como tem mulher? É um monte de armários se abrindo para a vida."

No trio elétrico da Amam, Associação das Mulheres que Amam Mulheres, a advogada Maria Stella Moreira Pires, a Mana, 62, dizia nunca ter visto parada gay com tamanha participação de mulheres. "Talvez já sejamos maioria."

Motoqueiras com jaquetas de couro, senhoras com perfil de professoras universitárias, jovens estudantes ou darks, como Aline da Silveira Correa, 19, "bissexual", segundo a própria definição, piercing no lábio inferior, comissária de bordo. "A gente veio para mostrar que não temos vergonha do nosso prazer livre e feliz."

O evento que reuniu tantas "bolachas" começou à tarde, com uma concentração na avenida Paulista, em frente ao Colégio Objetivo, de onde saiu em passeata rumo à praça da República.

Do alto do trio elétrico da organização, uma drag queen militante do Grupo Gay da Bahia proclamava a proeza: "Já somos 2,5 milhões na avenida. Este é o novo recorde mundial de uma parada gay". Enquanto isso, a Polícia Militar quantificava a presença de público em 1,8 milhão de pessoas, com base em levantamento concluído às 20h30 e realizado com a ajuda do helicóptero Águia, que sobrevoou o mar colorido de gente que lotou a avenida Paulista.

Foi uma enorme brincadeira, regada a litros e mais litros de cerveja, whisky falsificado e vinho barato. Uma diferença e tanto em relação à Marcha para Jesus, acontecida há quatro dias na mesma avenida Paulista, onde o álcool, praticamente proscrito, cedeu lugar ao refrigerante. Aqui e ali, ontem, viam-se manifestantes fumando um cigarro de maconha, enquanto dançavam ao som de Gloria Gaynor, Ivete Sangalo, Cazuza e Cássia Eller.

Na "farra dos invertidos", como um motorista de táxi irritado pelo trânsito pesado nas imediações da Paulista referiu-se ao evento, cabiam todas as ironias sobre os papéis sexuais. Ao ver que os gays homens encharcavam o chão da calçada do parque Trianon, um grupo de meninas na esquina da alameda Casa Branca, fingiu urinar em pé no tronco de uma árvore. Ao lado delas, um amigo, agachado, imitava o jeito feminino.

O dia foi de mulheres recém-destrancadas do armário, como as avós Mathilde da Motta, 58, e Adelita Munhoz de Albuquerque, 62, "O nome é de quatrocentona, mas não sou nada disso, meu bem." Adelita chegou às 11h com a namorada Mathilde na Paulista. Foi a primeira vez que compareceu à parada. "Se tem lésbica no horário nobre da Globo, se pago meus impostos e sou dona do meu nariz, quem vai me proibir de vir com minha namorada?", perguntou enquanto tascava em Mathilde um beijo tão casto quanto os "selinhos" de Hebe Camargo em convidados do SBT.

As "bolachas" ainda são mais tímidas. Ao lado delas, muito à vontade, desfilavam gays como Rogério de Mattos Cardoso, 19, e Cleomilson Bezerra de Souza, também 19, delineador marcando os enormes olhos castanhos. Sem camisa, esquálidos, eles trocavam beijos lascivos de língua, enquanto beliscavam um o corpo do outro.

## Serra evita falar sobre projeto de união civil

DA REPORTAGEM LOCAL

O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), ficou menos de meia hora na avenida Paulista e foi embora sem responder se é favorável ou não à união civil entre homossexuais —justamente o tema da 9ª edição do evento.

Ao subir ao palco, Serra recebeu vaias e aplausos. Fez, então, um discurso de dois minutos em que disse que "a cidade tem os braços e as mentes abertas às diferenças e à diversidade".

Em seguida, o prefeito foi questionado sobre sua posição com relação ao projeto de lei que estabelece a união civil entre pessoas do mesmo sexo —proposta apresentada no Congresso há dez anos pela ex-prefeita Marta Suplicy (PT). Ele deu as costas e não respondeu.

Já Marta ficou mais de três horas na parada e aproveitou para iniciar a campanha para o governo do Estado. Militantes do PT distribuíram camisetas com a inscrição "Marta 2006".

Marta defendeu o projeto de parceria civil entre homossexuais.

"Dez anos é uma data importante para lembrar dele. Apesar de estar ultrapassado, é bom que se vote, porque lei é lei."

A ex-prefeita de São Paulo visitou dois trios elétricos e passou de um para outro caminhando no meio da multidão, onde posou para fotos com quem pediu e autografou até bilhete-único.

Ela também recebeu alguns protestos. O presidente do PT, José Genoino, não desgrudou do seu lado.

(FSESH)

formou num "darkroom" —sala escura, em inglês, típica dos clubes gays. "Vim aqui sacar R$ 10 e acabei transando com um cara", contou o produtor Mário (nome fictício), 35. "O Itaú patrocinou o 'darkroom' da parada!", brincou.

### Big Brother

O professor Jean Wyllys, primeiro homossexual assumido a ganhar o "reality show" "Big Brother Brasil", da Globo, foi o famoso mais aplaudido. Do alto do trio-elétrico, respondia aos gritos histéricos dos fãs jogando beijos.

Outro que arrancou suspiros da comunidade gay foi o ator Bruno Gagliasso, que faz na novela "América" o papel de um garoto que está descobrindo sua homossexualidade. Gagliasso protagonizou o momento hétero de um grupo de "bolachas". De mãos dadas com as namoradas, elas esqueceram suas duplas ao saber que o galã escondia-se em uma van. Com gritinhos de fãs, procuraram papéis onde o rapaz pudesse autografá-los. Conseguida a assinatura, voltavam a segurar as mãos das companheiras.

De bonés, calças largas e camisetas de grupos de rap, Edson Dias, 21, e dez amigos metalúrgicos saíram do Jardim Ubirajara (extremo sul) com um único objetivo: caçar mulher.

"Apesar de a maioria aqui ser lésbica e não liberar beijinho nenhum, tem umas minas perdidas por aí. Eu, pelo menos, catei uma", diz. "Catei três", vangloria-se Leandro Guimarães, 19.

A polícia não registrou ocorrências graves no evento até o fechamento desta edição.

Fotos Karime Xavier/Folha Imagem

CARA DE UM... | Os "marinheiros" Maurício e Ricardo; as "militares" Dandara e Ziza; os descamisados Alberto e Alexandre; Márcio e Luciano, "siameses" (esq. para a dir)

HERÓINAS Rogério Vieira, Fábio Carvalho e Roberto Braga, todos vestidos de Mulher Maravilha

AMOR EM DUAS RODAS Princesa e Rainha, vestidas de motoqueiras, trocam carícias na Paulista

**DIVERSIDADE** *Na Paulista, casais, duplas e trios usam fantasias idênticas de militares, marinheiros e motoqueiras, entre outras*

# 'Siameses' usam roupas iguais em parada

PAULO SAMPAIO
DA REVISTA

Não é falta de criatividade, é excesso: vestir-se sozinho de Mulher Maravilha não satisfaz o assessor parlamentar Rogério Vieira, 36. Ele costuma freqüentar a passeata com dois amigos, o professor Fabiano Carvalho, 31, e o auditor oficial Roberto Braga, 32, fantasiados da mesma forma. "A gente sempre sai igual. Já nos vestimos de Pedrita, freira, vaquinha e Chapeuzinho Vermelho", diz Vieira.

Os três não eram os únicos "gays siameses" da parada. Havia padres, militares, marinheiros, motoqueiras e caubóis: "A gente se conheceu na Vieira [de Carvalho] e, logo de saída, viu que éramos almas gêmeas: um é mais cabeça, outro, mais impulsivo; os dois têm o mesmo signo [aquário] e quase a mesma altura [1,87m e 1,83m]. Na cama, eu sou passivo, ele, ativo", conclui o caubói Alexandre Lopes, 35, que na "vida real" é gerente financeiro —seu namorado, Alberto Souza, 31, é coordenador de ONG.

A poucos metros estão as drag-queens militares Dandara, 26, e Ziza, 24. "A gente veio de Campinas em uma excursão. Nos montamos no ônibus", diz Dandara, que é diarista em Campinas. No carro da Amam (Associação de Mulheres que Amam Mulheres), duas motoqueiras idênticas, mas que não querem ser identificadas, dizem que estão juntas há 13 anos "mas é como se a gente tivesse começado hoje": "Não é só em dia de parada que nos vestimos igual. Quando saímos à noite, se eu estou de preto, ela vai de branco, como o negativo e o positivo", disse "Princesa", como prefere se definir a advogada.

As duas não são as únicas "iguais" no carro. Ali, só há lésbicas, não por acaso. A presidenta da Amam, a advogada Maria Stella Pires, 62, impede um rapaz de entrar, dizendo: "O repórter tudo bem, o outro pode ficar aí fora esperando. A Amam nasceu da necessidade de ter uma visibilidade lésbica. Então, se a gente encher de homem aqui, não vai dar. Não sou gay, sou lésbica!"

Logo depois de descer do carro, a reportagem depara com uma dupla recentemente "idêntica": o terapeuta Márcio Marqueti, 32, e o técnico de enfermagem Luciano Mota, 33, descobriram que são siameses há dois dias, quando se conheceram em uma festa e perceberam que têm tudo a ver um com o outro. Eles compraram ontem camisetas amarelas com o mesmo escudo, e foram de calças capri brancas e tênis iguais. "A gente se entendeu muito", dizem.

Casados há dois anos e seis meses, os "padres" José Pires Rocha, 38, designer, e Augusto Martins Silva, 27, terapeuta corporal, dizem que queriam "fazer uma coisa bem-humorada para reagir a essa perseguição do Papa aos gays". "A igreja não nos aceita, mas nós a aceitamos. Gay é que nem computador, quem não tem um em breve vai ter", acham.

Já na rua da Consolação, a enfermeira Luciana Neves, 38, e a comerciante Patrícia Martins, 32, dizem que gastaram R$ 120 para confeccionar elas mesmas roupas de capitão de navio. Luciana, que se diz "a mocinha da relação" foi de saia embaixo do paletó, e Patrícia, o "rapaz", de calça.

## Gay 'separatista' prefere festa à desfilar na parada

DA REPORTAGEM LOCAL

Muito exibido, mas com ressalvas. Assim é o personal trainer Rogério Antônio da Silva, 35, que recebeu a **Folha** ontem para acompanhá-lo nos preparativos para a Parada Gay e numa festa diurna no Conjunto Nacional, na avenida Paulista.

Silva fez até fotos tomando banho, mas pediu para não ser associado a "bichinhas estereotipadas". Na sua própria definição, Silva é um "gay com cabeça de hétero": disse que frequenta reuniões de donos de Tigra, seu carro, gosta de esportes radicais e faz boxe.

Ele diz que poucas pessoas sabem que ele é gay. Silva se recusou a posar para fotos ao lado das "pintosas", afirmou que não fazia a menor questão de ser associado "àquelas pessoas". Só quando subiu à festa regada à champanhe disse: "Esse é o meu ambiente".

No salão, um DJ tocava música eletrônica. "Coitado, ele está com as grifes certas, mas com as medidas erradas", aponta um rapaz para um gorducho com calça Seven, camisa Fred Perry e tênis Prada. Silva faz um estilo mais espartano: tatuagens, camisa de manga curta e bermuda cargo. (PS)

**ANEXO G** – Notícia de 2009 (Cotidiano p. 1)

cotidiano
FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2009 ★ C1

Tel.: 0/xx/11/3224-3402
Fax: 0/xx/11/3224-2285
E-mail: cotidiano@uol.com.br
Serviço de atendimento ao assinante: 0800-775-8080 Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Ombudsman: ombudsman@uol.com.br

Bandeira do movimento gay é estendida na avenida Paulista

# Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP

## Sindicatos e entidades de defesa do ambiente e da saúde utilizam evento para divulgar ideias e atrair simpatizantes

DANIEL BERGAMASCO
DA REPORTAGEM LOCAL

Sem trios de boates GLS, a Parada Gay de São Paulo reforçou o tom político em sua 13ª edição, realizada ontem, do meio-dia ao início da noite.

Foi a primeira vez em muitos anos que, em meio a reclamações sobre a tarifa de R$ 10 mil para desfilar, nenhuma casa noturna participou do evento.

A produção do clima de festa ficou, então, nas mãos dos carros de militantes. Eram grupos engajados não apenas em causas especificamente gays, mas em defesa do ambiente e da igualdade racial, além da promoção de igrejas e sindicatos.

A lei estadual antifumo (que proibirá o cigarro em locais fechados de São Paulo a partir de agosto) foi uma das "marcas" divulgadas no desfile. Frases em defesa da lei estampavam camisetas e bolas infláveis gigantes, em várias cores, que eram rebatidas entre a multidão. Também havia cartazes sobre o tema no trio da drag queen Salete Campari, um dos mais festejados do desfile, com artistas como Rogéria e Leão Lobo e grande presença de go-go boys (dançarinos sem camisa, em geral de sunga branca).

Em quase todos os 20 trios que atravessaram a parada (do parque Trianon, na avenida Paulista, até a praça Roosevelt, no centro, passando pela rua da Consolação), esses rapazes descamisados, as drag queens e outros artistas dividiam espaço com mensagens de engajamento. Um dos poucos exemplares de trio majoritariamente festivo, sem ativismo evidente, era o patrocinado pelo Disponível.com, site de relacionamentos voltado para o público GLS.

Com 17 cm de salto nas botas vermelhas, a drag queen Cindy Cristal se preparava para atravessar a parada no carro da CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil). "Adoro participar dessa coisa mais cívica."

Ao seu lado, Wagner Fajardo, da CTB, explicava a que veio o trio da central, que fazia a sua primeira participação no evento. "Já somos a quarta central sindical do país, atrás de CUT (Central Única dos Trabalhadores), Força Sindical e UGT (União Geral dos Trabalhadores). Viemos mostrar que defendemos os direitos de todos os trabalhadores, gays ou não."

Representante da UGT, também em seu primeiro desfile, Cleonice Caetano celebrava a oportunidade. "A parada foi positivíssima para nós. O importante é mostrar aos trabalhadores que eles têm a quem procurar para garantir seus direitos."

A CUT também tinha trio elétrico, assim como sindicatos como os de telemarketing (Sintratel), de enfermeiros (Seesp) e de professores (Apeoesp).

Já a Comunidade Cristã Nova Esperança chamava a atenção pela militância no chão, com muitos representantes e cartazes. "Estamos aqui para mostrar que gay não é só boate mas também espiritualidade", dizia Esdraz Xavier, auxiliar de pastor na igreja.

Entre personalidades da política estiveram lá o prefeito Gilberto Kassab (DEM), o governador José Serra (PSDB) —que defendeu a união entre pessoas do mesmo sexo— e a ex-prefeita Marta Suplicy (PT).

### Abaixo-assinado

Espinha dorsal do evento, o ativismo gay ficou parado em boa parte do evento. Com o tema "Não Homofobia", um caminhão de som na avenida Paulista convidava o público a participar de um abaixo-assinado que defende projeto de lei federal que torna crime discriminar homossexuais.

"Queremos sair daqui com um milhão de assinaturas", bradava um representante ao microfone. O grupo contava com a célebre lotação do evento, que neste ano voltou a tornar caóticos alguns pontos de passagem, como a esquina do Masp, onde houve um grande empurra-empurra. A Polícia Militar decidiu não divulgar estimativa de multidão. A organização esperava 3,5 milhões.

→ LEIA MAIS C3

Participantes da parada

**ANEXO H** – Notícia de 2009 (Cotidiano p. 3)

FOLHA DE S.PAULO SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2009 cotidiano C3

» SOLTANDO AS FERAS
Os bichos serviram de inspiração para fantasias de participantes da Parada Gay: um deles se maquiou para ficar igual ao cachorro; o segundo virou uma borboleta colorida e a garota foi de gatinha

# Brigas, furtos e até bomba prejudicam clima de festa

## No incidente mais grave, morador lança artefato caseiro e fere 30 no centro

**Maior nº de ocorrências, no entanto, envolve casos de consumo excessivo de álcool; 4 caminhões com bebida são apreendidos**

FÁBIO TAKAHASHI
DA REPORTAGEM LOCAL

Excesso de álcool, brigas, furtos e até uma bomba caseira contrastaram com a festa vista ontem na Parada Gay.

No episódio mais grave, por volta das 22h, o morador de um edifício na avenida Vieira de Carvalho (centro) se irritou com o barulho de pessoas que dispersaram da festa e jogou uma bomba caseira no grupo.

Segundo a Polícia Militar, 30 pessoas ficaram levemente feridas pelo artefato. O morador não foi identificado. Outras cenas de violência ocorreram principalmente após a passagem dos trios elétricos. Próximo ao cemitério da Consolação, a **Folha** presenciou três brigas em apenas dez minutos.

"O principal problema é o abuso do álcool, apesar da enorme quantidade de apreensões de bebidas", disse o comandante da PM na operação, coronel Marcos Chaves. A Guarda Civil Metropolitana encheu ao menos quatro caminhões com bebida ilegal.

Entre os participantes, houve diversas reclamações da ocorrência de furtos. "Na multidão, minha bolsa foi mexida. Levaram a carteira com meu dinheiro, cartão e Bilhete Único", disse a operadora de telemarketing Katia de Freitas, 18.

O balanço da polícia aponta dez agressões, quatro furtos, três roubos e 11 discussões. Três pessoas foram detidas. Os dados abrangem só casos em que foi acionado o telefone 190. A organização registrou 412 atendimentos médicos: uma pessoa esfaqueada em briga, outra com fratura exposta e os demais por excesso de álcool.

"Do ponto de vista da segurança pública, a avenida ficou pequena. É uma multidão concentrada em pouco espaço. Isso dificulta nosso trabalho", afirmou o coronel Chaves.

Perto das 14h, houve empurra-empurra em frente ao Masp, na avenida Paulista, para a passagem de uma ambulância que errou o caminho —ela não usou uma rua exclusiva para chegar a um ponto de apoio e teve de abrir espaço na multidão. Algumas pessoas foram prensadas nas grades. Não houve feridos graves, segundo a PM.

Colaborou o "Agora"

Moacyr Lopes Junior/Folha Imagem

PM carrega jovem desmaiada após tumulto em frente ao Masp

## Entre os apelos, "coragem" para amar idosos

PAULO SAMPAIO
DA REPORTAGEM LOCAL

O aposentado Ricardo Aguieiras, 61, segura uma placa que lembra: "Gays idosos também são (muito) gostosos" e solicita "Seja corajosa, ame uma lésbica idosa!".

Corajosa? Mas a parada não é de orgulho? Não é o momento de gays e lésbicas idosos (ou não) agirem com dignidade?

"Muitas vezes, mesmo estando apaixonado, o jovem não namora o idoso porque tem vergonha de apresentá-lo aos amigos. Isso pode levar esse gay mais velho a voltar para o armário e acabar num asilo", acredita Aguieiras, de bermuda justa e curta, cabelos tingidos e bota de cano alto. No momento, ele está sem namorado.

Ali perto, o publicitário Sandro Rezende, 35, se submete a uma "evangelização transformadora de sua condição gay [de volta para a heterossexualidade]". Orientado por Robson dos Santos, 23, que está "lançando sementinhas" na parada, Rezende repete: "Senhor Jesus, eu te aceito como o único senhor da minha vida!".

Seu namorado, o psicólogo Antônio Feliciano, 45, diz as mesmas palavras, com a mão no peito, e considera: "Não sei ainda se vou me converter". Feliciano e Rezende são casados há cinco anos.

Alguns metros adiante, o militar gay Esdras Xavier, 36, divulga sua teoria: "Jesus nos fez assim [gays], ele planejou tudo, entende? Por isso, sabe que não estamos pecando e temos direito ao seu amor".

Mas Xavier e o grupo de amigos que seguram uma faixa da Comunidade Cristã Nova Esperança (400 membros e 14 igrejas) defendem uma "vida gay santa".

Como é isso?

"Já tive isso de ficar com um e com outro, até entrar para a igreja. Aí passei quatro anos sem namorado, sem promiscuidade", diz o militar, que há dois meses namora um torneiro mecânico.

Mas se Jesus planejou o gay, como não imaginou que ele eventualmente seria promíscuo? "A gente tem de se educar quando assume um ideal", diz Xavier, meio vago. Ele afirma que é possível ficar sem transar, "pode acreditar". "Tem gente que ficou até mais tempo que eu", diz, enquanto estende o panfleto com o site da igreja.

**ANEXO I** – Notícia de 2013 (Cotidiano p. 1)

FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2013 C1

# cotidiano

# Parada Gay encolhe e leva 220 mil às ruas de São Paulo

Segundo o Datafolha, houve redução de 18,5% no número de participantes

**Evento está mais paulistano, com menos heterossexuais e mais calouros, aponta pesquisa feita ontem**

DE SÃO PAULO
DO "AGORA"
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A chuva persistente e a temperatura média de 16ºC afastaram o público da Parada Gay de São Paulo neste ano.

Segundo pesquisa Datafolha feita ontem, o número de participantes do evento caiu de 270 mil registrados no ano passado para 220 mil, uma redução de 18,5%.

Lacunas eram visíveis em diferentes pontos da avenida Paulista, onde a passeata começou por volta das 12h de ontem. "É uma pena, mas a chuva atrapalhou", reconheceu o antropólogo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia.

Sem dizer de que forma foi calculado o público, a organização estimou em 5 milhões o número de participantes.

Para o ativista Toni Reis, 48, o importante é "a qualidade, e não a quantidade". "Isso [de quantidade] é prêmio de consolação", brincou.

No alto do trio elétrico, a travesti Kimberly, 30, caras e bocas para os flashes que vinham do público no chão, também achava que pouco importam os números.

"A parada é um movimento que tem como objetivo a luta pelos direitos da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros)."

Ao lado dela, a colega Bianca, 27, faz "sim" com a cabeça: "É uma força política forte. Quem quer lutar pela diversidade vem para cá".

Pelo jeito, o público não estava nem aí para "lutas" num dia de frio e chuva.

### MAIS PAULISTANO

Os dados mostram que em sua 17ª edição a parada também ficou mais paulistana, 63% dos participantes neste ano contra 60% no ano passado vivem na cidade.

O evento teve maior participação de "calouros" (33% estrearam na pista, contra 28%, em 2012) e menor presença de heterossexuais (caiu de 34% para 29%). Os entrevistadores ouviram 4.491 pessoas. A média de idade do público foi de 27,6 anos.

Com o tema "Para o armário, nunca mais!" a manifestação percorreu os 2,9 quilômetros entre o Masp, na avenida Paulista, até a praça da República, no centro.

O pico de movimentação foi às 15h quando a cantora

Não foram registrados incidentes graves. Após a onda de arrastões na Virada Cultura, nos dias 18 e 19 de maio, na capital, a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana resolveram reforçar a segurança. Ao todo, 2.800 agentes atuaram na parada.

### SEGURANÇA

Segundo balanços parciais da GCM e da PM, oito pessoas foram detidas. Entre elas, estava um homem que usou "indevidamente" um uniforme original do Corpo de Bombeiros mesmo sem ser um membro da corporação.

Uma outra pessoa foi presa por tentativa de furto de uma máquina fotográfica. Ainda de acordo a PM, seis pessoas foram levadas para delegacia por urinar na rua.

O comércio ambulante também foi combatido na parada – 6.530 produtos vendidos por camelôs foram apreendidos. A maioria cerveja, vinho e refrigerante. (ROBERTO DE OLIVEIRA, REGIANE TEIXEIRA, FELIPE GUTIERREZ, CAMILA GOMES, RAFAEL ITALIANI E CESAR SOTO)

» LEIA MAIS nas págs. C4 e C5

Danilo Verpa/Folhapress

Público da 17ª Parada Gay, que reuniu 220 mil pessoas em SP

**ANEXO J** – Notícia de 2013 (Cotidiano p. 4)

C4 **cotidiano** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2013 FOLHA DE S.PAULO

# Maioria tem parceiro, mas não é casada

Pesquisa Datafolha aponta que 72% dos participantes da Parada Gay de ontem pretendem se casar legalmente

**Levantamento mostra também que 42% dos participantes do evento declararam ter relacionamento estável**

DE SÃO PAULO
COLABORAÇÃO PARA A **FOLHA**

A 17ª Parada Gay de São Paulo revelou uma tendência entre os casais homossexuais paulistas: 72% pretendem se casar legalmente.

Segundo pesquisa Datafolha, 42% dos participantes do evento declararam ter relacionamento estável e outros 23% disseram morar com o parceiro ou a parceira.

Mas, quando a pergunta foi sobre o tipo de relacionamento, 67% dos entrevistados afirmaram não estar casados legalmente, mesmo com a possibilidade jurídica aberta em todo o país.

O casal formado pela empresária Mariana Lima, 42, e a diretora de planejamento Suzana Gonlandem, 37, curtia a multidão presente nos arredores da praça da República, 50 minutos após o encerramento oficial da parada.

As duas, que estão juntas há dez anos e se conheceram por meio de amigos em comum, aprovam a resolução do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), no dia 14 de maio, que obrigou os cartórios de todo país a celebrarem casamentos entre homossexuais. "É o direito de todo mundo, e, com os gays, não têm como ser diferente", disse Lima.

As duas dizem que planejam se casar em breve, mas preferem não estabelecer uma data ainda.

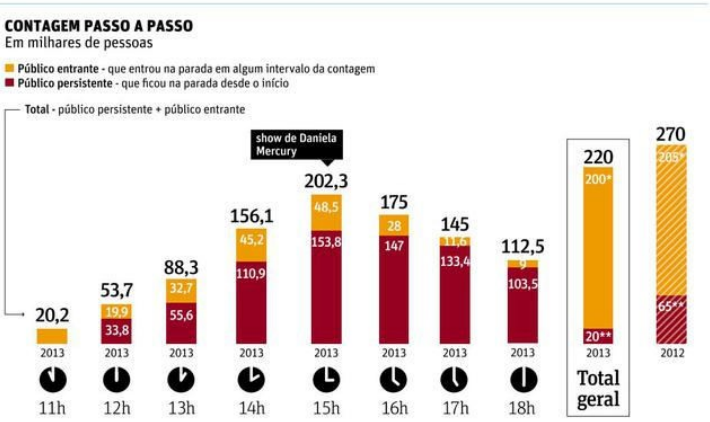
### CARAVANAS

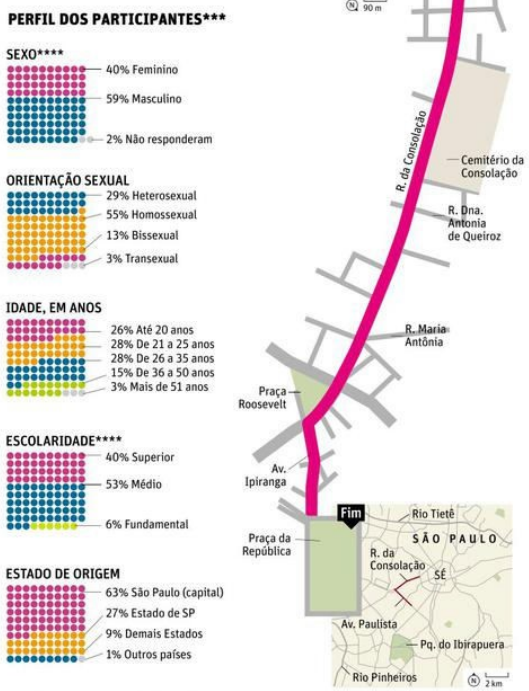
Nem só de paulistanos viveu a Parada Gay. No evento de ontem, segundo o Datafolha, 27% dos participantes vieram de outras cidades. No ano passado, foram 29%. O estudante Lucas César, 20, de São Vicente, litoral de São Paulo, estava entre eles.

Às 20h30, ele e o namorado esperavam a volta para casa. Mas teriam que aguardar até a meia-noite, pois o ônibus fretado só sairia nesse horário. César conta que essa foi a quarta vez que veio à parada. Ele diz ter considerado essa a edição mais organizada e com mais policiais.

O estilista Sidnei Silva, 27, concordou. "Não vi brigas, estava mais organizado", disse. Ele veio de Campinas em ônibus fretado.

Um pouco decepcionado estava o economista Lucas Sales, 22, que veio de Matão. "Em São Paulo não tem bandeira nem protesto. No interior, as pessoas discursam nos trios elétricos. Eu paguei R$ 300 para poder subir em um aqui e só tinha bebida."









*Pessoas que entraram e/ou saíram da parada em um determinado momento **Pessoas que ficaram na parada do começo ao fim ***Levantamento com 4.491 pessoas durante a parada ****Soma diferente de 100% devido aos arredondamentos

## MORTES

UBIRATAN JOSÉ VICTORIANO (1932-2013)

# Pianista, levou música à Santa Casa

ROBERTO SZATMARI

O diretor do laboratório ti- pi fazendo trilhas sonoras pa-

**LUCINDA MARIA BARBOSA** - Aos 87, viúva de Ivan Barbosa. Deixa oito filhos. Cemitério e Crematório Metropolitano Primaveras.

**MARIA ALZIRA VIEIRA DA SILVA** - Aos 89, viúva de Manoel Coelho da Silva. Deixa um filho. Cemitério e Crema-

às 19h, na igreja N. Sra. do Brasil, pça. N. Sra. do Brasil, 1, Jd. América.

**1º ANO**

**JULIA THEREZA DALFORNO SIMARELLI** - Amanhã, às 20h, na igreja Sagrada Face, rua Mariazinha Vicenzzoto, 41, Jardim Aricanduva.

**IN MEMORIAM**

**NAZIRA SIMÃO ALEXANDRE** - Amanhã, às 17h30, na igreja N. Sra. do Brasil, pça. N. Sra. do Brasil, 1, Jd. América.

**ANEXO K** – Notícia de 2013 (Cotidiano p. 5) – Parte 1

FOLHA DE S.PAULO SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2013 ★ ★ ★ cotidiano C5

DIVERSIDADE

"A Parada Gay é um aviso à sociedade de que ainda existe, sim, muito preconceito"
DARBY DANIEL, 70
performer e produtor cultural

"Aqui é o radicalismo da liberdade, onde todo o mundo vai aos extremos"
MARIA GRAZIA JUSTA, 50
professora, que participou do ato com o marido, Marcelo Justa, 50

"Bacana é ter um evento no qual a gente pode se mostrar como de fato a gente é"
REGIS LIMA, 29
atendente

"Sabe o que está faltando? União e conscientização entre os gays. Parada não é só festa, não!"
CLAUDINHA TUMULTO, 35
drag queen

"É a vitrine de reivindicações de nosso direitos. Se é feito em ritmo de grande festa, ótimo!"
ALEXANDRE VECCHINI, 44
barista

"Achei o tema armário, de onde saímos há tempos, importante"
SILVIA COSTA, 35
professora casada com a personal trainer Elizângela Dorneles, 33, ao lado dos filhos Victor, 4, e Maria Luiza, 5

Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

Daniela Mercury desfila em trio elétrico pela rua da Consolação, durante a Parada Gay

Victor Moriyama/Folhapress

Participantes na avenida Paulista ontem, durante o evento, que começou com chuva

# Daniela esquenta parada fria e chuvosa

## Com uma sequência de hits, discurso contra homofobia e beijo na mulher, baiana arrasta maior público da festa gay

**Trio elétrico da cantora faz parte de estratégia do governo da Bahia para 'bombar' a Parada Gay de Salvador**

ROBERTO DE OLIVEIRA
MARLENE BERGAMO
DE SÃO PAULO

O axé deu baile no bate-estaca da música eletrônica. O "tum-tum-tum" dos trios elétricos até que tentou esquentar a Parada Gay, mas quem atiçou a galera foi mesmo a cantora Daniela Mercury.

Num dia frio, de garoa incessante, até as "barbies" — aqueles gays hipermusculosos— buscavam algo para se aquecer. Por volta das 15h, quando o trio da Bahia passou diante do número 2.219 da Consolação, aí, sim, a parada finalmente pegou fogo.

Foi o momento em que Daniela abriu o show com a música "O Canto da Cidade".

Os hits se sucederam, e os discursos contra a homofobia, também. Daniela arrastou a maior multidão entre os 17 trios que participaram da Parada Gay de São Paulo — o governo baiano investiu R$ 120 mil no trio elétrico da cantora, como parte de uma ação que visa transformar a Parada Gay de Salvador na segunda maior de todo o país.

"É a primeira parada da minha vida. Estou delirando", disse Daniela à **Folha** no camarim, momentos antes de subir ao palco, onde cantou hits e marchinhas por quase

Cultura, Marta Suplicy.

"Fora, Feliciano. Eu quero é felicidade", gritou Daniela para a multidão, referindo-se ao deputado Marco Feliciano (PSC-SP), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Ligado à ala evangélica, Feliciano é considerado homofóbico e racista por entidades gays. O pastor foi o principal alvo da parada de ontem, tanto no chão como no alto dos trios elétricos.

"Só os gays se mobilizam? Ele esculhambou com os pretos, e os pretos não fizeram nada", disse Daniela, referindo-se à frase do deputado, em 2011, segundo o qual os africanos descenderiam "de ancestral amaldiçoado". Na ocasião, disse ter sido mal compreendido e que sua família "tem matriz africana". Ontem, não quis se pronunciar.

Daniela pediu tolerância às religiões afro-brasileiras. "A Constituição aceita todo o mundo do jeito que é", disse ela, que beijou sua mulher, a jornalista Malu Verçosa.

O público foi mais uma vez ao delírio. Naquela hora, a chuva engrossou, mas ninguém arredou os pés dali.

Por causa do mau tempo, guarda-chuvas viraram adereços

OSS-SPDM - Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina - Unidades Afiliadas
Convida as empresas interessadas em participar da Concorrência nº SE 16/2013, para Contratação de Empresa para Prestação de Serviço de Fornecimento, Implantação, Integração, Treinamento, Suporte e Manutenção de Software de Gestão Integrado em Saúde. **O edital estará à disposição dos interessados SOMENTE no dia 10/06/2013, das 9:00 às 17:30**, no Hospital Brigadeiro, na Av. Brigadeiro Luis Antônio, nº 2.651, 3º andar – Gestão de Contratos. Tel.: (11) 3170-6337.

## ANEXO L – Notícia de 2013 (Cotidiano p. 5) – Parte 2

duas horas. Sobre o tema da 17ª Parada do Orgulho LGBT, "Para o armário, nunca mais!", disse a cantora: "Acho que todo mundo tem que explodir o armário. A revolução sexual já aconteceu".

Em cima do trio de Daniela, um vaivém arretado: artistas, políticos, ativistas. O ator Gero Camilo estava lá, assim como o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) e a ministra da


CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

Convida o público interessado a participar da Audiência Pública que esta Comissão realizará tendo como objeto a seguinte matéria:
- Reabertura do Hospital Sorocabana como Hospital Geral
**Data:** 05/06/2013 - **Horário:** 12:00 h
**Local:** Câmara Municipal de São Paulo - Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista
Salão Nobre Presidente João Brasil Vita - 8º andar

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

Desmarcando o convite para Audiência Pública do dia 05/06/2013 às 13h e convida o público interessado a participar da Audiência Pública que esta Comissão realizará tendo como objeto a seguinte matéria:
- Prestação de Contas das Ações e da Execução Orçamentária da Secretaria Municipal de Saúde, referente ao Quarto Trimestre de 2012.
**Data:** 12/06/2013. **Horário:** 13:00 h.
**Local:** Salão Nobre Presidente João Brasil Vita - 8º andar

Galera Gol da Transamérica.
Dez anos em campo.
Não perca a promoção Galera Gol 10 anos.
Para participar, acesse transanet.com.br
Galera Gol, 2ª a 6ª das 20:00 às 21:30. Sintonize 100.1 FM.
transamericaesportes @tresportes www.transanet.com.br
10 ANOS
Galera Gol